

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

RICHARD KÜMMEL LIPKE

DA REALIDADE AO MITO E VICE-VERSA
A Aula como sistema vivo e a experiência do renascimento

São Leopoldo

2009

RICHARD KÜMMEL LIPKE

DA REALIDADE AO MITO E VICE-VERSA

A Aula como sistema vivo e a experiência do renascimento

Dissertação de Mestrado

Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação

Orientador: Dr. Remí Klein

São Leopoldo

2009

(Página reservada à banca examinadora)

RESUMO

Esta dissertação versa sobre o desejável renascimento mítico-arquetípico do parceiro pedagógico e a transformação da estrutura moderna do encontro institucional. O trabalho tem abordagem complexa, envolvendo e subordinando a Biologia, a Psicologia profunda, a Teologia e a Pedagogia umas às outras. Na Biologia de Maturana, o conceito de sistema vivo, que pode ser tanto o parceiro pedagógico quanto a Aula. Na Psicologia junguiana, o conceito de individuação, como projeto de renascimento. Na Mitologia grega arcaica, o exemplo de todas as ações nos mitos homéricos e hesiódicos, especialmente achados nos mitos do renascimento. Na Pedagogia, uma leitura de Rubem Alves, numa proposta humanística utópica, que engloba e aproxima de forma intrínseca os conteúdos biológicos, psíquicos e religiosos, que são as emergências do ser pós-moderno.

Palavras-chave: Autopoiese, Individuação, Mitologia grega, Aula pós-moderna

ABSTRACT

This dissertation concern about the desirable mythic and archetypical rebirth of the educational partner and the transformation of the modern structure of institutional meeting. The work have complex approach, is relating and subordinating to the Biology, the deep Psychology, the Theology and the Education one another. In the Maturana's biology, the concept of living system, that would be as much the educational partner as the Class. In jung psychology, the concept of Individuation, as the project of rebirth. In the archaic greek mythology, the example of all the actions in the homeric and hesiodic myths, attentively in the rebirth myths. In Education, a reading of Rubem Alves, in an utopian and humanistic proposal, that conglobate and move nearer in intrinsic form the biologic, psychological and religious contents, that are the surfaces of the postmodern being.

Key-words: autopoiesis, individuation, Greek mythology, postmodern Class

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ESTRUTURA FISIOLÓGICA E PSICOLÓGICA DOS PARCEIROS PEDAGÓGICOS.....	16
1.1 Os Parceiros Pedagógicos e a sua fisiologia conforme Maturana.....	16
1.1.1 <i>Alguns Conceitos.....</i>	<i>17</i>
1.1.2 <i>Os Sistemas Vivos e o afeto.....</i>	<i>22</i>
1.2 Os Parceiros Pedagógicos e a sua constituição psicológica na concepção ontopsicológica de Carl Gustav Jung.....	27
1.2.1 <i>Definição e estrutura da psyché.....</i>	<i>28</i>
1.2.2 <i>A simbologia da água.....</i>	<i>32</i>
1.2.3 <i>A individuação - o renascimento mítico-arquetípico do sujeito.....</i>	<i>34</i>
2 SUBSÍDIOS DA MITOLOGIA GREGA NO DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE RENASCIMENTO.....	39
2.1 A realidade política e religiosa grega entre os séculos VIII e IV a.E.C.....	40
2.2 As categorias existenciais: deuses, semideuses e humanos.....	45
2.3 A Theogonia primordial.....	48
2.3.1 <i>Deuses partidos.....</i>	<i>49</i>
2.3.2 <i>A última bipartição e a primeira cópula: Gaia e Ouranós.....</i>	<i>50</i>
2.3.3 <i>Ciclo de lutas pelo trono divino – potestades numinosas em disputa.....</i>	<i>51</i>
2.4 O monomito: a viagem do herói.....	54
2.5 Alguns mitos – Do que tratam os mitos do renascimento?.....	62
2.5.1 <i>O mito da relação Deméter-Perséfone-Hades.....</i>	<i>62</i>
2.5.2 <i>O mito da relação Hera-Heraclés-Maçãs de ouro.....</i>	<i>64</i>
2.5.3 <i>O mito por detrás da Odisséia de Homero.....</i>	<i>66</i>
3 O AGIR PEDAGÓGICO IDEAL NO SISTEMA VIVO AULA: CONSTRUÇÃO DE UM PARADIGMA PEDAGÓGICO PESSOAL BASEADO NA AUTOBIOGRAFIA.....	74
3.1 Poema ao leitor – [Ser e as Moiras].....	80

3.2 Novos conceitos – Reflexões sobre o currículo.....	82
[CONCLUSÃO] Um esboço sobre Eco-mitologia.....	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXO A – A CARTA DO HERMAFRODITA	94

Oi

Desculpe-me estas primeiras palavras não esperadas
O que aqui erigir-se-á é como a *Theogonia*
E é em pára-semelhança poética que se concebe este colóquio
Muito na oralidade
Muito na **minha oralidade**
Na oralidade mítico-figural separada por 29 séculos
Na oralidade pós-moderna-entre-parênteses

Na minha loucura
Eu vislumbro a umbralidade de tudo
Sussurrando...
(Mais ou menos)
Mas a loucura não precisa de certeza
Ela é a minha própria *alétheia**

Desculpe-me a ironia por hora empregada
O que aqui erigir-se-á é como eu mesmo
E é em Realidade mesmo que me conceito
Pouco na visão
Muito na minha cegueira
Na cegueira estampada no vítreo oftálmico
Que reluz tudo, mas nada vê

Na minha loucura
Eu vislumbro a umbralidade de tudo
Sussurrando...
(Mais ou menos)
Mas a loucura não precisa de certeza
Ela é a minha própria *alétheia*

Desculpe-me a persistência na ode
O que aqui erigir-se-á é como a persistência da vida
E é na teimosia mesmo que me completo
! Na quebra!
? No fim?
... Na morte ...
No renascimento nosso de cada dia que nos damos hoje.

* *αληθεια*: (*α* – alfa restritivo; *ληθης* – o rio do esquecimento) o não-esquecimento de mim mesmo. Aquilo que não esqueço em mim – a minha verdade. (Cf. ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Porto: Edições 70, 1963, p. 104)

INTRODUÇÃO

“No fundo, as experiências de uma pessoa são o fundamento do que ela usa para suas explicações.”¹ Citando Maturana, justifico a estrutura autoreferente e autobiográfica desta dissertação. Justifico, também, o prólogo inesperado. E, desde já, deixo precisa a experiência que ele postulou genericamente: é a experiência do *Renascimento*. O que isso significa realmente é a busca destas laudas – não tenhamos pressa em apreendê-la totalmente neste átimo de escrita, pois é meu esforço único aqui explaná-la da maneira mais completa e complexa que puder.

Com a proximidade e chegada aos meus 30 anos, vivenciei uma outra **possibilidade real** de renascimento, e é sobre esta experiência e sua influência na Aula que pretendo escrever agora. Não é o renascimento em Cristo, no qual Nicodemos recebeu o dom da vida eterna e do qual já tive longa experiência na adolescência ‘kairológica’ de minha vida, mas agora do renascimento ‘chronológico’ mítico-arquetípico do ser, bebendo numa outra realidade teológica: a pré-cristã politeísta helênica². Minha fala é sobre esta novidade autobiográfica e sua pertinência na minha história pessoal, também docente-discente.

Na aceitação pretensiosamente plena da existência da alteridade, do diferente e do *circunstancialmente* real, quero primeiramente localizar este altero-real na minha vida e fundar uma epistemologia do agir pedagógico que gera uma realidade que vai à contramão do pensamento ocidental judaico-cristão monoteísta (cientificista, moderno, entre outros adjetivos). É um pensamento arcaico (*arché*- princípio) e sua principal justificativa é esta: na *arché* da raça humana e da sua linguagem (nascimento do *logós* na Grécia por volta do século VIII a.E.C) podemos constituir um arcabouço de idéias que remodelariam a percepção da humanidade sobre si mesma. Um novo renascimento, não mais artístico-intelectual como nos séculos XIV a XVI, mas um existencial,

¹ MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 38.

² Sobre os conceitos de kairós e chronós ver GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techné**: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006, p. 36-46.

simultaneamente privado e público. Claro que quando me refiro à *arché* dos gregos, percebo que há pensamentos teológicos e existenciais antes destes. Mesopotâmicos, egípcios e tantas outras expressões ontológico-teológicas anteriores aos gregos também falam sobre suas realidades politeístas, com seus relatos orais e seus sistemas de codificação escrita pré-alfabéticos³. Também eles falam do renascimento e das relações entre os humanos e seres transcendentais, sobre o poder, a lei e outras formas de organização civil. Todavia os gregos, com seu idioma silábico, nominando o que não pode ser nomeado até ser nomeado – os deuses – parecem estar mais próximos da nossa realidade lexical, haja visto que inclusive a cristandade romana, da qual somos herdeiros diretos, ter utilizado ao seu *bel prazer* a concepção grega de linguagem artística e de estado democrático. Acontece que me parece que a parte essencial do pensamento helenístico ficou de fora desta adaptação romana: o renascimento em Cristo postulado pelo apóstolo Pedro e pelo perseguido Paulo de Tárzis suplantou o politeísmo grego, ou ainda o politeísmo bárbaro e o seu conseqüente renascimento psíquico. De fato, na Grécia antiga, o renascimento pessoal tem também participação do divino, mas não do divino único e sim da constelação de deuses. E é nesta realidade politeísta cheia de mitos figurativos que o ser deveria inscrever o seu renascimento. Até porque ele não tem outra saída, já que os mundos dos humanos e dos deuses não estão separados (διαβολλείν, diabolleín), mas sim juntos (συμβάλλειν, symballeín). Mas não só isto, é algo mais urgente: é nesta realidade politeísta mítico-figural que inscrevo o meu renascimento.

O Mito e a Figura

A semiótica greimasiana⁴, na busca pelo sentido, postula a figura como o escopo da linguagem. A figura é uma imagem que se tem sobre um texto qualquer (seja ele lido, ouvido, visto, sentido, cheirado ou pressentido). A figura contém o que é essencial na mensagem e o que é simultaneamente aplicável a realidade do ser. Os mitos gregos estão repletos de figuras, pois neles sempre há algo de detectável e imputável na própria vida do ser que lê e percebe o aspecto figural. A mandala psicológica é a figura do inconsciente. E é nessa identificação com algum personagem do mito que morou e mora a possibilidade do renascimento. É na foto de seu inconsciente, na mandala, que o ser vê sua identidade ampliada.

³ Nos sistemas lexicais anteriores à escrita, a figura desenhada (como nos hieróglifos) é o próprio evento e seus personagens constitutivos.

⁴ GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

O mito é um relato, inicialmente oral e posteriormente gráfico, sobre alguma circunstância geralmente hercica ou divina (quando não os dois atributos simultaneamente) e que pretende ser uma descrição de uma realidade que não depende unicamente do tempo medido da consciência humana (*kairós*⁵), mas também do tempo não mensurável (*chronós*⁶), pertencente à realidade transcendente dos ciclos da vida na natureza. Todo mito narra um início, a primeira vez de alguma relação ou de algum evento. É esse entrelaçamento entre duas perspectivas temporais complexas que permite ao mito sua contemporaneidade, sua realidade e sua pertinência no século XXI. Enquanto a realidade cristã aposta na historicidade do *kairós*, na permanência da realidade de Cristo no devir, a realidade arcaica dos gregos mescla estes dois tempos, já que deuses e humanos convivem. “Em sua presença num cosmos repleto de deuses, o homem grego não separa, como se fossem dois domínios opostos, o natural e o sobrenatural. Estes permanecem intrinsecamente ligados um ao outro”⁷. Outra diferença importante no pensamento religioso grego é que não existe a identificação pessoa-pessoa, como no advento corpóreo de Cristo com o fiel cristão. O que existe é um contato do humano com uma potência⁸ no nível da *psyché* (alma), caso o devoto tenha sido preparado para tal⁹. O mito é, portanto, uma estória criada para entender essa relação Potência-humano, com vistas ao aproveitamento dela na realidade mundana visível, palpável, enfim, percebida.

Há ainda algumas coisas a dizer sobre uma categoria específica de mitos: os mitos do renascimento. Todos os mitos desta categoria possuem características peculiares em comum: tratam de um herói ou deus que após uma viagem (geralmente uma viagem marítima ou lacustre) que contém em si um objetivo específico, volta ao seu estado primeiro, porém com o importante adendo do objetivo alcançado. São viagens cheias de desafios que são vencidos e que irão modificar a estrutura do herói ou deus, ampliando seus domínios de ação e pensamento. Claro que todas estas viagens exigem a coragem, atributo especial dos semideuses. Toda a viagem tem um ponto de partida, que é também

⁵ *Kairós* (καιρός) (cf. GALIMBERTI, Umberto. **Psyché e téchne**: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006, p. 36-46) é o tempo da existência humana. É um tempo linear que surge da consciência tanto do nascimento quanto da morte, que lhe servem de medida e moldura.

⁶ *Chronós* (Χρονός) refere-se simultaneamente a uma deidade dupla: o deus do tempo, filho de Gaia (Terra) e Ouranos (Céu), pai de Zeus e dos outros deuses olímpicos e a marca da *existência eterna* deste panteão teológico. (cf. HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992). Ver também GALIMBERTI, Umberto. **Psyché e téchne**: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006.

⁷ VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 5.

⁸ Os deuses são Potências e não seres, cf. VERNANT, 2006, p. 9.

⁹ VERNANT, 2006, p. 9

o ponto de chegada. O fato de serem viagens em meio à água sugere que se trata de uma viagem da *psyché* e não uma viagem geográfica. Aqui novamente vemos a relação espaço x tempo num âmbito não corpóreo, mas psicológico e existencial, paradoxalmente vivido no corpóreo.

Outro aspecto importante nos mitos de renascimento é a localização do objetivo: o objeto a ser conquistado está, na maioria dos mitos, no *Hades* (Αδης – invisível), de onde nenhum mortal consegue sair, pois lhe falta o segredo do escape. Toda viagem ao reino dos mortos realizada por mortais tem sentido único: a alma do ser vai até o rio Estige (Στυξ), toma o barco guiado por Cárón (Κάρων), (em outros mitos usa-se embarcação própria) e faz a travessia até o portal de Hades, onde está a deusa Hecate (Εκατην) acompanhada de seu cão de três cabeças e rabo de serpente – Cérbero (Κερβερον). Este cão abana o rabo na entrada, demonstra sua satisfação e acolhe a *psyché*, porém impede a todos que ousam regressar pelo portal. Sua presença assinala a morte efetiva do humano e sua passagem definitiva e impossível de retorno. A questão do renascimento parece impossível então, já que a viagem é de sentido único: a ida. Todavia há mitos que mostram a exceção deste destino, seja pela potência de um deus que suplanta Cérbero, no caso de Perséfone (Περσεφονειης), que aprende os segredos tanto da vida quanto os da morte, tornando-se deusa do reino invisível juntamente com Hades, quanto pelo poder de um semideus, no caso de Heraclés (entre nós denominado Hércules), que ignora o temível cão, e o traz para o reino de um mortal, o Rei Euristeu, num de seus 12 trabalhos – o édito da grande deusa Hera, esposa oficial de Zeus. Estes mitos serão explicitados em capítulo pertinente neste trabalho.

Agora volto a minha história: a vivência desta realidade torna impossível não agregá-la ao meu *hólos* (todo) individual. E este meu “todo” compreende basicamente dois entes: meu renascimento autoepistêmico através da mitologia grega, sorvendo também parte da bagagem jungiana arquetípica¹⁰ e os ‘achados’ científicos da autopoiese de Maturana¹¹. Mito e Ciência compreendidos como complementares e não mais antagônicos. O holismo. O renascimento que experimentei já mostra claras evidências em minha auto-episteme e nas minhas condutas. E são essas evidências que

¹⁰ Carl Jung, no desenvolvimento de sua teoria sobre os arquétipos e inconsciente coletivo, localiza o renascimento como a realização da *psyché* – o processo de constituição do *self*, objetivo do ser integrado (cf. HALL, Calvin, LINDZEY, Gardner, CAMPBELL, John. **Teorias da Personalidade**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, pp. 84 – 105. e cf. JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000).

¹¹ A autopoiese será devidamente tratada em capítulo neste trabalho, cf. MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

pretendo elucidar nesta dissertação, a fim de integrá-las como ente único. Enfim, é da minha prática-vida que falo.

É necessário ainda postular a essência transdisciplinar e complexa implícita neste trabalho. Não se trata de juntar o não-juntável, aquilo que academia sistematizou através dos séculos – as disciplinas científicas; trata-se de observar sem preconceito e sem barreiras disciplinatórias as dimensões afetiva, psicológica e religiosa que emerge naturalmente do ser *homo complexus*.

O aspecto transdisciplinar nasceu primeiramente em mim, na percepção não mais unívoca da vida. Nos discursos dentro da sala de aula, percebi que cada experiência provém de um mesmo lugar coletivo, o ecossistema total, que sendo diferenciado para cada parceiro pedagógico, conserva em si o mesmo princípio da busca por uma unidade que fuja do caos, do indiferenciado. Fuga do caos, busca da relação coerente e coesa. Os trajetos adotados para essa busca são únicos, pois se relacionam primeiramente com a história de cada ser, mas por serem busca para todos, se inscrevem numa jornada que é vivida coletivamente pela humanidade. Os múltiplos olhares desta mesma jornada são os primeiros indícios, ainda que superficiais, das trajetórias individuais que se permeiam na Aula. O indício do elemento *trans*.

No meu olhar, agora academicizado, essas jornadas individuais não podem mais serem entendidas através de uma única ciência, de um único ângulo, unidisciplinar. Entender a biologia e as dimensões psicológica e teológica que emergem desta primícia vital requer um olhar transdisciplinar sobre a Aula, um olhar complexo sobre os seres que participam da Aula. Atravessar este encontro com visões de diferentes disciplinas epistemológicas, que de alguma maneira misteriosa (??) se fundem, é reconhecer que somos *trans* e que, portanto, não podemos fugir da elaboração racional *trans*.

Ainda sobre a transdisciplinaridade, preciso postular que os axiomas adorados e cultivados pelo cientificismo dos séculos modernos – progresso, determinismo, idealismo, objetividade¹² – nada mais tem a ver com a situação atual, onde uma nova situação paradigmática urge e uma nova visão das realidades começa a se formar e a se estabelecer. O paradigma precisa ser transformado¹³ conscientemente, para que as práticas adquiram uma ‘nova-objetividade’ (a chamada ‘objetividade-entre-parênteses’ de Maturana), que não mais universaliza os objetos, mas os individualiza.

¹² NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999, p. 19-24.

¹³ Para Kuhn, o paradigma não muda, ele se transforma aos poucos até ser configurado em um ‘novo’ paradigma (cf. KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas** São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 217-232.)

Ainda algumas palavras sobre o que entendo ser os *parceiros pedagógicos*. Este conceito é desenvolvido a partir da idéia freiriana de ‘relação dialógica’ e dela absorve características. A primeira é a própria relação, não mais hierarquizada pelo poder, não mais bancária, não mais autoritária, mas aguçadora da curiosidade pelo saber, da relevância de cada saber para cada ser. Assim, na *parceria* há o respeito à autonomia do ser do educando, há o reconhecimento do saber do outro como autêntico e digno de existência, há respeito aos saberes do educando, respeito à fala do educando – ensinar exige disponibilidade para o diálogo¹⁴.

Apesar de todo o polimento na linguagem de Freire, oriunda de um sentimento real também para mim, ainda a achava hierárquica, pelo uso de ‘educando’. Se há educando, há educador. Pela minha consciência de também ser um ‘educando’, não poderia incorrer em contradição performática (segundo Habermas). Não poderia mais chamá-los assim. Ao que me parece, *parceria* é um termo que estabelece a real relação pretendida por mim ao ler Freire. Na parceria há a igualdade de condições epistemológicas. Na *parceria pedagógica* há a igualdade de condições de ‘guiar o jogo’, de administrar a Aula, de ter comprometimento nas escolhas de conteúdos, formas de metodologia e de avaliação. Há iguais responsabilidades pelo saber.

Agora cabe dizer a estrutura desta monografia, compreendidas as bases epistemológicas que a fundam. Iniciamos por uma explanação da Teoria da autopoiese e a Biologia dos Sistemas Vivos de Maturana, que estuda as relações entre seres e meio e sua constituição na *deriva dos sistemas vivos*. Prossegue, justificando a *emoção* como constituinte fundamental, primordial desta história de interações. E quando falamos de interações, podemos e devemos falar de educação e na sua modificação desejável¹⁵, haja visto o caminho que está sendo traçado a passos largos para a destruição de todo o ecossistema terrestre.

Segue uma explanação suficiente da teoria jungiana sobre a estrutura da *psyché*, arquétipos, individuação e renascimento, pois imagino que se todos os parceiros pedagógicos (docentes e discentes) renascem inclusive epistemologicamente, renasce também a Aula (pois ela é a interação dos seres no e com o meio). Jung validará também

¹⁴ cf. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹⁵ A modificação desejável é a modificação da realidade da aula, não mais concebida como um encontro hierárquico professor-aluno num meio físico escolar, onde professor ensina (para continuar com seu emprego e salário) e aluno aprende (para fugir do fantasma da reprovação autorizada pela assembléia competente), mas sim como uma interação saudável entre diferentes, onde o conhecimento (objeto de desejo da educação) é produzido em função dos seres que participam da interação e do meio onde ela ocorre e do meio de onde os parceiros provêm.

a experiência mítica como possibilidade de renascimento e as deidades “como fatores psíquicos, ou seja, como arquétipos do inconsciente”¹⁶ presentes em cada ser humano. Jung nos servirá, aqui, como ponte entre o ser e os *theói* (deuses) e *hemitheói* (semi-deuses) gregos. Ainda em Jung, o poder simbólico da água e sua relação estreita com o inconsciente pessoal e coletivo no nível simbólico, a fim de caracterizar o meio onde os mitos do renascimento ocorrem, tanto na estória quanto nos exercícios da *psyché*.

Chegamos ao sistema religioso grego, ao exame da realidade onde brotou o politeísmo, especificamente a idade de ouro e a era olímpica, onde Zeus e seus irmãos interagem no dia-a-dia das populações helênicas pré-cristãs. A constelação olímpica de deuses e deusas, suas funções e hierarquia. As diferenças entre deuses, semideuses e mortais. Os mitos como estabelecimento de relações entre deuses, semideuses e mortais. A explanação de três mitos do renascimento: o mito da relação Deméter-Perséfone-Hades na constituição dos ciclos da vida sobre a perspectiva do tempo dos deuses (*chronós*), que é o mesmo tempo do inconsciente coletivo; o mito da relação Hera-Heraclés-Maçãs douradas e da fantástica *Odisséia* de Homero. Na constituição do milagre da volta do reino invisível da morte, mora o renascimento. Na conquista das maçãs da imortalidade, mora o tempo-sem-velhice.

Ademais, inicio o desenvolvimento da temática proposta.

¹⁶ JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 33.

1 ESTRUTURA FISIOLÓGICA E PSICOLÓGICA DOS PARCEIROS PEDAGÓGICOS

1.1 Os Parceiros Pedagógicos e a sua fisiologia conforme Maturana

Humberto Maturana é um biólogo chileno. Sua teoria da autopoiese (do grego *autos* – a si mesmo; *poiese* – criação) é muito mais densa do que sua prima distante – a teoria da geração espontânea, onde um ser vivo origina outro, muito mais por sua carga genética do que pelas circunstâncias que Maturana evidencia. Neste capítulo da dissertação utilizarei uma série de publicações de Maturana reunidas na referência *A Ontologia da Realidade*¹⁷ e a referência *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*¹⁸. Os conceitos e implicações teóricas de Maturana sempre parecem estar unidos a um centro polarizador: dele emergem e para ele submergem. Sua teoria da autopoiese é permanentemente cíclica. Meu primeiro interesse em Maturana residiu na sua concepção inédita no que diz respeito à percepção das coisas: a noção clássica de *Representação*, evidenciada em tantos postulados pós-cartesianos, cai por terra. E isto não é uma hipótese, é uma Lei. Todavia, atualmente meu interesse na obra deste chileno de corpo e alma é bem maior do que uma noção que foi suplantada. Maturana quer falar de Sistemas, que são *unidades compostas*¹⁹. Exemplifica uma unidade composta, remetendo-se a um relógio: todo relógio é feito de partes (unidades simples) tais como as engrenagens, os ponteiros, o painel sobre o qual se inscrevem os números das horas, minutos, segundos... enfim, as partes que são concebidas separadamente. Mas Maturana não se interessa pela fisiologia do relógio; ele se questiona sobre as unidades compostas vivas – enfim, ele é biólogo. A questão crucial de Maturana é: como o ser humano, sendo uma unidade composta por um grande número de vísceras, estruturas musculares,

¹⁷ MATURANA, Humberto. **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997.

¹⁸ MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. 4. reimpress. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

¹⁹ MATURANA, Humberto. Tudo é dito por um observador. In: **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997, p. 57.

vasculares, esqueléticas e neurais, se constitui num sistema vivo? Enfim: o que é a vida e como ela se constitui? [Pedagogicamente perguntando: o que é a vida da Aula e como ela se produz?] Quais são as relações entre seres vivos pertencentes a mesma classe? Quais são as relações entre seres vivos de classes diferentes? Parece um tanto filosófico o trabalho que Maturana se propõe, e ele também o será, mas somente depois que o biólogo reconhecer que o sistema vivo tem uma *organização*, uma *estrutura*, e um domínio de *condutas* e *linguagens* e que tudo o que acontece com este sistema depende, invariavelmente destas categorias. Mas o que são enfim esta *organização*, esta *estrutura*, esta *conduta* e esta *linguagem*?

1.1.1 Alguns Conceitos

A *organização* é um princípio que confere à unidade composta sua pertença a uma classe maior. Aplicando este conceito a classe das cadeiras (que são unidades compostas mortas), podemos distingui-las da classe dos relógios (que também são unidades compostas mortas, porém com organização de partes diferentes). Evidentemente o que caracteriza uma classe da outra são os seus elementos constitutivos mínimos: cadeiras têm assentos, encosto e pernas; relógios têm ponteiros, placares e engrenagens. As relações entre as partes destas unidades determinam sua utilidade na existência e seu funcionamento. Em outra publicação reunida também na Ontologia da Realidade, ele define:

a organização de uma unidade composta define sua identidade de classe e conserva-se como um conjunto invariante de relações, ao conservar sua identidade de classe. Se a organização de uma unidade composta muda, sua identidade de classe muda e a unidade original se desintegra.²⁰

Ainda citando: “Se a organização da unidade composta não se conserva no curso das suas mudanças estruturais ela se desintegra, e aparecem em seu lugar uma outra unidade ou outras unidades”²¹. Enfim, a organização é o que delimita os diferentes gêneros de seres vivos, sejam elas quais forem: *Homo sapiens* (os seres humanos), *Canis sp* (os cachorros), *Matricaria camomila* (o pé de camomila), *Drosophila sp* (as moscas), os fungos, as bactérias, os vírus... Se a organização é afetada estruturalmente, o organismo deixa de existir, morre. Se cortamos os pés de uma mesa, ela deixa de ser mesa; se cortamos as artérias e veias de nosso sistema vascular, morreremos.

²⁰ MATURANA, Humberto. O que é ver? (Per + capere). In: **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997, p. 83.

²¹ MATURANA, 1997, p. 84.

A *estrutura* refere-se ao conjunto de relações numa unidade composta que podem variar, contudo conservando sua organização. A estrutura é menor que a organização, já que define seres diferentes de mesma organização. Maturana exemplifica mais uma vez seu pensamento com objetos sem vida para chegar a seres vivos:

Se a gente chega em casa, e descobre que as crianças cortaram os cantos da mesa [com uma faca], nós dizemos “O que vocês fizeram com a mesa?”, mas continua sendo uma mesa. Da mesma forma, vocês continuam dando o mesmo nome às suas crianças por toda a vida: existe alguma coisa constante nas crianças, embora elas cresçam, e o nome que se aplica a essa invariante é organização, embora a estrutura varie.²²

A estrutura é, portanto, o que permite a variação das interações entre as partes de uma unidade composta, sem que ela desapareça. Se cortarmos as artérias e veias de nosso coração, retiramos o coração e colocamos um outro em seu lugar, o organismo muda, mudam as possibilidades de conduta deste ser, mas ele continua vivendo.

Mas o pensamento segue. Maturana não só postula que se variamos nossa estrutura, permanecemos vivos, mas também inverte a sentença sugerindo que se pararmos de variar nossa estrutura, morreremos.

Na verdade, em sistemas dinâmicos, como os seres vivos, a estrutura está variando continuamente (...) Quando eu me movo, eu mudo minha estrutura, porque a *estrutura é tanto seus componentes quanto as relações entre eles*. Felizmente, eu posso mudar de estrutura sem perder minha organização. Enquanto eu puder fazer isso, ou enquanto isso acontecer comigo, estou vivo.²³

E essa é precisamente a *autopoiese*.

De maneira sintética, o que varia numa unidade composta é aquilo que lhe assegura a sua sobrevivência. Sem variação da estrutura não há vida. O locomover-se é adaptação da estrutura. Alimentar-se é adaptação da estrutura. Se ingerir uma couve-flor, meu organismo se modifica estruturalmente para digeri-lo, para que suas substâncias sejam aproveitadas no nível celular; contudo, se ingerimos uma planta venenosa, meu organismo irá promover a quebra química, porém com substratos danosos, e a estrutura, que não está apta a digerir estes substratos, entrará em colapso, por englobar a química deletérica à célula. Como a célula é muito sensível e por não conseguir se adaptar, ela morrerá. Se esta morte se confirmar e se ampliar a níveis viscerais, poderá haver a falência de algum órgão, com propensão a morte.

[O vislumbre da morte – inclusive da Aula]

À esta dinâmica que permite ao ser vivo a adaptação da sua estrutura para a conservação de sua organização denominamos *autopoiese*.

²² MATURANA, 1997, p. 58.

²³ O itálico na citação é meu.

É essa condição de contínua produção de si mesmo, através da contínua produção e renovação de seus componentes, o que caracteriza os seres vivos, e o que se perde com o fenômeno da morte. É a essa condição a que me refiro ao dizer que os seres vivos são sistemas *autopoieticos*, e que estão vivos somente enquanto estão em autopoiese.²⁴

Na verdade, conservação da energia vital, que permanece produzindo os estados estruturais e suas respectivas condutas. Nessa renovação biológico-enzimática perpétua de sua estrutura há vida. Se ela cessa, há morte da estrutura e da organização e conseqüente morte do ser.

Mas aqui cabe um adendo importante. Para Maturana, o espaço dessa deriva contínua não se restringe à fisiologia. Como o ser está na interação com outros sistemas vivos, dependendo também dessa interação, funda-se o espaço relacional – o domínio das relações entre sistemas vivos. E neste domínio específico o ser cria o fenômeno psíquico, o mental e o espiritual. Deuses são imortais, e sendo perpetuamente vivos, estão neste domínio de relações, assim como os outros sistemas vivos mortais. Em Maturana, portanto, o biológico não exclui o transcendente, mas o inclui de maneira indissolúvel. É impossível, assim, ser um sistema vivo autopoietico e não formar em si este espaço psíquico-teológico. A pergunta pelo transcendente é herdada na epigênese, na *arché* do sistema vivo, na sua consciência herdada de *pertencimento* a uma filogenia específica e a um contexto espiritual determinado na estrutura social. Se o ser, na sua perpétua autopoiese, modificar sua estrutura ao ponto de mudar seu domínio relacional, poderão mudar suas disposições psíquicas e espirituais. Em um novo começo, na reconstituição da *arché* de sua existência, o ser humano experimenta uma nova possibilidade de Realidade e gera um futuro novo, uma nova possibilidade de ser neste mundo.

Assim, a autopoiese refere-se não somente às mudanças fisiológicas, mas também àquelas ditas psíquicas/espirituais²⁵. Se o ser modula sua deriva biológica, escolhendo inclusive os seus lugares de existência e seus parceiros de existência, uma outra realidade é vivida e percebida, e suas condutas provavelmente serão adequadas a essa nova realidade.

A *conduta* é então aquilo que percebemos na estrutura do outro devido ao que nele modificou-se. Ao mesmo tempo, é o sentir a mudança em si, sendo observado. A

²⁴ MATURANA, Humberto. Biologia do fenômeno social. In: **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997, p. 197.

²⁵ É importante ressaltar que Maturana não separa como se fossem fenômenos diferentes o psíquico e o espiritual. Ambos são resultados da interação do ser no meio e com outros seres. Talvez aqui a cisão entre Razão e Fé desapareça e a Psicologia e a Teologia possam dialogar em nova perspectiva. O ser pode pensar em si como algo não dividido em multi-facetas, mas unido, complexo, holo-compreendido.

conduta então nasce no observar o *observar do outro* sobre mim, no meu observar sobre mim mesmo e no observar do outro sobre mim.

(...) O que vemos como comportamento em qualquer ser vivo sob a forma de ações em um contexto determinado é, digamos assim, a coreografia de sua dança estrutural. Como resultado disso, a conduta de um ser vivo é adequada somente se suas mudanças estruturais ocorrem em congruência com as mudanças estruturais do meio, e isso só ocorre enquanto sua estrutura permanecer congruente com o meio durante seu devir de contínua mudança estrutural.²⁶

De resto, o que importa é que o observar gera a avaliação (*αποτιμω, apotimó*) tanto a externa, do outro que me vê, quanto a minha própria, motivada ou pelo olhar do outro ou pela minha própria visão. E aqui surgem as condutas adequadas, que priorizam um olhar em detrimento dos outros.

Centrar a avaliação na observação docente sobre a conduta discente, já sabemos, é unívoco, contraproducente. E todos esses *modus operandis* me dão indigestão, azia e vômito e dor de cabeça. Univocar (*uni-vocare*) é dizer de uma simples maneira, uma única, que tem a pretensão de verdade absoluta, objetiva. Univocar é chamar o próprio erro de acerto, na burrice desmedida de não se conhecer, não conhecer o próprio olhar avaliador, não reconhecer a emoção como fundamento da razão e desdignificar a altero-emoção. O moderno é o foco, aquela outra pretensão de dizer o que fazer para ter o objetivo alcançado (*σκοπεῖν, skopein*), o fim de todo processo, a realização científica, o relatório final, já concebido com gosto de teia de aranha velha, vencida, sem função, abandonada pela própria aranha-feitora. O moderno morreu, a modernidade afundou-se em si mesma. Suicidou-se. Destruiu [quase] tudo ao se matar: eco-ssassínio, ou ainda, auto-eco-ssassínio. Observou a conduta do outro, mas não foi capaz de perceber a catarata em seu próprio olho. Orgulhosa de si, nomeou-se doutora de si e para si, mas aí a cegueira já havia a consumido. A modernidade morreu cega e seu espírito não percebeu nada. Foi-se ao hades e não retornou.

Esta é a nossa Realidade: O olhar inibidor daquele que valia e o olhar repreendido daquele que é avaliado. [Frases incompletas. Itens.] O medo docente de sujeitar-se ao erro, de desejar o erro, pois é nele que reside a possibilidade de acertar depois, de prosseguir, de continuar no caminho da existência. O medo de equivocar-se (*equi + vocare*). De considerar o altero, as vozes iguais, os poderes iguais. Igualdade de

²⁶ MATURANA, Humberto. Biologia do fenômeno social. In: **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997, p. 196.

Palavra (naquele sentido profundo, quase hierofânico do Logos (Λογος)²⁷. Igualar-se. A alegria discente ao provar a concupiscência epistemológica que lhe dá o arripio necessário para um substrato emocional mais valioso, e uma razão sempre produtiva. Tudo isso é conduta; todas são adequadas, depende de quem as têm, quando as têm e com quem as têm. E de como elas são vistas pelos parceiros. O observar-entre-parênteses. Observar desconfiando da própria visão. Falta consciência, às vezes, no nosso observar; falta consistência [por mais consistente que seja um angu, mole ainda ele é] no refletir; paradoxalmente, falta flexibilidade no sentir.

Mas não nos esqueçamos do primeiro: toda conduta é revelada pela linguagem. E são muitas as possibilidades de linguagens hominídeas; e são outras tantas nas outras espécies animais, e milhares de outras desconhecidas nos vegetais. [Crês?] Mas agora, debrucemo-nos na linguagem dita e escrita, pois ela é a que mais *devemos* valorizar nas condutas pedagógicas, institucionalmente falando. Por mais que o olhar do outro nos comunique, o sistema atual prefere o endosso escrito e a certeza lida na palavra.

Agora irei apontar itens de pensamento, de modo a configurar um panorama do que creio ser a *Competição*. De início a postulo como falta de amor. Mas preciso dizer outras coisas antes de dizer isso novamente. Primeiramente preciso definir Competição. Após preciso definir Amor. A competição tem sua origem (αρχη, arché) na vontade de verdade e na vontade de poder, simultaneamente. É o prazer pelo privilégio do domínio, nos termos foucaltianos das acepções. Do entender unívoco do seu trabalho público ao uso do público no privado. Das suas ações, dos seus exercícios (μελετες, meletes) do qual Platão já nos contou do personagem Alcibíades. Que quer um ser que julga sem ser capaz de julgar a si mesmo, *em o conhecimento de si* (γνοθι σεαυτον, gnothi seautón)? Que quer ele ocupar posto privilegiado?

Mas é na fala ofensiva que esse tipo de competição se estabelece, dentro de um aspecto da relação da Parceria Pedagógica marcada pela ameaça, pelo desconforto biológico, pela dor na alma (ψυχη, psyché). Pela violência da ordem, pois ela brota de uma fonte apenas. Aí está já o antídoto: o compartilhar, o comum (κοινη, koiné). A comum-idade, a não ameaça, o nivelamento desejável, a sinceridade do afeto, mas na palavra doce esconde o cinismo, e o cinismo a inveja, e a inveja nos tira a razão. E aqui

²⁷ Para os gregos, o Logós é a própria divindade criadora e impulsionadora, arquetípica, que ao ser recitada/cantada, se manifesta, de maneira a causar o grande espanto, uma “reação afetiva, imediata e irracional, ante a presença do sagrado: θάμβος, thámbos, o temor reverencial.” (VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 22.)

está o outro viés da morte da Razão e do senso unívoco de julgar por si. A pretensão de ser deus. A recusa pelo diferenciado. A falta do amor.

Ao uni-vocar, o docente mata a percepção do discente e o relega a uma posição biológica inferior. Coisa que não é! Se tanto discente quanto docente são sistemas vivos determinados pela suas estruturas anatômico-fisiológicas pessoais, possuindo potencialmente capacidade autopoietica de suas funções epistemológicas e psicológicas, uni-vocar é a morte contida na Ordem docente e na Competição entre os seres pedagógicos. Competição pelo conhecimento, pela avaliação correta. Morre a autopoiese discente, morre o afeto docente. Morre a sensibilidade, reina a náusea, a azia e o vômito. “Na realização de seu modo de vida particular em interação com outros sistemas, vivos ou não, a estrutura de um ser vivo muda de um modo contingente com o fluir de suas interações.”²⁸ Na falta do afeto, esta realização, a que se referiu Maturana, é a morte eminente do psíquico e o desgosto pela atividade, pelo docente, pela Aula.

Mas se a Competição é a vilã, o Amor é o mocinho. E aqui reside uma grande novidade, cientificamente falando.

1.2 Os Sistemas Vivos e o afeto

Antes de postular qualquer fala sobre a relação da autopoiese biológica e sua intrincada relação com o afeto, preciso colocar a dificuldade acadêmica de um biólogo em falar de afeto. Domínio relegado às ‘Ciências do Espírito’, como a Filosofia, Psicologia e Teologia, em Maturana ele é retomado como *locus* privilegiado. Lugar na Biologia. Na sua deriva ontogênica, o afeto modula a constituição fisiológica autopoietica e a constituição da dinâmica relacional. Mas falar em afeto e em amor parece ainda muito suspeito, pois nestes itens falta a tal ‘objetividade’ cartesiana. Mas desde já digo: *tudo depende do lugar e do domínio em que nos percebemos e nos articulamos epistemologicamente como cientistas.*

É chocante admitir que algo tão precioso para o pensamento moderno como a Razão, o *res cogitans*, deriva única e substancialmente de algo *aparentemente* tão ambíguo, anti-acadêmico e vago como a Emoção. Eu mesmo demorei muito tempo para assimilar tal idéia e percebê-la como uma ‘chave de ouro’ para a salvação de muitas ciências modernas, tal como a Pedagogia e a Psicologia. Por isso que já localizei meu labor acadêmico como *pós-moderno*, pois na Modernidade afeto é coisa ‘de maricas’,

²⁸ MATURANA, Humberto. Biologia do Psíquico: Onde está a mente? In: **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997, p. 110.

cheirando a pensamento anti-acadêmico e vago demais para ser categorizado.²⁹ Realmente falar de afeto e emoção é complicado na estrutura que temos hoje, mas já sinto o frescor da novidade (ao menos na minha postura pedagógica). Audácia, coragem e persistência. Os resultados demoram, mas não falham. Emoção nada mais é do que uma “disposição corporal para o agir.”³⁰

Maturana simplesmente percebe que a Razão por si só não nasce do nada, do caos ($\chi\alpha\omicron\varsigma$, chaos). A toda Razão pertence uma gama de informações que não poderiam ter origem senão em algo anterior a ela. E é aqui que ele abre o primeiro portal da visão relativa que o cientista tem sobre o seu próprio fazer acadêmico. Maturana nos fala da ‘objetividade-entre-parênteses’. “Com esta designação ele quer mostrar que não se trata de negar que vivemos em um mundo de objetos, mas que esse mundo é constituído na práxis do viver do observador na linguagem.”³¹ Esta nova espécie de objetividade é aquela em que o cientista se considera como um observador da sua realidade a partir da sua vida e das suas ações, não mais univocando suas verdades. Maturana não reconhece a *neutralidade científica*. “Dizer-se neutro é só uma maneira de isentar-se da responsabilidade do mundo que configuramos em nosso viver na linguagem com outros seres humanos.”³² Esta neutralidade pretendida pelo pensamento moderno não foi inventada ou surgida do caos. A neutralidade é a traição da humanidade, pois se escapamos do relaciona-relativo próprio de estruturas autpoiéticas que somos, negamos nossa organização, nossa estrutura de seres vivos e endossamos uma postura autoritária, baseada na citação de uma assembléia competente. Isto é basicamente medo de errar misturada a doses de autoridade-autoritarismo acadêmico.

[Ironicamente, preciso aqui citar uma referência muito pertinente ao meu ver, justamente por se tratar das citações em demasia:

(...) quando se relata, a respeito de Plínio, o Velho, que ele lia sem parar ou mandava que lessem para ele, seja à mesa, em viagens ou no banheiro, sinto a necessidade de me perguntar se o homem tinha tanta falta de pensamentos próprios que era preciso um afluxo contínuo de pensamentos alheios, como é preciso dar a quem sofre de tuberculose um caldo para manter sua vida.³³

Ainda quero citar uma bela metáfora: “a *peruca* é o símbolo mais apropriado para o erudito puro. Trata-se de homens (e mulheres, adendo meu) que adornam a

²⁹ Estes são os três obstáculos para a fala sobre a ternura e sobre o afeto que lemos em RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 12-17

³⁰ GRACIANO, Miriam, MAGRO, Cristina. Introdução. In: MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 25.

³¹ GRACIANO, 1997, p. 22.

³² GRACIANO, 1997, p. 17.

³³ SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a Erudição e os eruditos. In: SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 20.

cabeça com uma rica massa de cabelo alheio porque carecem de cabelos próprios.”³⁴
Nada mais a declarar sobre o endosso acadêmico.]

Ditas todas essas coisas, volto a questão sobre o afeto e sua pertinência na Razão, aliás, como fundamento da Razão. Maturana nos fala que a deriva do ser humano não é só dada pela sua constituição anatômico-funcional. Ele observa que o que realmente caracteriza o ser humano, o que realmente o identifica, separando-nos dos outros mamíferos são um *conjunto de domínio de ações* que surgiram muito antes da Modernidade (aliás, a muitos milhares de anos antes dela). *A recorrência do encontro sexual entre parceiros*, onde os machos participam da criação da prole, cuidando de sua subsistência e desenvolvimento integral [projeto da monogamia]. Ainda postula que a habilidade manual não teria vindo do descascar grãos e gramíneas, mas da capacidade da palma da mão de moldar-se a qualquer superfície do corpo. O afeto puro. É a mesma questão que Restrepo coloca: optar pelo agarrar ou pelo acariciar³⁵. O afeto cria a base da aceitação do altero como digno e desautoriza a docente-cracia. Mas isso só é suportável se o parceiro docente souber seu lugar na sala de aula, na escola, no cosmos repleto de verdades e se constituir de maneira segura no nível da *psyché*, na constituição de seu *Self*. Na sua auto-percepção de ser limitado, porém inteiro naquilo que é próprio da raça humana: a sensibilidade de si (auto-episteme), para si (cuidado de si) e para os outros (considerar o altero como totalmente significativo, válido e portador de verdade (αληθία, alethéia). Esta é a responsabilidade do docente na Aula: viver no amor.

“Amor é uma palavra perigosa. Parece que normalmente pensamos que o amor é humano demais para ser acessível às reflexões de um cientista.”³⁶ O Amor não é nada misterioso ou indecifrável. O *Amor* é o afeto que faz surgir a socialização. O comunitário – “interações na espontaneidade do prazer”³⁷. À este encaixe, o acoplamento espontâneo entre dois seres de maneira dinâmica e recíproca, chama-se Amor. O amor é a base para a socialização. O amor é a *arché* da socialização. A falta de amor é a competição, que para Maturana é uma forma de não-socialização.

O amor consiste na abertura de um espaço de existência para um outro em coexistência conosco, em um domínio particular de interações. Como tal, o amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional. O amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece. O amor é sempre à primeira vista, mesmo quando ele aparece após

³⁴ SCHOPENHAUER, 2007, p. 22.

³⁵ RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 52.

³⁶ MATURANA, Humberto. Reflexões sobre o amor. In: MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 183.

³⁷ MATURANA, Humberto. Reflexões sobre o amor. In: MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 183.

circunstâncias de restrições existenciais que forçam interações recorrentes; e isso é assim porque ele ocorre somente quando há um encontro em congruência estrutural, e não antes. Finalmente, o amor é a fonte da socialização humana, e não o resultado dela, e qualquer coisa que destrói o amor, qualquer coisa que destrói a congruência estrutural que ele implica, destrói a socialização. A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre.³⁸

[Mas nos acalmemos: tão longas citações não ocorrerão mais neste capítulo, mas academicamente ainda preciso de perucas...]

A questão toda fica, a meu ver, radicalizada pela fé na energia e no ideal do amor, como espiritual que sou. O amor não é dádiva humana. A natureza é concebida em amor. O amor é uma Realidade da Natureza. Toda a criação vem do amor, afinal de contas, “Deus é amor.”³⁹ E se os deuses estão envolvidos intrinsecamente com a natureza, estão também com o nossa espécie. O amor não é presente dado à humanidade exclusivamente. O ser humano pode escolher em operar em amor ou não. O amor é uma Realidade somente a quem o vive, é como estar em um lugar onde se tem uma maneira de se mover diferente, porque estamos pisando em Realidade-Amor. É como se fosse matéria, porque pode ser percebido pelos sentidos, sejam eles quantos forem. O ser humano pode escolher pelo discernimento se quer operar no domínio do Amor ou não. O livre-arbítrio. A consciência. O conhecimento de si. A integração da *psyché*. O holismo. Parece urgente mudar a atitude depois que se considera tudo isso verdade. O exercício. *Melethân* e *gymnázēin* (lembremo-nos que ambas as formas de atividade são biológicas). Mas como?

Sendo os Parceiros Pedagógicos sistemas vivos determinados estruturalmente, convivendo em domínios de Realidade e percepção desta Realidade, acoplados estruturalmente, em permanente Autopoiese simultaneamente auto-referente e altero-referente, a Aula pode ser escrita com caixa alta por ser substantivo, Logos, ela é feita de vida e é viva! A Aula tem sua própria autopoiese, pois ela é o operar em linguagem de seres vivos de mesma espécie, cada qual diferente e igual: biologicamente parecido (indício da organização) e individualmente parecido com ‘x’ (Fulano é parecido com Ciclano... essas expressões idiomáticas). Diferente em todo o resto. Cada qual com sua ontogênese particular, que vem da família. Com questões pessoais, valores pessoais, mas ainda assim coletivos. Alguns valores são comuns a muitos, mas o arranjo específico vem da *história* da consciência e da inconsciência do ser em seu devir. A

³⁸ MATURANA, 1997, p. 184-5.

³⁹ PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO. In: **A BÍBLIA SAGRADA**. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 286 do Novo Testamento, capítulo 4, versículo 8b.

individualidade do *self*, da estrutura psíquica. Da *ræle* neural fechada⁴⁰. Do ser produzindo suas próprias sensações. Tendo o discernimento do uso das suas potencialidades, conhecendo a si mesmo pelos exercícios de si, ao mesmo tempo em que os exercícios vão nos levando a um conhecimento cada vez mais total de nós mesmo: a auto-regulação da consciência pessoal individual total (considerando as estruturas consciente e a inconsciente).

Além disso, os parceiros pedagógicos coexistem na sua deriva co-ontogênia comum, convivendo em domínios que pressupõe o Amor como base da relação. Da socialização desejável, que só ocorre se essa nova vida (Aula) operar no domínio do Amor. Se a Aula depende do Amor para existir, ela precisa de exercícios diários operando no Amor. E a Aula, obviamente, não é só o docente ou só o discente. Cuidar do desenvolvimento da percepção discente, refletindo sobre sua percepção do ser discente. Cuidar do desenvolvimento da percepção docente, refletindo sobre sua percepção do ser docente. O olhar mútuo e o respeito mútuo. O fluir das coisas. Contratos sociais. O prazer em sempre recorrer ao diálogo. O prazer. Aula viva é prazer na recorrência do encontro, não sexual, mas sensual. Sensual de *sensus* – Razão. Mas também sensual, na acepção de Afrodite.

Toda a Realidade que se concebe sobre *currículo, competência, conteúdo, metodologia e avaliação* precisa ser revista.

E **refeita...** [será que preciso dizer por quem, com quem, por que e para que??]

Se preciso for, responderei brevemente: por todos, docentes e discentes; com quem estivermos; por que é bom!! Para nos conhecermos.

⁴⁰ Este é um aspecto que não explorarei muito nesse texto, haja visto ser assunto específico da Biologia. Mas para que se tenha um entendimento mínimo do que disse, explicarei sucintamente. Em uma experiência com células da retina do olho humano, Maturana descobre que a cor que vemos nas coisas são percebidas de maneira diferente por células especializadas da retina. O conjunto delas se movimenta de maneira diferente. A estrutura se comporta diferente. Enfim ele descobre que o olho funciona de maneira diferente para cada coisa que vemos, inclusive a cor. O que o cérebro lê é o movimento da retina e não a forma do objeto. O mistério da visão única de cada um. Para mais informações, Maturana, Humberto. O que é ver? (Per+capere). In: Maturana, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 77-105.

1.2 Os Parceiros Pedagógicos e a sua constituição psicológica na concepção ontológica de Carl Gustav Jung

De Maturana a Jung: Maturana defende que o psíquico reside apenas no domínio das relações e interações do organismo. “Por isso, o domínio psíquico ou espaço psíquico dos distintos organismos varia com seu modo de viver⁴¹. Maturana considera apenas o traço teleológico, a deriva, como constituinte. E de fato, ele também o é. Mas veja bem: ele *também* é. Para mim, a deriva psíquica conta com esse ente causal, que determinou os primeiros passos do ser, a sua *ontogenia*. Maturana reconhece nos sonhos um “caráter simbólico”⁴² mas determina que este caráter depende unicamente das relações estabelecidas pelo organismo.

Mas Maturana passa a falar a Jung no momento em que diz que “o organismo que cresce adquire o modo de relação e interação de sua espécie, de seu grupo, de sua comunidade, no viver nela, e incorpora o espaço psíquico de sua espécie, de seu grupo ou de sua comunidade, no mero viver”⁴³. Maturana tangencia a idéia de um arcabouço de conteúdos psíquicos que são herdados (incorporados) pelo recém-nascido e que passam a determinar seu viver, seus pensamentos e suas condutas.

Jung, nascido em berço cristão, filho de pastor da Igreja Reformada Suíça, é o primeiro psiquiatra que, diferentemente do seu mestre Sigmund Freud, compreende o passado como precursor formador do hoje – seu caráter causal. Entende também as interações no presente como fatores que determinam suas ações. Percebe o futuro como possibilidade de renascimento para o ser e não apenas reação aos acontecimentos da primeira infância. Esse traço, que combina a causalidade com o teleológico, é o fator que me estimulou a estudá-lo, como possibilidade de entender mais profundamente a dimensão psíquica que emerge na biologia do ser. O ser é tanto suas visões pessoais e coletivas do passado quanto as que têm em seu presente e em seu futuro.

O comportamento humano é condicionado não apenas pela história individual e racial (causalidade), mas também pelas metas e aspirações (teleologia). Tanto o passado como realidade quanto o futuro como potencialidade orientam o nosso comportamento presente (...) a pessoa vive por metas, assim como por causas.⁴⁴

⁴¹ MATURANA, Humberto. *Biologia do Psíquico: Onde está a mente?* In: **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 113-114.

⁴² MATURANA, 1997, p. 115.

⁴³ MATURANA, 1997, p. 119.

⁴⁴ HALL, Calvin S. LINDZEY, Gardner, CAMPBELL, John. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 86.

1.2.1 Definição e estrutura da *psyché*

Em Jung, a *psyché* é a personalidade total do indivíduo, também chamada de Si-mesmo (do alemão *Selbst* ou inglês *Self*), o espaço psíquico como um todo, que “consiste em vários sistemas diferenciados, mas interatuantes”⁴⁵. O Si-mesmo

denota o conjunto complexo dos fenômenos psíquicos de um indivíduo. Em particular, o Si-mesmo, de um lado, reúne os objetos da experiência e, portanto, os fenômenos da consciência e os conteúdos e os fatores conscientes, do outro pressupõe aquilo que ainda não se encontra no âmbito da consciência e, portanto, os conteúdos e os fatores do inconsciente, ou seja, os fenômenos daquela parte da psique que permanece ainda incognoscível e não delimitável.⁴⁶

A *psyché* é formada então de uma parte consciente, o Ego, e pela acumuladora de mensagens, imagens, percepção e sentimentos não conscientes, o Inconsciente. “O *Self* é o ponto central da personalidade, em torno do qual todos os outros sistemas estão constelados. Ele mantém esses sistemas unidos e dá à personalidade unidade, equilíbrio e estabilidade.”⁴⁷ O Ego é responsável pelo nosso sentimento de identidade, reunindo nossas memórias conscientes, percepções, pensamentos e sentimentos. É a parte da *psyché* a que temos controle absoluto. Estes conteúdos são armazenados em forma de energia, qual seja, energia psíquica. Energia é ação, trabalho (do grego *energéia* – radical *argos*, trabalho). Assim toda energia é capaz de atuar, de fazer, de trabalhar. Além do conteúdo consciente, temos os inconscientes – pessoal e coletivo.

O Inconsciente Pessoal rodeia e sustenta o Ego, e armazena as experiências, percepções, pensamentos e sentimentos que foram, por algum motivo, reprimidos, esquecidos ou ignorados, ou ainda que não foram suficientemente fortes e marcantes para tomar parte na consciência⁴⁸. É uma camada mais ou menos superficial do inconsciente e que está longe de ser a totalidade do nosso inconsciente, portanto⁴⁹. Estes conteúdos ficam armazenados na forma de *complexos*, que são grupos psíquicos que agregam determinadas experiências por origem afetiva, gerando constelações de sentimentos, pensamentos, percepções e memórias magnetizadas entre si, e que crescem à medida que outros conteúdos correlatos são recalçados ao inconsciente pessoal.

Para Jung, mais influente no nosso comportamento cotidiano é o Inconsciente Coletivo. Ele assim o define (mais uma peruca):

⁴⁵ HALL, 2000, p. 88.

⁴⁶ PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 462.

⁴⁷ HALL, 2000, p. 92.

⁴⁸ Cf. HALL, 2000, p. 88.

⁴⁹ Cf. JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 15.

o inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*.⁵⁰

Mais tarde voltaremos a questão dos arquétipos, pois deles advêm um conteúdo muito precioso para o desenvolvimento desta dissertação.

A *psyché* ainda contém a *sombra*, a *persona*, *anima* e *animus*, que, devido aos seus conteúdos simbólicos altamente desenvolvidos, representam arquétipos que são tratados como sistemas separados dentro da personalidade total⁵¹.

A *sombra* e a *persona* são os arquétipos que mais facilmente identificamos numa racionalização do que somos. A *sombra*, quando visitada pelo ego consciente, faz o ser “reconhecer os aspectos obscuros da personalidade (...), traços obscuros do caráter, das inferioridades do indivíduo”⁵². A *sombra* assemelha-se ao conceito freudiano de *id*, no que tange a sua origem num conteúdo arquetípico animal; portanto, é constituído de pensamentos e impulsos que o ego contém; portanto é facilmente compreendido conscientemente, muitas vezes, inclusive, vivenciado no afã dos desejos e pensamentos. “A *sombra* é o homem primitivo vivo e real que ainda persiste no homem civilizado, e para ele nada significa nossa inteligência formada pela cultura.”⁵³

Oposta à *sombra* está a *persona*, que

é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo.⁵⁴

A *persona* significa ao ser um verdadeiro auto-sacrifício, pois muitas vezes a estrutura formada devido à demanda social torna-se oposta a da vida particular. O ser percebe-se como um indivíduo que, para não sacrificar seus ideais de vida, precisa aprender a exercitar dois estilos de vida, muitas vezes não compatíveis.

A separação da consciência em duas figuras que às vezes diferem uma da outra de um modo quase ridículo é um fato bastante conhecido e constitui uma

⁵⁰ JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 53.

⁵¹ Cf. HALL, Calvin S. LINDZEY, Gardner, CAMPBELL, John. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 90-1.

⁵² JUNG, Carl Gustav. **Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 6.

⁵³ JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 247.

⁵⁴ JUNG, Carl Gustav. **Estudos sobre Psicologia analítica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 182.

operação psicológica decisiva, que não deixa de ter conseqüências sobre o inconsciente.⁵⁵

Sombra e *Persona* são os arquétipos a que o ego tem maior acesso, pois o ego opera sobre eles, moldando-os e controlando-os, parcialmente. O ego tem possibilidade de ser sujeito sobre estas duas estruturas da personalidade total, mas nunca totalmente. Sabidamente, o ego está longe de ser a totalidade da personalidade do indivíduo. A *personas* e a sombras demasiadamente controladas e racionalizadas, opõem-se arquétipos inconscientes mais recalcados e não racionalizados. Parece que o ser com alto grau de diferenciação⁵⁶ de apenas sua sombra e sua *persona* não tem possibilidade de incluir seus conteúdos inconscientes a estrutura psíquica e prosseguir para a individuação, a constituição do Si-mesmo. Jung afirma que “a meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da *persona*, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais.”⁵⁷

Falaremos agora de como o Ego envia conteúdos ao inconsciente pessoal e como recebe conteúdos do inconsciente pessoal ou coletivo. Toda experiência traumática vivida pelo ser na sua consciência torna-se insuportável e a pretendida estabilidade na interação das energias psíquicas para a constituição equilibrada do Si-mesmo ameaça desaparecer. Então ocorre uma transferência desta energia para o inconsciente pessoal (IP), energia esta que se agrupará com outras energias similares já recalcadas no IP, aumentando determinado complexo. Acontece que tal complexo, por ser cheio de energia (que *faz*, que *é* sujeito) não fica mobilizada e inerte. Ela trabalha silenciosamente, retronutrindo-se na espera da ocasião para ser novamente transferida para o Ego. Assim que aparece uma nova situação que remeta ao complexo, o Ego adotará instintivamente (portanto, inconscientemente) o comportamento, a ação recalcada no IP e definirá o comportamento do ser.

O fato de uma energia ter sido transferida para o IP do ser não significa que ela não existe. Ela não é consciente, mas além de continuar existindo, potencializa-se, cresce. No momento em que este conteúdo volta a ser vivenciado conscientemente, a

⁵⁵ JUNG, Carl Gustav. **Estudos sobre Psicologia analítica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 183.

⁵⁶ A diferenciação é o fenômeno pelo qual o ser toma consciência de todos ou quase todos seus conteúdos psíquicos: ego, sombra, *persona*, *anima*, *animus*, mais os motivos arquetípicos do IC. Diferenciando-os um dos outros, o ser percebe os limites de cada conteúdo e consegue perceber as interações entre os componentes do seu aparelho psíquico, já que há contrastes mais claros entre suas substâncias. Desta forma, o ser-factor (sujeito) progride para a meta da existência, a individuação. Poder contornar os próprios conteúdos do consciente ou inconsciente é determinar que o “inconsciente não é apenas um espelhar reativo [da consciência], mas atividade produtiva e autônoma; seu campo de experiência constitui uma realidade, um mundo próprio” (JUNG, 1991, p. 174)

⁵⁷ JUNG, 1991, p. 164.

energia desloca-se para o Ego consciente, numa proporção maior daquela que foi recalcada. Percepções, sentimentos e as consequentes atitudes assumem o controle do Si-mesmo com potencialidade para desastres emocionais e físicos. “O núcleo [de um complexo] e muitos dos elementos associados são inconscientes em qualquer momento específico, mas qualquer uma das associações pode-se tornar consciente e com frequência realmente se torna.”⁵⁸

Todas essas atividades do Si-mesmo buscam o equilíbrio das energias, sendo inevitáveis e incontroláveis. É a esta característica do Si-mesmo que chamamos, outrora, de interatuante.

Por fim, precisamos dizer que não só o IP do indivíduo atua na dinâmica da *psyché*, mas também os arquétipos, que já foram introduzidos no ponto anterior, e que são os conteúdos e fatores⁵⁹ do Inconsciente Coletivo (IC). Enquanto os fatores do IP são constituídos basicamente dos complexos e conteúdos recalcados pelo indivíduo, o IC é formado basicamente destes símbolos herdados pela nossa situação humana e correspondem às experiências que foram vividas pelos antepassados da raça *homo sapiens*, e que são estendidas a nós, presentemente.

Os arquétipos são as representações imagéticas das situações que todos nós já passamos e que passaremos. Os arquétipos têm, portanto, essa perspectiva *chronológica*, cíclica, perceptivamente atemporal, por serem experiências que desde o início dos tempos humanos se repetem. “O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas da psique, que estão presentes em todo o tempo e em todo lugar.”⁶⁰

O termo arquétipo contém o radical grego *arché* (ἀρχή - início). Os arquétipos são, portanto, as primeiras ações, as atitudes de uma época inicial, arcaica, ancestral, primeira – a época da criação de tudo, a época da *Theogonia* (Θεογονία, Origem dos Deuses). O arquétipo narra o início das ações, encabeçadas pelos deuses, pelas potências (pois fazem), pelos seres divinos, astrais ou da natureza. Os arquétipos contam as histórias das primeiras vezes, e que servem de paradigma para todas as ações que sucederam depois delas, agora já entendidas na ação antrópica. O conceito de arquétipo é

usado pelos autores da tardia Antiguidade para denotar a idéia platônica enquanto modelo originário das formas das quais as coisas sensíveis são

⁵⁸ HALL, Calvin S. LINDZEY, Gardner, CAMPBELL, John. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 88.

⁵⁹ Fatores como sinônimo de atores, sujeitos (do latim, *facere*)

⁶⁰ JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 53.

simplismente cópias, mas também e mais freqüentemente para denotar as idéias existentes na mente de Deus enquanto modelos das coisas criadas.⁶¹

Ainda,

Nenhum arquétipo pode ser reduzido a uma simples forma. Trata-se de um recipiente que nunca podemos esvaziar, nem encher. Ele existe em si apenas potencialmente e quando toma forma em alguma matéria, já não é mais o que era antes. Persiste através dos milênios e exige sempre novas interpretações. Os arquétipos são os elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma.⁶²

O conceito de arquétipo liga a ciência psicológica com a ciência mitológica, pois reconhece que todo arquétipo existe desde o tempo da criação das coisas, desde o *in illo tempore*, o tempo onde o mito começou a existir e nunca mais deixou de existir. O mito narra o arquétipo de maneira a lhe assegurar a existência, pois lhe confere personagens simbólicos que tem densidade emocional, sensorial e imaginativa, portanto, existencial. A função do mito, retratada no arquétipo, é de levar o indivíduo a contemplação do numinoso, da “primeira experiência da divindade”⁶³, que deve tornar-se a experiência do humano, por extensão, a fim de que este ser seja sujeito, fator, feitor.

Os arquétipos, por serem conteúdos do IC, exercem influência sobre a consciência do ser, assim como os complexos do IP, e cabe ao ser resgatar seus conteúdos-imagens a fim de integrá-los conscientemente ao seu Self, ampliando o seu conhecimento de si (*gnóthi sauton*) e seus exercícios de si (*epiméleia auton*). Estes conteúdos aparecem ao ser na forma de sonhos ou na leitura dos mitos e dos contos de fadas; os sonhos, imagens dos arquétipos, e os mitos ou contos de fadas, narrações dos arquétipos. Neste trabalho, analisarei, com olhos próprios e altamente vivenciais, alguns mitos, de forma a localizar arquétipos que favoreçam esta integração dos conteúdos do IC aos da consciência (Ego).

1.2.2 A simbologia da água

A água, na Theogonia, pertence à segunda geração, filha de Gaia (Γαῖα, Terra) e irmã de Ouranós (Οὐρανὸν, Céu). Estes dois filhos por bipartição de Chaós (Χαός,

⁶¹ PIERI, Paolo Franscesco. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 44.

⁶² JUNG, 2000, p. 179.

⁶³ JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 20.

Caos⁶⁴). É personificada como a “infecunda planície impetuosa de ondas”⁶⁵ - o Pónton (Ποντος, Mar). Infecunda, não por ser o mar infecundo, mas porque Terra pariu o Céu e o Mar sem coito, mas por partenogênese⁶⁶. Logo após, ainda na Theogonia, Gaia aparece como mãe da água doce, agora com o Pai Céu. O primeiro da lista é Okeanon (Ὠκεανον), que não é um Oceano, mas um rio, que, conforme mitologia grega, circunda a terra e que é pai de todos os demais rios⁶⁷, entre eles o Nilo, Alfeu e o Estige (o rio que leva ao reino dos mortos). A água está, portanto intimamente ligada às manifestações arquetípicas da Theogonia grega, e daqui para frente, ocupará lugar de destaque na dissertação. Em outras civilizações, como a dos hebreus, a água figura entre as primeiras criações do Deus-feitor. Para os hebreus também Deus cria, no princípio o Céu e a Terra (cf. Gn 1.1), e logo no versículo posterior, há água. A água portanto parece como coisa-segunda em ambas as tradições. Esta posição não protética, mas secundária, revela que todos os fenômenos em que a água figura serão ‘depois’ da massa rígida constituída. A água é o segundo: primeiro o nascimento do físico (terra e céu⁶⁸), depois o nascimento da alma, do psíquico.

No nível psicológico, a água é o meio perene do inconsciente. O inconsciente está cheio da água viva⁶⁹. Água é vida, dizia um *slogan* publicitário. Água viva do inconsciente é a nova vida, experimentada também pelo Batismo judaico-cristão. “É necessário que um homem desça até a água, a fim de que se produza o milagre da vivificação (da água).”⁷⁰ No caso de Jonas, após seu chamado, ele desce ao porto, a fim de pegar o navio que o conduziria a uma viagem com intuito profético.

E ainda: “Batizado Jesus, saiu logo da água (...)”⁷¹. Tanto o batismo quanto o sonho em meio à água refletem uma mesma concepção psicológica: a do duplo

⁶⁴ Caos, para os gregos, é aquele que foi partido, motivo pelo qual também é conhecido por Cisson – da onde temos o termo cisura, o que foi partido. Caos não é algo caótico, mas um volume total inicial, que teria sido partido originando dois pólos diversos e antagônicos, céu e terra.

⁶⁵ HESÍODO, **Theogonia**: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 113.

⁶⁶ Na Theogonia, os primeiros Deuses-Potências surgem por partenogênese, sem cópula. A primeira incursão sexual se dá entre Terra e Céu. Poeticamente poderíamos supor que Hesíodo está falando da fecundação pela água da chuva, que provém do Céu, na Terra e a criação da vida na sua superfície.

⁶⁷ Esta visão de um rio que rodeia a terra poderia confirmar a hipótese atual proclamada pelas ciências tais como Biologia, Geologia, Geo-paleontologia de que houve um único continente rodeado por água de todos os lados – a Pangéia (Pan – toda; geia – terra), a terra quando era uma massa só, não dividida em continentes.

⁶⁸ Como já me referi, na versão mitológica, o céu é físico, pois provém de uma unidade física (Kaós) bipartida.

⁶⁹ JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 34.

⁷⁰ JUNG, 2000, p. 28.

⁷¹ EVANGELHO de MATEUS. In: **BÍBLIA SAGRADA**. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Novo Testamento, p. 5.

nascimento. O ser nascido do útero materno prova uma segunda realidade, um novo começo, o novo nascimento, agora no âmbito da psique, da alma, não mais do corpo, da matéria palpável. [Parece que o ser humano nasce com determinado aparelho psíquico, que deve ser renovado em determinado momento de sua existência, a fim de assegurar um ganho qualitativo no relacionamento do ser consigo e com a alteridade, vivida corporalmente, mas por meio da alma – o “instinto de realização do si-mesmo”⁷²].

Assim, ao precisar a água como conteúdo do IC, e mais, o meio onde ele jaz, podemos entender numerosos sonhos e narrativas que se apresentam ao indivíduo. A água viva é essa possibilidade de tornar o que estava morto em matéria viva – inconsciente vivificado e, portanto, trazido ao consciente. Além disso, essa *Hýdor theion* (ὕδωρ θεῖον, água divina) não só transforma a substância morta em viva, mas também mata a substância viva, a fim de que ela mesma renasça. A água divina “é enaltecida como *vivificans*, além de ter a propriedade de dissolver tudo o que é sólido e coagular tudo que é líquido.”⁷³ Na água do inconsciente, o ser dilui suas realidades herméticas que lhe impedem a inclusão dos conteúdos inconscientes ao consciente (preconceitos, idéias, idéias, valores), ao mesmo tempo que coagula essas imagens arquetípicas, criando textura, diferenciação no mar do indiferenciado e consequente possibilidade de manipulação da substância arquetípica. Na água sagrada do inconsciente há a *renovatio* do ser, com as respectivas mudanças nas ênfases de viver a sua vida, percebê-la e ressignificá-la.

1.2.3 A individuação - o renascimento mítico-arquetípico do sujeito

“Ser ou não ser? Eis a questão!” Na glosa de Hamlet retomo a questão existencial, muitas vezes levada na brincadeira. Para o senso comum, esta é uma pergunta irremediavelmente burra; como posso não ser se existo? Shakespeare deveria estar brincando... Não! A pergunta denota a busca pela verdadeira essência do ser, e que Jung postula na construção do conceito de individuação. Tornar-se o que se pode ser. A esta altura, já não somos tão suficientes no achar que somos o que somos. Boa parte do que somos (ou que podemos ser) depende de estruturas a que não temos acesso fácil. As estruturas do inconsciente: das entidades que atuam em nós, mas que nós, estando

⁷² JUNG, Carl Gustav. **Estudos sobre Psicologia analítica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 174.

⁷³ JUNG, 2000, p. 143.

acordados com meio olho apenas, não percebemos.. Ou ainda, percebemos, mas ignoramo-las, com medo de perder a pretensa totalidade do nosso ser, o controle da nossa inteireza, no cego racionalismo a que fomos treinados, no medo da loucura. Ora, o inconsciente faz: esta é a nossa principal cegueira, nossa principal loucura velada e nosso principal medo: perder-se de nós mesmos.

A individuação é a busca por essa outra essência, a holoessência, louca ao primeiro olhar, mais louca ainda nos olhares subsequentes. É a “integração do inconsciente na consciência”⁷⁴. A questão é que podemos considerar essa holoexistência como sendo prejudicial à vida em sociedade, mas se quisermos verdadeiramente renascer precisamos partir do pressuposto que a busca pelo centro do ser, o Si-mesmo, alcançado na individuação sempre ‘quase no fim’, é altamente positivo. Carl Rogers, psicoterapeuta norte-americano, acentua

Um dos conceitos mais revolucionários que se destacaram da nossa experiência clínica foi o reconhecimento progressivo de que o centro mais íntimo da natureza humana, as camadas mais profundas da sua personalidade, a base da sua ‘natureza animal’, tudo isso é naturalmente positivo – fundamentalmente socializado, dirigido para adiante, racional e realista⁷⁵

A individuação passa pelo conhecer o outro que existe em nós. Este outro é tudo aquilo que nos é estranho, que repudiamos por não considerá-lo digno de existência. É a auto-alteridade. Parece estranho, mas o medo de conhecer o outro que existe no nosso inconsciente não é totalmente insano.

Este ‘outro ser’ é o outro em nós, a personalidade futura mais ampla, com a qual já travamos conhecimento como um amigo interno da alma (...) trata-se da representação da relação com o amigo interno da alma, no qual a própria natureza gostaria de nos transmutar: naquele outro, que também somos, e que nunca chegamos a alcançar plenamente. O homem é o par de um Dioscuro, em que um é mortal e o outro imortal; estão sempre juntos e apesar disso nunca se transformam inteiramente num só. Os processos de transformação pretendem aproximar ambos, a consciência porém resiste a isso, porque o outro lhe parece de início como algo estranho e inquietante, e não podemos acostumar-nos à idéia de não sermos senhores absolutos na própria casa. Sempre preferimos ser “eu” e mais nada. Mas confrontamo-nos com o amigo ou inimigo interior, e de nós depende ele ser um ou outro.⁷⁶

Os próprios deuses nunca reconheceram a alteridade e sempre a temeram. Temem porque ela é a ameaça ao seu reinado, propenso mais ao desgaste do que ao perpétuo. Na mitologia, a supremacia de um deus é regulada pela força que este tem e

⁷⁴ JUNG Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes 2000, p 49.

⁷⁵ ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 104.

⁷⁶ JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 135.

que os outros não tem. “A sucessão dos deuses é regulada pela relação violenta.”⁷⁷ Assim Cronos sucedeu a seu pai Uranos, no momento da castração paterna. Depois Zeus sucedeu a Cronos, depois de tê-lo aberto, na ação libertadora de seus irmão do ventre do pai que a tudo comia. Nessa sucessão violenta, há uma reiteração dessa premissa da negação do outro, do diferente, mesmo sendo da mesma substância, do mesmo *ikhor*⁷⁸.

Nosso inconsciente está repleto desse mesmo desejo, do desejo dos deuses que o povoam. A raça humana tem o traço dos deuses, tanto no negar a altero-alteridade (o outro fora de mim) quanto a auto-alteridade (o meu-estranho). Integrar estes instintos obscuros ao consciente é promover uma quebra da inércia psicológica adormecida. “(...) o homem só pode conseguir a totalidade, num sentido de inteireza, através da inclusão do espírito sombrio, e que este último até mesmo representa uma *causa instrumentalis* da individuação salvífica.”⁷⁹ Para Jung, o reconhecimento desta existência inconsciente divina possibilita um interessante encontro de algo que se percebe separado, mas que de fato nunca o foi: “união dos opostos quando um deles jamais está separado do outro”⁸⁰.

Parece pertinente retomar, com terminologia consciente, esse debate do que está junto e do que está separado. A sизígia recorrente no trabalho jungiano. *Symballó* (συμβαλλω) é colocar junto, de maneira a não haver distinção. É uma forma de metáfora indissolúvel, de tal maneira que se atribui uma nova existência ao que foi outrora juntado; onde os entes que foram colocados juntos fundiram-se e tornaram-se uma nova coisa que precisa ser nominada. O deus é isto: um ente surgido ou criado que se refere a si mesmo somente. Os deuses são símbolos, são entes indissociáveis do nome que carregam. Isto é simbolizar. Já *diaballó* (διαβαλλω) é separar, distinguir dois entes que um dia foram simbolizados. É opor, destruindo o uno e criando a diferença. Tanto para os deuses-simbólicos quanto para os humanos-pretensamente-simbólicos a separação é a visão do fim de uma unidade, de uma morte estrutural. De fato ser apenas pretendidamente-simbólicos é uma vantagem humana, já que não somos somente isso; temos a parcela diabólica que nos possibilita a continuidade da vida, mesmo no separado. Para o deus, o diabólico é o fim de sua unidade, que não pode ser partida. De fato, o deus se desintegra, perde sua estrutura uniforme e homogênea. Por isso que os deuses tremem diante da dúvida e apelam à ignorância (no sentido de desconhecer e

⁷⁷ GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne**: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006, p. 51.

⁷⁸ *Ichor* é o sangue que corre nas veias dos deuses olímpicos.

⁷⁹ JUNG, 2000, p. 245.

⁸⁰ JUNG, 2000, p. 113.

considerar o altero), apelam à destruição de tudo aquilo que ameaçam a sua supremacia de ser e exercer. No teológico habita o indiferenciado-uno. No antropológico habita a cisão e o contraste – a percepção. Para o humano ‘diabolar’ é morrer de uma existência absoluta e ignóbil, todavia fazendo nascer uma diferença, uma nova unidade, menos complexa, mas ainda composta (lembrando Maturana). O ego é nosso deus, que ama a indiferenciação, mas que por meio da separação diabólica morre, fazendo emergir o inconsciente, possibilitando a individuação.

O si-mesmo, enquanto pólo oposto, ou o absolutamente “Outro” do mundo, é a *conditio sine qua non* do conhecimento do mundo e da consciência de sujeito e objeto. É a alteridade psíquica que possibilita verdadeiramente a consciência. A identidade não possibilita a consciência. Somente a separação, o desligamento e o confronto doloroso através da oposição, pode gerar consciência e conhecimento.⁸¹

Essa visão diabólica assusta o marinheiro de primeira viagem, pois mostra um mundo dividido, aparentemente caótico. Todavia, o caos habita no indiferenciado. O caos da personalidade humana, sua completa cegueira com relação ao que não é o ego, aponta o conformismo e a estagnação da personalidade. No caos, o movimento parece constante, parece controlado. Mas ameaça a todo instante ser bipartido, criando. Assim como na Theogonia. No caso psicológico, esta primeira cisão é o reconhecimento da própria sombra, que jamais deixa a consciência do indivíduo. Esse conhecimento primitivo, feio de si é a porta de entrada para a percepção do auto-altero, algo que está em nós, mas que pela influência da persona insiste em permanecer num mundo caótico, anulado. A visão da sombra é o prenúncio do si-mesmo que poderá vir.

Na medida em que a sombra representa a figura mais próxima da consciência e a menos explosiva, ela constitui também aquele aspecto da personalidade que, na análise do inconsciente, é o primeiro a manifestar-se. Sua figura aparece no início do caminho da individuação, em parte ameaçadora, em parte ridícula.⁸²

O renascimento postula-se então como sinônimo da Individuação. Nesta cisão do ego-caótico, fazendo emergir o diferente, o inconsciente, o filho que nasceu por bipartição que quer mostrar-se, de forma a integrar-se novamente ao consciente, não mais como ameaça, não mais como o temível fim provado por aqueles que o desconhecem. Assim como do caos surgiram terra e céu, do ser indiferenciado surgem consciente e inconsciente, sизígia sempre. Assim como do coito (encontro) do céu e da terra surgiram as coisas, do encontro do consciente com o inconsciente surgem os fenômenos psíquicos. O espaço teológico do ser humano precisa ser descoberto. Ele

⁸¹ JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes 2000, p. 172.

⁸² JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 266.

mora nos sonhos, nos mitos, nas visões, na loucura e na aparente doença. Não só a terra faz, muito menos o céu. Todos fazem, todos são participantes dos nascimentos, todos são fatores.

2 SUBSÍDIOS DA MITOLOGIA GREGA NO DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE RENASCIMENTO

Espero que a esta altura o leitor tenha uma concepção própria do que é o renascimento arquetípico do ser e que vislumbre (talvez com um tanto de dificuldade) onde quero chegar. Sendo os deuses que habitam o inconsciente coletivos, fatores, atores e que o são a despeito das nossas vontades, verdades e condutas egoístas, cabe dizer o que eles fizeram e quem fez, quando ainda não existíamos. Assim como na tradição judaico-cristã, o ser humano surge *depois* na concepção grega antiga. O primeiro homem (homem mesmo, masculino, excluindo a mulher) é nascido diretamente da terra, quando da erupção do sangue do falo extirpado de Ouranós. As mitologias subsequentes a de Hesíodo e anteriores às de Homero são unânimes nesta versão, apenas divergem quanto ao local onde este homem primordial teria sido gerado⁸³. A este homem primordial não foi concedido o privilégio de intercurso sexual com sua mãe Gaia. Os artífices-deuses⁸⁴ então criam a mulher para que o homem tenha sua continuidade. Curioso é notar que tanto na tradição mitológica grega quanto na judaica-cristã, a mulher é *deuterós*, depois, assim como tudo que diz respeito ao renascimento da *psyché*. [O homem nasce primeiro, mas numa situação particularmente desastrosa. Este homem primordial surge no momento em que Cronos castra seu pai Ouranós; do sangue de Ouranós sobre a terra surgem um número ilimitado de seres que passam a povoar a terra. O homem está entre eles e surge ao lado das Erínias, as deusas que vingam a figura paterna, por isso também

⁸³ Cf. KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 165-7.

⁸⁴ Os mais conhecidos na poesia hesiódica são os dáctilos. O surgimento dos Dáctilos Ideus (dedos do monte Ida) se dá poucos instantes antes de Zeus, o deus-senhor da terceira geração, nascer. Réia está no monte Ida para parir em segredo seu último filho Zeus. Está ali para que Cronos não o engula, como fez com os outros filhos. Às primeiras dores do parto, Réia crava seus dedos na terra da caverna onde está, e deste ato, produzido pela tormenta que passa, surgem os deuses dáctilos, tantos quantos são os dedos de Réia. Já nascem com suas espadas e seus escudos. Assistem ao nascimento de Zeus e abafam o seu choro com o estardalhaço que fazem com suas armas, para que Cronos não o escute e não descubra o real paradeiro de seu novo filho (cf. KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p.75-6).

chamadas de Fúrias. Surge ao lado dos gigantes e das graias. Surge num momento de explosão. Já a mulher nasce do planejamento perfeccionista de um descendente de dáctilos, de um artesão. A mulher nasce da necessidade de gerar seres de uma espécie que não dependerá mais dos deuses para se perpetuar na existência. Terá sua descendência e história próprias, seus pensamentos próprios. A mulher dá início à espécie *homo sp* enquanto raça capaz de povoar a terra e de ter um destino diferente dos deuses. São mortais, e assim como os vegetais e os outros animais, marcados pela sucessão dos dias.] O deus que dá suporte a raça humana é Prometeu, um dos três filhos de Jápeto e Climene (ou Ásia), neto de Gaia e Ouranós. Algumas mitologias dão a ele o privilégio da criação feminina, mas é unânime o fato de que roubou o fogo do céu para que sobrevivessem.

Apesar de seres imortais ($\alpha\theta\alpha\nu\alpha\tau\omicron\iota$ - *athanatoi*) e mortais ($\beta\rho\tau\omicron\iota$ - *brotói*) serem criaturas filhas da mãe Terra ($\Gamma\alpha\iota\alpha$ - Gaia), os deuses tem a primazia na criação. Tem a primazia da ação. Foram os primeiros a amar, a se afeiçoarem a um outro deus, a copular, a brigar, a comer, a pensar. A primeira relação sexual foi entre Gaia e Ouranós; a primeira rebelião foi entre Cronos e seu pai Ouranós, depois do primeiro pensamento, o de Ouranós, querendo não ver seus filhos e os escondendo dentro da própria Gaia; depois o pensamento de Gaia, querendo se livrar do pesado jugo de carregar seus filhos dentro do próprio ventre, mesmo depois de nascidos⁸⁵. Foram as Musas, filhas de Zeus e Memória, as primeiras a cantar, depois ensinando aos mortais a arte, a fim de que os homens tivessem suas memórias próprias e honrassem aos deuses⁸⁶.

Mas para que entendamos menos superficialmente o que quero dizer, precisamos mergulhar um pouco ao menos nesta civilização já findada, procurando entender os porquês desta estrutura de pensamento dos poetas-teólogos gregos.

2.1 A realidade política e religiosa grega entre os séculos VIII e IV a.E.C.

Os habitantes da península ática e seus arredores, assim como a maioria dos povos pré-cristãos, não tinham uma concepção política maior que a tribo. O lento e gradual processo de politização (referindo-me à constituição de uma *pólis*, de uma cidade, com seus cargos de chefia e de responsabilidades públicas) iniciou-se por volta

⁸⁵ HESÍODO, *Theogonia*: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 113-4.

⁸⁶ HESÍODO, 1992, p. 107.

do século XI a.E.C. e, de certa forma, deu-se por encerrado três séculos depois. Na Biblioteca III de Apolodoro, vê-se o registro de uma assembléia divina, onde os deuses olímpicos reunidos decidiram em “quais cidades cada um iria receber honras particulares.”⁸⁷ Neste período, com a demarcação das cidades-estado, o sistema religioso grego foi “profundamente reorganizado em estreita conexão com as formas novas de vida social representadas pela cidade”⁸⁸. O que antes eram mitos e mistérios tribais familiares assumiram proporções que englobavam várias famílias. Disto sucederam consensos que promulgaram regras cívicas de bom convívio. Nestas regras, as populações constituíram poderes e organizaram as *pólis*, como um território definido e demarcado, não pode se abster de ter um deus ou uma deusa que lhe servem de patronagem ou matronagem, e que vão estabelecer uma *comunidade* específica e com características próprias. Esta comunidade deverá respeitar, honrar e proteger seu espaço cívico, afim de zelar pela “integridade do Estado – homens, [mulheres]⁸⁹ e território – diante das outras cidades.”⁹⁰. Esta comunidade também deverá desenvolver uma literatura própria que conserve as lendas acumuladas pelos seus fundadores, construir espaços sagrados públicos e estabelecer um panteão de deuses que seja reconhecido por toda a Hélade⁹¹. Enfim, essa cidade-estado deverá ter condições de se fazer respeitar pela sua circunvizinhança, ao mesmo tempo em que garantirá a paz dentro dela.

A *pólis* deverá propor uma organização que permita o fluxo de pessoas e de suas necessidades materiais. Um espaço público (*ágora* - ἀγορά), um espaço para o templo e suas divindades (*témenos* - τεμενος), um espaço para a locomoção, as vias, a zona rural (*chora* - χορά) e os limites da *pólis*. O templo, que servirá para demarcar o espaço não profano dentro do território, é o lugar de morada dos deuses. Sim, os deuses moram na cidade e são seus cidadãos, assim como todos os demais. “O deus vem residir permanentemente no lugar por intermédio de sua grande estátua cultural antropomorfa ali instalada para ficar.”⁹² Mas se alguém pensa que no templo grego destinado a um deus ou deusa existiam pessoas especificamente preparadas para o ofício religioso, pensa equivocadamente. A religião grega não conheceu profeta, messias, casta sacerdotal ou livro sagrado⁹³. “Ela não implica nenhum *credo* que imponha aos fiéis um conjunto

⁸⁷ SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.176.

⁸⁸ VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 41.

⁸⁹ Adendo meu.

⁹⁰ VERNANT, 2006, p. 42.

⁹¹ Cf. VERNANT, 2006, p. 42.

⁹² VERNANT, 2006, p. 42.

⁹³ Cf. VERNANT, 2006, p. 13.

coerente de crenças relativas ao além.”⁹⁴ Todo pensamento sobre o além está depositado unicamente num fundo de crenças comuns. Deixar de acreditar neste conteúdo, rejeitando-o “seria, da mesma maneira que deixar de falar grego e deixar de viver ao modo grego, deixar de ser si mesmo.”⁹⁵ A relação entre a identidade pessoal e a identidade cívica é muito mais fechada do que a que te vivemos hoje. Psicologicamente falando, deixar de ser um indivíduo que abraça o conteúdo deste saber mítico milenar é deixar de lado sua bagagem arquetípica primordial, deixando de ser um indivíduo que tem equilibrados seu consciente e inconsciente. Deixar de ser um crente no panteão de deuses é enlouquecer, sucumbindo à neurose ou à psicose.

Já falei que os deuses são moradores da pólis, que tem sua residência em local fixo e que são considerados cidadãos. Na mítica idade de ouro, época em que deuses e humanos dividiam corpo a corpo o espaço terrestre, considerar isso seria pensar e dizer o óbvio. Na realidade da pólis, muito distante da idade de ouro, considerar isso pode parecer loucura, mas não o era. O povo grego sempre foi muito crente do poder que emanava dos seus deuses, das suas ações e dos seus sentimentos. A religião grega funcionava! Se fosse de outra forma, Homero não teria citado a ação de Apolo na defesa de sua cidade protegida, Tróia (conforme a *Ilíada*), ou a providência de Atena para com seu querido Ulisses (na sua *Odisséia*), dentre tantas outras inferências divinas para com humanos ou heróis. Os gregos creditavam os diferentes aspectos da vida ao cuidado dos deuses. Seja com Ares, que sempre estava presente aos combates, seja com Afrodite, que sempre presidia os encontros entre os amantes ou com Deméter, a sempre cuidadora do processo de plantio e colheita dos grãos, o povo da Hélade sempre confiou que sem eles, nada de sucesso ou de bom aconteceria. Ora, se depositavam sua fé no controle de tantas ocorrências, se percebiam tantas evidências, e se consideravam tudo isso ação divina, era porque os deuses estavam ali. Invisíveis ou não, eles estavam! Além de tudo isso, eles possuíam uma estátua monumental, que não era apenas um molde antropomórfico visível do divino, mas era o próprio divino. Ao imputar vida a uma escultura, o deus estava presente. Muito mais que isso:

os olímpicos estão, pois, no ar e na cabeça. Entram mais pelos ouvidos do que pelos olhos. Ouvindo os cantos da epopéia, nas declamações dos aedos e dos rapsodos, cada um, na Grécia, conhece os olímpicos.⁹⁶

⁹⁴ VERNANT, 2006, p. 14.

⁹⁵ VERNANT, 2006, p. 14.

⁹⁶ SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 184.

Em suma, perceber o deus é convencer-se da sua presença pelo simples som de seu nome (seu *lógos*), pelo simples testemunho de uma ação sua. Perceber o deus e acreditar em sua presença é senti-lo, com sua razão e com sua emoção.

Sendo os deuses moradores presentes, eles podem, assim como um morador mortal da pólis, influir nas ações do ser. Podem influir em decisões públicas gerais com ou sem conotação religiosa, bem como nas circunstâncias mais banais em uma família, por exemplo. Os deuses agem sobre os humanos, mas não mais do que um outro mortal que governa sua cidade agiria. A fé do devoto num deus pode salvá-lo de uma agonia ou de uma perda substancial; a falta de fé pode provocar uma catástrofe. Assim como os humanos mortais, os deuses têm sentimentos, humores. Eles têm *thymós* (θυμός – coração, ânimos). Deuses provam com tanta frequência os sentimentos de raiva quanto os de amabilidade. Os de ‘tô nem aí’ quanto os de cuidado total.

Mas enfim, se deuses e humanos são tão parecidos, o que afinal os diferencia?

* * *

Alto,

Mais alto...

Vamos! Mais ainda

Alto

Arremessado

Diante dos deuses

Visitando deuses das trevas do mundo

Vejo um grande confronto – minha antítese?

Minha alma lutando por si mesma

Ao néktar e à ambrosiíen

Subjugo-me

A tentação anda a espreita

Não Me deixa voltar

Não

Me transfiguraram

E voltei

* * *

2.2 As categorias existenciais: deuses, semideuses e humanos

Os deuses - οι θεοι

Começemos pelos deuses. Em Hesíodo⁹⁷, percebemos algumas características que os representam: são imortais (αθανατοι – athanátoi), não suportam a diferença, são ‘detestadores’ de tudo aquilo que não é seu próprio eu (δεινοτατοι – deinótatoi), ao mesmo tempo em que amam (φιλοτητι – filóteti), a fim de procriar⁹⁸. São sensíveis a dor, gemem (στοναχιζετο – stonachízeto).

Em Homero, a quantidade de narrativas expressas principalmente na *Ilíada* e na *Odisséia* demonstra que são onipresentes. Mas também os coloca com necessidade de deslocar-se, o que parece um tanto problemático para a hipótese de estarem em todo o lugar. Hermes precisa dar a Calipso a ordem do supremo Zeus em pessoa. Na *Odisséia* Sou do partido de que deuses podem, se quiserem, ser onipresentes. O deus tem o tempo, por serem athanátoi. A morte não os visita. Tem uma idade a cada ano, mas quando chega ‘aquela’, que será o apogeu, param de envelhecer. Só crescem de bebê a uma idade determinada e param. Cada deus com sua idade.

Se compararmos as ervas aos deuses, veremos que estão muito mais próximos dos deuses do que de nós. Verduras e vegetais diversos produzem a partir da chuva e da terra e do sol, por sua própria fotossíntese. Seres humanos não! Produzem energia vital por causa deste consumo de verduras. Energizam seus locais de vivência com plantas verdes exuberantes. As plantas são filhas de Gaia, Ouranós, no tempo em que o tempo não contava...

Os deuses degustam dieta própria, isenta de cereais, vinho e carne. Devido a esta particularidade possuem fluido corporal próprio, o *ichôr* (ιχϋρ), e têm idioma próprio, apesar de falarem também o grego e quaisquer outros idiomas que forem necessários. Dentre os principais traços distintivos, “os imortais são *akédees* (ακεδηες), isentos de preocupações (...)”⁹⁹. Podem estar permanentemente reunidos no alto Olimpo (Ολυμπος), habitação exclusiva dos que são imortais, num grandioso festim, comendo ambrosia (αμβροσιην – ambrosíen; etimologicamente: α– alfa restritivo,

⁹⁷ Vocábulos retirados de HESÍODO. **Theogonia**: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 111- 114.

⁹⁸ Aqui cabe um comentário ao radical -φιλο. As primeiras incursões sexuais são entre irmãos, daí o uso do radical que indica amor entre irmãos, por parte de Hesíodo (cf. HESÍODO. **Theogonia**: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 110).

⁹⁹ SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras 1990, p. 19.

βροτος (brotos) – mortal) e bebendo o vermelho néctar (νεκταρ – néktar), sua dieta exclusiva, simplesmente festejando a chegada de uma ou outra divindade. Não se preocupam se haverá chuva ou frio, pois o Olimpo não está sujeito a ser “molestado pelo vento, nem por tempestades, nem pelo frio do inverno.”¹⁰⁰ São felizes, *mákares* (μακαρες), e poderiam ficar assim por toda a eternidade, mas por serem sujeitos a toda sorte de humores que reinam também entre os mortais, podem ser impedidos a descerem a terra afim de ajudar ou vingar-se. São “sujeitos à cólera e à compaixão, ao temor e ao desejo; portanto, a tudo o que inquieta e perturba.”¹⁰¹ Neste ponto, aproximam-se muito aos outros seres, heróis e humanos. Para Homero e tantos outros poetas gregos arcaicos, são capazes de ter reações emocionais, das mais vulgares às mais sublimes.

O amor nada mais faz do que introduzir todo um domínio onde a heterogeneidade entre olímpicos e mortais parece atenuar-se definitivamente, onde nada vem lembrar que uns estariam mais equipados do que os outros para conduzir sua existência. É a dimensão dos humores e dos lugares do corpo – coração [θυμος (thymos) / καρδια (kárdia)], diafragma [φρεν (phren)], peito [στεθος (stethos)] – os quais correspondem à causa e à sede dos movimentos afetivos. É o registro das paixões: cólera, compaixão, ódio, amizade. O regime alimentar priva talvez os deuses de sangue, mas todo o seu comportamento social repousa numa ‘biologia das paixões’, numa inscrição do corpo, na qual os gregos deviam facilmente se reconhecer.¹⁰²

Traço marcante este. Todavia reúnem atributos desconhecidos aos humanos: nascem como todos os seres, mas crescem até a idade que será a sua eternamente, desta não passam. Possuem poderes extra-humanos, como “velocidade, força, invisibilidade, capacidade de voar”¹⁰³ que utilizam quando necessitam. Podem se tornar visíveis aos olhos humanos, mas só quando julgam necessário. Podem também aparecer metamorfoseados, na forma de animais ou de outros seres humanos, a fim de visitarem e participarem ativamente das festas sacrificiais que lhes são destinadas, ou aparecer em todo o seu esplendor, geralmente matando ou cegando o humano escolhido.

O Deus único, adorado na tradição judaico-cristã é o criador de tudo e de todos. No panteão grego, não são os criadores, mas são os donos, isto pela disputa entre os ancestrais. Zeus toma o reinado de Cronos, seu pai, que havia destronado Ouranós. “Os donos do universo físico não são potestades transcendentem nem deuses criadores, nem dispõem soberanamente das criaturas do céu, da terra e do mar. Com certeza, cada uma das duas espécies cumpre seu destino próprio.”¹⁰⁴

¹⁰⁰ HOMERO. **Odisséia**. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 43.

¹⁰¹ SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 19.

¹⁰² SISSA, 1990, p. 56.

¹⁰³ SISSA, 1990, p. 20.

¹⁰⁴ SISSA, 1990, p. 18.

Cabem algumas palavras sobre a divisão do mundo pelas potestades olímpianas. Com a queda de Cronos no evento em que Zeus (Ζηνα – Zêna), filho parido e escondido de Réia, abre a barriga paterna, libertando seus dois irmãos e suas três irmãs, respectivamente, Hades (Αϊδης – Aídes), o treme-terra (Εννοσιγαιον – Ennosígaion), chamado Poseidon, e Héstia (Ιστια – Histíen), Deméter (Δημητρα – Démetra) e Hera (Ηρα – Héren). Às mulheres, nada foi atribuído como posse: Héstia seria virgem, Deméter e Hera, concubina e mulher oficial de Zeus, respectivamente. Entre os machos, Zeus distribuiu os reinos dos mortos a Hades, o reino marítimo a Poseidon e a terra e os montes a si mesmo. Contudo, os três teriam domínio sobre os lugares comuns, como as cidades, além de todos poderem compartilhar as benesses do alto Olimpo, tanto nas festas quanto nas assembléias¹⁰⁵.

Os heróis - οι εμπετοι

Os heróis são basicamente seres humanos, portanto mortais e suscetíveis a toda sorte de provações e dores. Por uma série de traços, distinguem-se dos mortais: “maiores, mais fortes, mais belos (...) mais próximos dos deuses”¹⁰⁶. Geralmente são filhos de imortais com mortais. Se por acaso, fossem acolhidos por uma deusa que esfoliasse em sua pele ambrosia e lhe desse de comê-la antes da amamentação, poderiam tornar-se imortais. Mas também poderiam ser humanos normais, que por agradecer determinado deus ou deusa, sendo-lhe fiel e tendo valores e ideais muito nobres e firmeza no coração, tornam-se heróis ao enfrentarem e ultrapassarem situações completamente inumanas, como a visita ao reino dos mortos ou combates impossíveis, saindo vitoriosos. Todavia, era negado a eles o status divino pelos deuses. Só os humanos consideravam heróis mais próximos aos deuses. Nunca esquecemos, o deus repele o altero. [O eterno conflito.] Todo herói é viajante. Sempre têm uma missão, como Heracles nos seus 12 trabalhos, ou a viagem de Ulisses após o fim da Guerra de Tróia. Todos vão e voltam. Dentre os heróis mais afamados e difundidos, podemos citar Aquiles, Teseu, Orestes, Heracles, Odisseu (Ulisses), Jasão, Dédalo.

Todo herói obedece a um cronograma de viagem. Todos têm um objetivo. Todos precisam reintegrar seus saberes no retorno ao cotidiano em que vivem. Precisam se reciclar, renovar, através da busca do Si-mesmo, por exemplo. Este é o modelo de

¹⁰⁵ Tanto Hesíodo quanto Homero provêm de uma sociedade marcada pelo domínio do masculino. Não é de se espantar que estes deleguem às mulheres, mesmo as divinas, posição inferior.

¹⁰⁶ VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 47.

viagem que adoto nesta dissertação. Muitos outros se entregam a outras coisas, com outros parâmetros de viagem, outras rotas e outros objetivos. Todo herói busca e traz, necessariamente. Não lhe pode faltar nem à ida ou à volta. Devem obedecer claramente os avisos dos deuses que os suportam, senão não voltarão do mundo subterrâneo. O herói deve suspender de maneira sacrificial as vontades que lhe são próprias e acatar a ordem do numinoso. Os deuses são precisos nas suas palavras e só elas podem salvar o humano perecível.

Os humanos - οι βροτοι/ ανδρος (brotói/ andrós)

Não muito mais do que foi dito será lembrado nessas poucas palavras que aqui começam. O ser humano, brotói, é como uma folha: ora está verde e viva, comendo o fruto da terra, ora atirada ao solo, seca e morta. E estas são as palavras dos deuses pela pena de Homero. O ser humano é thanátoi (θανατοι), mortal. Vive do consumo de tudo o que a terra dá. No viés de M̄turana, viver é permanecer em autopoiese. Psicologicamente, viver é integrar ao seu consciente o conteúdo inconsciente. Beber da fonte da água vivificante, onde os arquétipos imortais vivem – seu inconsciente coletivo.

Mas, sobretudo, viver é dedicar ao deus ou aos deuses sua honra, atendendo seus desígnios, tanto no éter olímpico, quanto no próprio inconsciente; tanto na não-presença idílica, quando eles saboreiam seus manjares de néctar e ambrosia nos altos cimos do Olimpo, quanto na presença, onde os imortais preocupam-se com os assuntos dos humanos. Eles, que são akeedes (ακηεδες), sem preocupações, preenchem sua vida na vida dos mortais¹⁰⁷. Preenchem o tempo de sua existência infinita na vida cíclica das gerações humanas. Tudo isso por serem iguais aos mortais: passionais, emotivos e cheios de preocupações e negócios.

2.3 A Theogonia primordial

A fim de formar um paradigma religioso menos incompleto, apresento agora um esboço muito simplificado das narrativas da origem do mundo pela tradição mitológica grega, enfocando também a análise da palavra escrita. Na Θεογονια (Theogonia – Origem dos deuses) de Hesíodo, o vemos dizendo que primeiro foi Χαος (Chaos),

¹⁰⁷ SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 19 e 60-73.

depois Γαία (Gaía), Τάρταρος(Tártaros) e Ερως (Éros). Nossa descrição vai do surgimento do primeiro até a conformação política da família dos deuses olímpicos. Muita coisa aconteceu e nessas fases que descreverei a seguir, veremos as loucuras que os deuses fizeram depois que a vontade de poder, a vingança e o horror à diferença nasceram entre eles.

2.3.1 Deuses partidos

Χαος é dito “bem primeiro”. Mas o termo επειτα (épeita – depois) destinado ao surgimento da terra, não tem sentido cronológico, implicando outras dimensões do real.¹⁰⁸ Ao que tudo indica a totalidade original era constituída destas quatro potências: Caos, Terra, Tártaro e Eros. É ele o deus solitário. Nesse tempo entre a solidão de Caos e o surgimento de seus três filhos/as (um do sexo masculino, outro do feminino e o último hermafrodito segundo algumas tradições). “Caos é a potência que instaura a procriação por cissiparidade, é um princípio de cissura e de separação”¹⁰⁹. A cissiparidade é uma das formas de reprodução, ainda encontrada em seres vivos como os do reino *Monera* e *Protista*¹¹⁰, que são seres vivos de estrutura biológica bastante simples¹¹¹. A cissiparidade é a forma mais simples de origem de um novo ser vivo a partir de seu precursor genético. A partir de uma duplicação do material genético (o DNA), há um aumento do citoplasma e o conseqüente estrangulamento da célula, que acaba por se dividir em duas¹¹². Caos é como uma bola, inteira e sem distinções. O Caos é a uniformidade do que é único e sem contraste, sem percepção. A reprodução ‘como que por cissiparidade’ pressupõe que esta bola foi cortada em duas, originando duas partes. Na Theogonia estas duas partes são aquilo que *é* e aquilo que *não é*. Na cisão do caos surgem a terra (que é o firme fundamento, a única forma palpável) o tártaro (que é o que está abaixo da terra, portanto o *não-ser*) e o Éros (princípio do erótico, da procriação, do intercurso sexual, portanto, do *ser*)¹¹³. Na Theogonia, essa premissa de duplicação do material genético não existe, pois se trata de uma cissiparidade ilustrativa. Caos se biparte e faz surgir Ερεβος (Érebo) e Νύξ (Nýks – Noite). Érebo é a deidade nevoenta,

¹⁰⁸ Cf. TORRANO, Jaa. O Mundo como função de Musas. In: HESÍODO. **Theogonia**: a Origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 47.

¹⁰⁹ TORRANO, 1992, p. 45.

¹¹⁰ No reino *Monera* estão as bactérias e algumas algas; no *Protista*, a quase totalidade das algas e os protozoários. (Cf. SOARES, José Luis. **Biologia**: Volume único. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993.)

¹¹¹ SOARES, José Luis. **Biologia**: Volume único. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993, p.337-343.

¹¹² Cf. SOARES, 1993, p. 64.

¹¹³ Cf. TORRANO, 1992,

“a escuridão sem luz das profundezas”¹¹⁴. Da mesma forma Gaia faz surgir de si mesma Ουρανος (Ouranos – Céu), Ουρα μακρα (Oúra makrá – montanhas altas) e Ποντος (Póntos – Mar). Estas são as primeiras deidades, que estruturam um ambiente que favorecerá a criação dos próximos deuses, nos ambientes celestes, terrestres e marítimos e subterrâneos¹¹⁵.

2.3.2 A última bipartição e as primeiras cópulas: Erebós e Noite; Gaia e Ouranos.

Terminadas as reproduções onde os primordiais se fenderam, iniciam as uniões de potestades presididas por um dos quatro primordiais, Éros. Erebós uniu-se a sua irmã Noite e gerou Αιθηρ (Aithér – Éter) e Ημερη (Hemére – Dia). O “Éter é a luz do céu”¹¹⁶. Interessante é notar que do encontro de duas potestades da escuridão surgem dois divinos opostos. Parece que a união sexual origina seres pertencentes a tudo o que é da luz, da claridade, que psicologicamente poderiam se referir à afirmação do ser, em oposição a tudo que nega o ser. Na mitologia grega, assim como na judaica, o sol aparecerá muito depois de terem surgidos o dia e a noite. No Gênesis, o sol a lua e as estrelas são criados no quarto dia (cf. Gn 1: 14-19). Na genealogia grega, Ηελιος (Eélios – Sol), Σεληνην (Seléne – Lua) e Ηως (Eôs – Aurora) são filhos de Θεια (Théia) e Υπεριονος (Hyperíonos), deuses filhos de Gaia e Ouranos, seus netos portanto.

Preciso ainda dizer que Nýks (Noite) pariu “com nenhum conúbio”¹¹⁷ outros deuses: Θανατος (Thánatos – Morte), Υπνον (Hýrnon – Sono), Ονειρων (Oneíron – Sonhos), Μωμον (Mômon – Escárnio), Οιζυν (Oizýn – Miséria), Εσπεριδας (Hesperíadas – Hespérides [deusas guardiãs das maçãs de ouro, no extremo do mundo]), Μοιρας (Moiras – Partes [as deusas que fiam o destino dos mortais em linhas, determinando o momento da morte]), Κηρας (Kêras – Sortes), Νεμεσιν (Némesin – Nêmesis [ao que tudo indica, um monstro]), Απατεν (Apáten – Engano) e Γηρας (Gêrás – Velhice).

Gaia e Ouranos originam, através da cópula três linhas de imortais: os Titãs, os ciclopes e os hecatônquiros. Os Titãs, Ωκεανος (Okeanos – Oceano), Κοιος (Koíos – Coios), Κρειος (Kreíós – Crios), Υπεριονας (Hyperíonas – Hipérion), Ιαπετος (Iapetós

¹¹⁴ KERÉNYI, Karl. *Os deuses gregos*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 27.

¹¹⁵ Cf. HESÍODO. *Theogonia*: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 110-3.

¹¹⁶ KERÉNYI, Karl. *Os deuses gregos*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 27.

¹¹⁷ HESÍODO, 1992, p. 117.

–Jápeto), Θεία (Theía–Teia), Ρεία (Reía–Réia), Θέμις (Thémis–Témis), Μνημοσύνη (Mnemosýne – Memória), Φοίβη (Foíbe – Febe), Τηθύς (Tetýs – Tétis) e o último, Κρόνος (Krónos – Cronos). Diz-nos Hesíodo que o pai, tão logo via seu filho ou filha nascido, odiava-o e forçava que ficasse preso dentro das entranhas de Gaia. Este fato de mesquinharía aponta aquela premissa que já relatei anteriormente – Ouranós não suportava a diferença, a não ser de Gaia, sua parceira amorosa. É isto que Hesíodo declara nestes versos:

Quantos da Terra e do Céu nasceram,
filhos os mais temíveis, detestava-os o pai
dês o começo: tão logo cada um deles nascia
a todos ocultava, à luz não os permitindo,
na cova da Terra. Alegrava-se na maligna obra
o Céu. Por dentro gemia a Terra prodigosa (...)¹¹⁸

Este fato desencadeará a revolta dos filhos, incitados pela mãe sofredora e liderados por Cronos, que esperará nas entranhas da mãe pelo falo do pai. Cortará o membro e impedirá que Céu e Terra se encontrem sexualmente novamente. Deste ato, violento, por certo, surgirá a segunda geração de domínio sobre a Terra. Cronos e seus irmãos e irmãs constituirão a soberania sobre a terra. Seu pai não mais visitará a terra a fim de fecunda-lá; está encerrada a produção da segunda geração de imortais.

Preciso ainda esclarecer as outras duas espécies de filhos de Gaia e Ouranós: os Κυκλωπας (Kýkloπas – Ciclopes) e os παιδες μεγαλοι <τε> και οβριμοι (paídes megáloi <te> kai óbrimoi – filhos enormes e violentos), ο Hecatônquiros (εκατον – ekatón – cem; χειρες – cheíres – braços). Os ciclopes são seres que possuem um único olho no centro da cabeça, daí o nome. Estas raças de seres divinos serão importantes na configuração das lutas entre os Titãs e os Olímpicos. É graças aos Titãs que Zeus possuirá o trovão e o raio, forjado por eles, e poderá subjugar o seu pai Cronos.

2.3.3 Ciclo de lutas pelo trono divino – potestades numinosas em disputa

Saíram do fundo da terra, liberados. Cronos aceitou a proposta da mãe Gaia e ceifou o pênis do pai, jogando-o a esmo para trás. Deste ato, surgem outros seres imortais, que são necessários serem enumerados: o pênis do pai, caído no mar, começa a espumar; desta espuma, que inicia uma viagem por algumas ilhas do mar mediterrâneo, incluindo Citera e Chipre, nasce Αφροδιτη (Afrodíte – Afrodite). O pênis extirpado

¹¹⁸ HESÍODO. *Theogonia*: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 113, 115.

causa a ferida, que jorra sangue. Este sangue divino em contato com a terra, faz surgir as Ερινυς (Erinys – Fúrias), as Νυμφας Μελιας (Nýmfas Melías – Ninfas negras) e os Γιγαντας (Gígantas – Gigantes) que tem armas nas mãos. Estes três seres surgem com o girar do ano e são responsáveis pela vingança do paterno. São as Erínias que irão assombrar os parricidas nas inúmeras lendas gregas. Neste ponto do mito, não há mais espaço para a geração de outros filhos por parte de Gaia. “A geração original chegou ao fim e a ela se seguiu o reinado de Cronos.”¹¹⁹

No momento, Cronos está no poder. Ele mora no alto do Οθρυος (Óthrios – Ótris) junto com seus irmãos e irmãs, titãs e titânides, respectivamente. A partir de agora há uma nova geração a ser originada. Três das titânides tomam três titãs por maridos e há a constituição de um novo mundo dos deuses.

A Titânida Teia deu a seu marido Hipérion, Hélio, o sol, Selene, a lua, e Eos, a aurora. Febe deu a Ceos uma soberana raça de deuses, que compreendia as deusas Leto, Ártemis e Hécate, e um deus masculino, Apolo. Réia desposou Crono, a quem deu três filhas e três filhos: as sgrandes deusas Héstitia, Deméter e Hera, e os grandes deuses Hades, Posidon e Zeus.¹²⁰

O grande Cronos, sabendo de uma previsão de Gaia e Ouranós, sabe que é destinado a ele ser subjugado por um dos seus filhos. Como seu pai Ouranós, não quer que isso aconteça, pois tem a vontade de suserania eterna. Passa então a engolir seus filhos, tão logo descem aos joelhos de Réia. Engole um a um, exceto o último, Zeus, que, atendendo a conselhos de Gaia e Ouranós, foi nascer distante, numa região de Creta, chamada Licto. Segundo outras fontes, mantém seus irmãos, os demais Titãs agrilhoados, a fim de não ter concorrentes ao cargo de rei dos Deuses.

Mas o destino de Cronos já está deflagrado. Zeus cresce até a idade que terá para sempre e irrompe contra o pai malvado. Cronos vomita os filhos prendidos no seu ventre. Como auxílio dos libertos ciclopes, que lhe dão o raio e o trovão (símbolos de seu poder supremo), Zeus e os olímpicos vencem os Titãs, que são levados ao Tártaro, onde estão presos desde este dia. Entre os Titãs que foram poupados estão Atlas, que segura nos ombros a abóbada celeste, Prometeu, que dá o fogo aos humanos, contra a vontade de Zeus e Tétis, a ninfa marinha, mãe do herói Aquiles e de outros deuses-rios: Estige, o rio que circunda nove vezes o mundo subterrâneo e o Nilo, dentre outros quarenta, segundo Hesíodo.

¹¹⁹ KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 29.

¹²⁰ KERÉNYI, 1998, p. 29.

O Olimpo é agora a montanha dos deuses soberanos. Zeus, para confirmar sua soberania, deita-se com Μητις (Mêtis – Astúcia), que é mãe de Αθηνη (Athéne – Atena). No momento do parto, enganou a mãe e engoliu a filha, que nasce mais tarde da cabeça do pai. Este ato foi cometido para que Zeus tivesse a sabedoria própria que emanava de Mêtis. Segundo Hesíodo: “Mas Zeus engoliu-a antes ventre abaixo para que a Deusa lhe indicasse o bem e o mal (...) Ele da própria cabeça gerou a de olhos glaucos Atena (...)”¹²¹. Θεμις (Thêmis – Têmis) lhe deu as Ωρας (Horas – momento correto), Ευνομνη (Eunómíne - Equidade), Δικη (Díke – Justiça) e Ειρηνεν (Eiréne – Paz).

Ευρυνομη (Euryómone – Eurínome) lhe deu as três Χαριτας (Charitas – Graças), Αγλαιην (Anlaínen – Esplendente), Ευφροσυνην (Eufrosýnen – Agradável) e Θαλιην (Thalíen – Festa), que são deusas da paixão, sedutoras dos amantes, como Afrodite. Δημητρα (Démetra – Deméter) lhe deu Περσεφονη (Persefóne – Perséfone), a filha raptada da companhia de sua mãe para ir habitar o mundo inferior ao lado de Αιδωνευς (Aidoneýs – Hades), irmão de Zeus.

Μνημοσυνη (Mnemosýne – Memória) deu a Zeus as nove Μουσαι (Moúsai – Musas), as que ensinam as histórias através do canto [da onde vem o termo Música]. Λητω (Letó – Leto) gerou Απολλωνα (Apollona – Apolo) e Αρτεμιν (Ártemin – Ártemis), deuses flecheiros. Μαιη (Maíe – Maia) dá a Zeus um dos mensageiros dos deuses, Ερμην (Hermên – Hermes). Σήμελε filha do rei Cadmo, dá a Zeus Διονυσον (Diónyson – Dionísio), deus da alegria e presidente das festas no Olimpo.

Por fim toma sua irmã Ηρην (Héren – Hera) como esposa legítima, que lhe dá Ηβην (Hében – Hebe), Αρες (Ares) e Ειλειθυαν (Eileíthian – Ilítia). Por Zeus ter feito nascer de si mesmo Atena. Hera faz nascer de si mesmo, sem Zeus portanto, Ηφαιστον (Héfaiston – Hefesto), o deus-ferreiro, coxo e feio, todavia habilidoso na arte do aço.

Da descendência de Zeus ainda preciso incluir o fruto da sua relação extra-conjugal com Αλκμηνη (Alkméne – Alcmena), o semi-deus Αλκειδης (Alkeídes – Alcides), que após cumprir as tortuosas provas a que foi submetido por Hera, torna-se Ηρακληειν (Herakleeín – Heraclés), o conhecido Hércules.

¹²¹ HESÍODO. *Theogonia*: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 157.

O Olimpo e a terra estão povoados pela prole de Zeus. O cenário está pronto para as aventuras olímpicas.

2.4 O monomito: a viagem do herói

A viagem começa quando o deus convoca o herói. “O herói é o homem [e mulher] da submissão autoconquistada.”¹²² O herói recebe a visita de um arauto que lhe indica a necessidade de um sacrifício de valores em detrimento de uma longa viagem, que é a viagem que de alguma forma contribui à individuação. Muitas vezes esse arauto aparece sob a forma de um erro que é denunciado na vida cotidiana, outras vezes como um ser horrendo que lhe aparece num sonho¹²³. “Todos os que são incapazes de compreender um deus veem-no como um demônio e, assim, o protegem de sua aproximação.”¹²⁴ Também são retratados em muitos contos de fadas. Pode ser um homem ou uma mulher, um pássaro ou ainda um sapo. “Nos contos de fadas, pode se tratar de algum ser que habite a floresta, algum mágico, eremita, pastor ou ferreiro, que aparece para fornecer os amuletos e o conselho de que o herói precisará.”¹²⁵ O ser deve então escolher: ou nega a aventura ou suspende as vontades do seu ego e se lança a esta submissão a uma identidade que lhe é desconhecida. Isto é o verdadeiro autosacrifício, ‘autonequia’ (αυτονεκία – autonekía), pois ele decidiu deixar morrer um domínio de ações, o seu cotidiano, em prol da conquista de um objetivo, indicado pelo arauto.

Negar o chamado à aventura significa não se despojar de seus interesses, considerando o seu ego como senhor da Razão e imputando a verdade a todo seu pensamento. É dar prioridade para seus interesses, considerando os demais nulos ou indignos de atenção; mais que isso, os outros interesses não devem interferir no domínio de condutas que o ser estabelece enquanto ser vivo. Relembrando Maturana, a negação ao chamado gera a competição entre os egos dos indivíduos envolvidos na interação. Origina a morte do afetivo, como já postulei.

Sob a ótica de Campbell, outro perigo ronda o ser.

A recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela ‘cultura’, o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a

¹²² CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 19--., p. 26.

¹²³ Cf. CAMPBELL, 19--., p. 59-66.

¹²⁴ CAMPBELL, 19--., p. 93.

¹²⁵ Campbell, 19--., p. 77.

ser salva. Seu mundo florescente torna-se um deserto cheio de pedras e sua vida dá uma impressão de falta de sentido. (...) Tudo o que ele pode fazer é criar novos problemas para si próprio e aguardar a gradual aproximação de sua degradação.¹²⁶

Falas similares as de Maturana e de Campbell. Tornar-se um barco a deriva no oceano das relações inter-pessoais. Simultaneamente, deixar que o barco do ego fique a deriva no oceano do inconsciente. Terrível destino! Negar o chamado à viagem é auto-eco-ssassínio. Nesta situação, “o futuro não é encarado em termos de uma série incessante de mortes e nascimentos, e sim em termos da obtenção e proteção do atual sistema de ideais, virtudes, objetivos e vantagens.”¹²⁷ Deixar de ampliar seu conjunto de crenças e valores, submetendo-os a continua renovação é desejar o fim da autopoiese do psíquico e a morte da psique. Significa submeter-se a uma viagem sem retorno, onde o arauto e o deus viram as costas ao indivíduo. Tornam-se seus inimigos reais. Amorfo e terrível engolirá o ego doentio. Claro, para que outro deus senão aquele constituído somente pela vontade de seguir ao ego? Tornam-se rivais – e rivais em jugo desigual. “A própria divindade tornou-se seu terror; pois, evidentemente, se for o seu próprio deus, então o próprio Deus, sua vontade, o poder que destruiria o sistema egocêntrico de cada um, se transformará num monstro.”¹²⁸

Mas, porque os deuses importunam aos humanos com suas questões filosóficas? Por que eles têm o domínio das idéias, dos julgamentos e das verdades. Neles residem todas as primeiras ações e as respectivas conseqüências. E não se cansam de vigiar seus protegidos ou seus perseguidos. No inconsciente inacessível eles orientam ou assombram as pretensões do ser; mostram-se nos sonhos ou nas circunstâncias do cotidiano. Vigiam o ser, pois moram no ser e são indissolúveis dele. O arauto é o mensageiro dos deuses e portador da sua voz: voz para o anúncio da viagem salvífica, ao mesmo tempo em que orienta o ser a ela.

Mas se a necessidade (*αναγκη* – *ananké*) da vida convencer o ser a encarar o desafio, então ele tem um longo trajeto a seguir, sem possibilidade de desistência, com retorno garantido à existência coletiva. O mesmo arauto que anunciou a necessidade da viagem assume então um papel ambíguo:

protetor e perigoso, maternal e paternal, a um só tempo, esse princípio sobrenatural do agente de proteção e orientação reúne em si todas as ambigüidades do inconsciente – e por isso significa o apoio dado à nossa

¹²⁶ CAMPBELL, 19--., 66-7.

¹²⁷ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 19--., p. 67.

¹²⁸ CAMPBELL, 19--., p. 67.

personalidade consciente por parte deste sistema mais amplo e, ao mesmo tempo, o caráter inescrutável do guia que seguimos, o que representa um perigo para todos os nossos fins racionais.¹²⁹

Assumida a grande viagem, o ser aproxima-se do primeiro limiar, que marca a divisão do mundo conhecido para o mundo do desconhecido, do inexprimível e do fantástico que constitui o inconsciente. Como já disse, o inconsciente é habitado por inúmeras figuras primordiais, os arquétipos. Nos sonhos ou nos contos de fadas, estas regiões podem ser desérticas, insulares, lacustres, fluviais, marítimo-abissal, ou ainda uma terra totalmente estranha. Quando o ser se aproxima desta região, ele entra em contato com a sua nudez e sente medo. Medo de perder-se; medo de desintegrar-se, enfim, de morrer. Quando o medo cresce, é preciso ter bem viva na memória a instrução do arauto – seguir desbravando. Quanto mais se prossegue, mais medo temos. E vão surgindo seres estranhos, fantasmas do passado, animais monstruosos, seres cuja forma não se pode definir. E a cada passo nos despimos, ficando completamente nus. Parece que os monstros nos exigem isso. Ficam para trás a beleza do traje, o estilo pessoal, as identificações com grupos específicos, os guetos, os gestos, as posturas. O arauto surge e fala dos perigos que estão logo adiante¹³⁰. O ser amedronta-se, mas surge um risco de coragem e ele segue. Encolhe-se cada vez mais, petrificando-se. Raspa os cabelos, os cílios, extirpa *piercings*, perde as unhas e os dentes. Sente seu fluido vital escorrendo pelos poros, junto com sangue. Tem medo – o medo de morrer – e tem desejo – desejo de prosseguir e viver¹³¹. Mais monstros. Morrendo... mais... esgotando-se pelo medo e pela desproteção aparente.

Sussurrando... Ai!

Silêncio.

(...)

Morreu?

¹²⁹ CAMPBELL, 19--., p. 77.

¹³⁰ Cito aqui Jung, para não quebrar a descrição poética do início da Viagem. Jung chama de Velho o arauto, e justifica que esta figura aparece com grande frequência tanto em sonhos quanto nos contos de fada. “O velho sempre aparece quando o herói se encontra numa situação desesperadora e sem saída, da qual só pode salvá-lo uma reflexão profunda ou uma idéia feliz, isto é, uma função espiritual ou um automatismo endopsíquico. Uma vez que o herói não pode resolver a situação por motivos externos ou internos, o conhecimento necessário que compense a carência, surge sob a forma de um pensamento personificado, isto é, do velho portador de bom conselho e ajuda.” (JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 214-5).

¹³¹ cf. LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da realização**: dos medos do eu ao mergulho no ser. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 35.

Vemos o ser nu. Nu das suas idéias, concepções, valores, vontades. [Inclusive da sua vontade de poder e da sua vontade de verdade unívoca]. Despido daquilo que ele mais amava e prezava: suas características que o individualizavam, lhe conferiam *status*, davam certezas e seguranças. Que endossavam seu domínio de pensamentos sobre si e sobre os outros, ao mesmo tempo em que o estimulavam a prosseguir naquele *continuum*. Daí vinha seus domínios de condutas, auto-avaliativas e altero-avaliativas. Mas parece que nada disso restou. O que vemos é uma matéria embrionária. Praticamente um feto.

Eis que surge o grande monstro, mil vezes maior que a própria imaginação. Abre a boca, e deglute o ser-alma-penada inteiro, sem uso das mandíbulas que mastigam. No ventre, nosso herói torna-se de fato o que agora é: um novo feto. No útero, o herói conhece a face dos seus medos e os desmistifica. Ele tem “medo de ser diferente, de ser rejeitado por aqueles dos quais ele se diferenciou.”¹³² Finalmente reconhece a alteridade e a sente correndo nas veias. O medo do diferente cessou. Faz parte do todo.

O herói perdeu tudo: mas não perdeu a direção do seu objetivo; misteriosamente, algo nele não ficou para trás. O objetivo de vida: a busca pela individuação salvífica. No interior do monstro, o herói está privado do tempo e do espaço. Foi retirado. Sua existência está confinada a um escuro, a um caos, onde só acontece o que o herói pensa. O que o herói revê no seu processo de autodespir-se. O herói conhece seu *self*. O herói vive seu *self*, que é a única coisa que ele pode experimentar. O herói está em si e somente em si. E se nutre desta experiência. E cresce.

[Adendo propício: Estar no útero é como entrar num templo sagrado, num espaço reservado aos deuses. Ao entrar pelo portal

sua natureza secular permanece lá fora; ele a deixa de lado, como a cobra deixa a pele. Uma vez no interior do templo, pode-se dizer que ele morreu para a temporalidade e retornou ao Útero do mundo, Centro do Mundo, paraíso terrestre. (...) O herói cujo apego ao ego já foi aniquilado vai e volta pelos horizontes do mundo, entra no dragão, assim como sai dele, tão prontamente como um rei circula por todos os cômodos de um palácio.¹³³

A comparação do útero ao templo afirma a relação entre o inconsciente coletivo e o panteão de deuses que o habitam.]

O feto-herói cresce... é o caminho da iniciação. Está no “estágio da purificação do eu em que os sentidos são purificados e tornados humildes e as energias e interesses

¹³² LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da realização**: dos medos do eu ao mergulho no ser. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 48.

¹³³ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 19--., p. 93.

concentrados em coisas transcendentais.”¹³⁴ Neste momento o feto-herói se vê morto. São-lhe apresentadas todos os seus pertences antigos: suas roupas, suas pretensões, seus penduricalhos, seus *piercings*. Vê tudo aquilo que era o seu antigo eu. Aquela massa toda de objetos personifica-se e cria vida novamente. Então o feto-herói o engole ou é engolido por ele. Assimila o seu ‘outro’. O feto-herói percebeu sua *persona* e sua *sombra* e se apropriou dele conscientemente; ele “descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne.”¹³⁵

Muitas outras provas de idêntica natureza se seguem, outros medos a enfrentar, outros monstros a aniquilar, num crescendo, esperando o desafio final.

* * *

E Ela chegou
Ora voluptuosa, ora materna
A Deusa
E a grande ananké
Casar-se sem ser engolido
Casar-se e não se perder
Obter a revelação
Do bem e do mal
O elixir da imortalidade
Dos mistérios que a perfeição
Rejeita
Adia
Mas concede.
Tornar-se um mundo
No mundo
Dos hermafroditas¹³⁶.

¹³⁴ CAMPBELL, 19--, p. 105.

¹³⁵ CAMPBELL, 19--, p. 110.

¹³⁶ O hermafrodito é o último arcano maior do tarô, que representou nas suas lâminas, a viagem da individuação. Nela vemos a grande uróboros, a serpente que morde a própria cauda, símbolo do fim da viagem arquetípica do herói. No centro, o ser com a genitália escondida, o segredo da sua sexualidade (veja Anexo A). Na cerimônia hierogâmica vemos a completude do ser e a sua versão em ambos os sexos simultaneamente. É a apropriação do segredo feminino da imortalidade (a *sapientia* lida em Jung) pelo herói e símbolo da sua transmutação salvífica. (cf. JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis**:

* * *

Encontrar a deusa e dela aprender. É a última tarefa do herói. No ponto central do *self*, ela está deitada no seu trono, geralmente de ouro cravejado com pedras preciosas. Ela reside “no ponto central do cosmo, no tabernáculo do tempo ou nas trevas da câmara mais profunda do coração.”¹³⁷ O herói tem sua visão ofuscada pelo brilho vigoroso. Detêm-se, acostuma a íris e vê a imagem da “perfeição, a resposta a todos os desejos, de onde provêm as bênçãos da busca terrena ou divina de todo herói. (...) Pois ela é a encarnação da promessa de perfeição.”¹³⁸ Ela também é a mãe má, e aqui reside o grande paradoxo de toda a viagem: A deusa é o princípio gerador de tudo que é vivo, ao mesmo tempo que é a morte de tudo o que é morto. Ela é o *holos*. Sem seus segredos, o herói não tem como regressar com êxito. Pode-se esperar de tudo: sua ira ou sua benignidade.

Pois ela é a criadora do mundo, sempre mãe e sempre virgem. Ela abrange o abrangente, nutre o nutriente e é a vida de tudo o que vive. Ela é também a morte de tudo o que morre. Todas as etapas da existência são realizadas sob sua influência, do nascimento – passando pela adolescência, maturidade e velhice – à morte. Ela é o útero e o túmulo. (...) ela une o ‘bom’ e o ‘mau’, exibindo as duas formas que a mãe rememorada assume, em termos pessoais e universais. Espera-se que o devoto contemple as duas com a mesma equanimidade.¹³⁹

Se o herói for perspicaz o suficiente, perceberá que este paradoxo é a condição da vida. Perceberá que todas as formas de sentimentalismo ou ressentimento são posturas inadequadas à sua figura heroica e compatíveis a uma vida infantilóide que retira da vida suas leis e imagens inerentes: triunfos, derrotas, afetos, agressões. A natureza do ser está sempre na diagonal formada entre os eixos da bondade e da maldade – no íterim da existência completa.

A aproximação deve primar pelo cuidado na aproximação, de preferência sem se deixar notar, se a beleza da deusa for ofuscante por demais, resultado da aparência mais adequada à deusa. Muitas vezes, a deusa não espera por visita e delicia-se na sua contínua existência da perfeição da forma. Neste caso, o herói deve ser sorrateiro, preservando sua segurança. A deusa, vista em sua plenitude, e percebendo que está sendo vigiada, mata. Todavia, se esta deusa estiver metamorfoseada, muitas vezes como

pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 25-6).

¹³⁷ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 19--, p. 111.

¹³⁸ CAMPBELL, 19--, p. 112.

¹³⁹ CAMPBELL, 19--, p. 115-6.

uma criatura horrenda, pedindo beijos e afagos, a aproximação mais desejada é aquela que combina o cuidado, a gentileza, a verdade de intenção e a palavra sincera.

Travado o conhecimento, o herói entra em dança com a deusa. E na dança da relação, há a instrução. “A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende.”¹⁴⁰ Este aprendizado pode ser somente no nível do intelecto. Muitos mitos narram heróis que retornam com um conhecimento capaz de modificar a sua estrutura biológica. É o caso de Odisseu. Outros mitos acentuam, além deste conhecimento do *holos*, um elemento físico, como Cérbero nos trabalhos de Heracles ou o couro de um carneiro consagrado a Zeus, o velocino de ouro, no mito de Jasão. Em outra série de mitos, encontramos o retorno da mulher amada com o herói que a foi buscar ou do homem amado pela heroína resgatadora, respectivamente no mito de Orfeu e Eurídice e de Eros e Psique.

Na apoteose da aventura, vemos o herói sábio: o mundo não o subjuga mais, o herói está no mundo ao mesmo tempo que o contém dentro de si; “A dor e o prazer não o encerram; ele os encerra – e numa profunda tranquilidade.”¹⁴¹ O herói atingiu o aprendizado e usufruiu de uma razão mais ampliada, que contempla tanto suas vivências conscientes quanto às aquelas inconscientes. Tanto às ditas masculinas quanto as femininas. Chegou à contemplação do *holos*, do todo, do pleroma (πληρομα – completo, total). Chegou a sua integridade psíquica, de caráter hermafrodita. O mistério da união dos opostos. Jung define-os de uma maneira rasa, a princípio: “Os fatores que se unem na coniunctio são concebidos como opostos, que ou se opõem como inimigos ou se atraem amorosamente um ao outro.”¹⁴² Aprofunda a definição quando diz “que os pares opostos apresentam um caráter que transcende a consciência. Não pertencem eles à personalidade do ‘eu’, mas a ultrapassam.”¹⁴³ O hermafrodito é “um filho que anula o que há de oposto nos pais e forma uma natureza dupla e unificada.”¹⁴⁴

O herói é aquele que, da vivência que teve, apreendeu a sabedoria da alma feminina: fecunda, espirituosa, livre, sensível, amável, mas também mortal.

¹⁴⁰ CAMPBELL, 19--, p. 117.

¹⁴¹ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 19--, p. 145.

¹⁴² JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 1.

¹⁴³ JUNG, 1985, p. 4.

¹⁴⁴ JUNG, 1985, p. 26.

* * *

Regressar já não posso

É tão difícil

Agora

Só mais 5 minutinhos...

* * *

O retorno é difícil. Sair do mundo do esquecimento de si é urgente, pois nosso herói precisa voltar ao mundo cotidiano, a fim de inaugurar uma fase de vida mais feliz e mais completa, além de ensinar suas conquistas aos seus parceiros. Mas, assim como nascer do ventre pela primeira vez, sair do ventre do Centro do Mundo é doloroso, incômodo e indesejável.

Muitos fracassos comprovam as dificuldades presentes nesse limiar que afirma a vida. O primeiro problema do herói que retorna consiste em aceitar como real, depois de ter passado por uma experiência da visão de completeza, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida. Por que voltar a um mundo desses? Por que tentar tornar plausível, ou mesmo interessante, a homens e mulheres consumidos pela paixão, a experiência da bem-aventurança transcendental? (...) O mais fácil é entregar a comunidade inteira ao demônio e partir outra vez para a celeste habitação rochosa, fechar a porta e ali se deixar ficar.¹⁴⁵

A vida externa do herói permanece do mesmo jeito de quando ele a deixou, para afundar-se no mergulho, na viagem pelo inconsciente dos deuses-potências, dos deuses que são fatores, e que regeneraram o ser. Voltar ao cotidiano faz o herói correr o risco de ser feito de chacota, por falar de coisas de que os seus não entenderão, muito menos assimilarão. As resistências ao retorno são tão fortes quanto as que se mostravam no início da viagem. Primeiro o herói nega o chamado por medo de se retirar do mundo dos egos; agora nega o regresso por medo de não ser aceito na sua metamorfose.

Sem dúvida, o herói que regressa deve sobreviver ao impacto da realidade. O herói precisa sobrepor os dois mundos, as duas vivências e constituí-las como uma vida só. O arauto do chamado aparece novamente e mostra o meio de locomoção que ajudará

¹⁴⁵ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 19--., p. 215.

o viajante a chegar seguro na sua terra; Na Odisséia, mito que descreverei mais a frente, Odisseu volta a sua terra natal, Ítaca, num barco, que é despedaçado próximo à costa uns dez dias. Ele vaga pelo mar, que é quem o deposita na praia da sua terra. Desacordado, ele sente a areia; quando acorda, não vê o limiar que o separou da última tempestade ao seu estado final. O mar que recebeu o herói agora o devolve, são e salvo. Quer dizer, vivo. Ao chegar à terra, o herói se vê numa posição suja, inferior, barbado, mas tem o sentimento do regresso da morte. Ele passou por ela, fitou-a nos olhos, provou do seu odor. Renasceu. O mundo dos mortos é *dos mortos*; o dos vivos é *dos vivos*. O herói é, por isso, senhor dos dois mundos. “A liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo causal e vice-versa é o talento do mestre.”¹⁴⁶

Retornado, agora ele tem a difícil tarefa de ser reconhecido pelos seus, reconquistar sua confiança e retomar o que era dele por direito.

2.5 Alguns mitos – Do que tratam os mitos do renascimento?

O mito da viagem ao mundo dos mortos e sua volta tem, como já mostramos, uma estreita relação com a individuação psíquica. Todo ser, por ter arquétipos do viajante-herói, do arauto, da deusa, dos caminhos do inconsciente coletivo, pode aventurar-se na sua viagem solitária ao mundo do *não-é-mais*, ao mundo da fantasia arquetípica. A passagem pela água do inconsciente marca a ida e a volta do viajante. Veremos agora, como esta viagem é narrada em três diferentes mitos gregos olímpicos, suas nuances e características próprias.

2.5.1 O mito da relação Deméter-Perséfone-Hades

Deméter deitou-se com Zeus e lhe deu a bela Perséfone como filha imortal. Um belo dia, Perséfone saiu para colher flores no campo no campo e não voltou mais. Ao ser surpreendida pela beleza de um narciso, não se conteve e arrancou-a do solo. Da terra aberta, abriu-se um grande abismo e dele saiu Hades com seu carro guiado por seus cavalos imortais. Raptou a bela donzela e a levou para o mundo ctônico, a fim de fazê-la sua esposa e rainha dos caminhos subterrâneos. Ele havia sido flechado pela seta de Eros

¹⁴⁶ CAMPBELL, 19--., p. 225.

e apaixonara-se pela amável e bela Perséfone. Zeus, seu irmão havia dado a donzela a ele sem o conhecimento da mãe.

Deméter, angustiada, demorou muito tempo para saber o que acontecera com sua amada filha. Ninguém entre os mortais ou imortais tinha coragem de dizer-lhe o ocorrido. Ela vagou por nove dias até obter a resposta que esperava de Hélio, o Sol, filho de Hipérion, tio de Deméter. Ele narrou o que sucedera e a grande Deméter, em sinal de luto, não mais permitiu que qualquer erva nascesse da terra. Foi um período de muita miséria entre os humanos. Deméter abandonou o Olimpo e foi ao reino de Céleo para viver seu sofrimento. Descuidou-se de sua aparência, não mais beberia o néctar nem comeria a ambrosia. Tomou a forma de uma anciã, de forma a tornar-se irreconhecível. Como a fome assolava os mortais, os imortais descobriram seu paradeiro e foram tentar convencê-la a voltar ao Olimpo e a presidir os atos de germinação. “Mas ninguém conseguiu persuadir a deusa irada a alterar sua decisão. Ela não poria os pés no flagrante palácio do Olimpo, nem a terra voltaria a dar frutos, enquanto não visse mais uma vez a filha.”¹⁴⁷ Zeus então mandou o mensageiro Hermes, único imortal do Olimpo que tinha um certo acesso ao mundo subterrâneo, para falar com Hades e pedir que devolvesse a raptada. Hades consentiu e comunicou à Perséfone, que no exultante júbilo não percebeu que o marido havia colocado na sua boca um grão de Romã, a fruta dos mortos. Assim, mesmo que voltasse a superfície, teria que ficar um terço do ano ao lado do marido. E foi o que aconteceu a partir de então. Perséfone voltou para o aconchego materno. Voltaram ao Olimpo, o reino onde há luz eterna. No período em que Perséfone estava com a mãe, Deméter ficava feliz e permitia a floração e a germinação das sementes. Quando não estaria mais com sua filha, entristecia-se e nada nascia.

Perséfone tornou-se então a ‘temível’ (επαινης – epainês), pois presidiria, estando ao lado do marido, os ritos fúnebres. Ela, que outrora era a “de alvos braços” (λευκώλενον – leukólenon), conheceria, a partir de então, os segredos tanto de tudo que é banhado pela luz quanto do que mergulha nas trevas. Ela é a deusa que reside no consciente luminoso e no inconsciente da penumbra. Ela é a deusa dos dois mundos e por esta razão pode servir de paradigma ao nosso viajante. Não passa mais que um terço no hades por saber que os mortais necessitam de tudo o que brota do chão. Sem seu retorno, nada mais haveria de vida sobre a terra, sem ser os imortais olímpicos. Também o mundo olímpico não teria mais suas preocupações na vida das cidades, nem seriam honrados pelos *brotói*. Perséfone precisa voltar para que o ciclo das novidades

¹⁴⁷ KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 184.

reapareça, para que a vida seja continuada, reafirmada e melhorada. O retorno da deusa de alvos braços marca o renascimento de tudo que é vivo; marca o cíclico, a *renovatio*. Perséfone, a temível, retorna do mundo dos mortos com o adendo da promessa da vida.

2.5.2 O mito da relação Hera-Heraclés-Maçãs de ouro

Já sabemos que Hera é o arquétipo da mulher casada, estável e ciumenta. Esposa do rei Zeus do Olimpo nevado, é a Rainha. E é ciumenta com razão; sabe das escapadas do marido traidor, que trai para ficar cada vez mais poderoso e dominador¹⁴⁸. Nascendo imortal, nada pode fazer; nascendo mortal, vinga sua fúria na tentativa de extermínio, tanto da amante, quanto do rebento. E é o que ocorre com Heraclés.

Alcmena casara-se com o rei Anfitrião, de Tebas. Este casamento só seria consumado depois que o rei vingasse a morte dos irmãos da rainha Alcmena, que foram assassinados pelo rei Ptérela, da ilha de Tafos. Anfitrião vai à guerra e é neste íterim que Zeus, travestido de Anfitrião, visita a cama da rainha e durante três longas noites. Ao regressar, o rei explode em ira e decide matar numa fogueira Alcmena. Por providência de Zeus, cai uma chuva que apaga a fogo e anfitrião decide perdoar a esposa, afinal, havia sido ela também enganada. Nasceram duas crianças, Íficles, filho de Anfitrião e Heraclés, filho de Zeus. Desde o princípio das vidas dos irmãos, as diferenças apareciam e o rei anfitrião logo aos oito meses teve a comprovação de que Heraclés era realmente filho de Zeus. Aconteceu que Hera manda duas serpentes peçonhentas ao leito dos irmãos; Quando o pai chega ao quarto dos filhos, por conta do choro desesperado de Íficles, depara-se com Heraclés segurando as duas serpentes, estranguladas e mortas. Bebeu o leite dos imortais do seio de Hera, num episódio em que Atena, a filha sábia de Zeus, lhe pôs para mamar enquanto a deusa dormia. Cresceu rapidamente e casou-se com Mégara, princesa de Tebas. Teve inúmeros filhos com ela.

Mas Hera não poderia fazer outra coisa senão vingar-se do herói. Havia sido enganada e ultrajada, quando permitiu que Heraclés sugasse o leite imortal, traço que conferia uma legitimidade quanto a sua paternidade. Mandou ao seu encontro Λυσσα (Lýssa – Raiva) e Άνοια (Ánoia – Demência). Num acesso de fúria, matou todos seus filhos e os de seu irmão.

¹⁴⁸ Todas as traições de Zeus tem o caráter de afirmar a soberania de seu poder. A exemplo disto estão seus conúbios com Métis, para gerar Atena e ter o controle da sabedoria, com Têmis para ser pai-dono da Igualdade, da Justiça e da Paz, com Deméter, para controlar a fecundidade e dar uma filha como esposa do irmão das trevas (já relatado).

Recuperada a razão, o herói dirigiu-se ao Oráculo de Delfos e pediu a Apolo que lhe indicasse os meios de purificar-se desse morticínio involuntário (...) A Pítia ordenou-lhe colocar-se ao serviço de seu primo Euristeu durante doze anos, ao que Apolo e Atena teriam acrescentado que, como prêmio de tamanha punição, o herói obteria a imortalidade.¹⁴⁹

Para passar por todas as provas, Heraclés fez uma clava para si. Todas as demais armas, ganhou de imortais: uma espada de Hermes, arco e flechas de Apolo, uma armadura de Hefesto, um peplo de Atena e cavalos de Posidon. Os trabalhos¹⁵⁰ podem ser divididos em dois grandes grupos: os seis primeiros com cenário na planície do Peloponeso e os outros seis em regiões distantes, conhecidas pelo mundo conhecido¹⁵¹. Em cada trabalho, Heraclés foi vencedor, pois matava a fera ou resolvia o problema definitivamente, fato que levava Euristeu a eleger o próximo trabalho. Pessoalmente, em cada vitória, Heraclés aprendeu uma virtude ou valor. Heraclés sempre soube da sua força e na juventude nunca teve limites. Os trabalhos amadureceram o herói no seu nível psicológico. Em todos, a morte lhe rondou, mas não lhe beijou. Aprendeu que a astúcia é melhor arma que a força bruta, o domínio dos vícios, o poder espiritual que emana do ser, a sabedoria. Foi ao Hades, e em conferência com o deus (do) invisível trouxe o cão Cérbero vivo a Euristeu. Após devolvê-lo ao seu reino, partiu para a última prova.

As Hespérides são as filhas de Atlas, o Titã que sustém a abóbada celeste. São três ou quatro, segundo narrações diferentes, e, juntamente com a serpente Ládon, vigiam o jardim onde está a árvore que contém os pomos, as maçãs de ouro¹⁵². Esta árvore foi dada de presente por Gaia a Hera, quando do casamento com Zeus. A última prova de Heraclés era trazer, a seu primo, as desejosas maçãs. Mas não imaginava onde seria este secreto jardim e assim pôs-se a procurá-lo. Obrigou Nereu, o ancião do mar, filho da potência primordial Pontón, a indicar-lhe o local. Vagou pela Líbia, pelo Egito e pela Arábia. Venceu vários confrontos contra monstros e embarcou na taça em que Hélio viaja todos os dias. Chegou ao Cáucaso e libertou o Titã Prometeu das correntes em que fora acorrentado por ordem de Zeus. Em troca deste grande favor, Prometeu lhe aconselhou que não colhesse e próprio as maçãs, mas que pedisse ao pai das

¹⁴⁹ BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 519.

¹⁵⁰ Resumidamente, os trabalhos são: (1) morte do Leão de Neméia, (2) morte da Hidra de Lerna, (3) rapto do Javali de Erimanto, (4) rapto da Corça de Cerínia, (5) morte das aves do lago de Estinfalo, (6) limpeza dos Estábulos de Augias, (7) rapto do Touro de Creta, (8) rapto das Éguas de Diomedes, (9) captura do cinturão da Rainha Hipólita, (10) rapto dos bois de Gerião, (11) busca de Cérbero e (12) busca dos pomos de ouro do jardim das Hespérides.

¹⁵¹ BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 520.

¹⁵² KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 54-5.

Hespérides, Atlas. Assim fez quando encontrou o Titã. Atlas gostou muito da idéia, pois estava, desde seu nascimento, sustentando o céu (o que não deve ser uma função muito agradável, convenhamos...) ao retornar do jardim, com as maçãs em mãos,

disse ao filho de Zeus que iria pessoalmente levar os frutos preciosos a Euristeu. Heraclés fingiu concordar e pediu-lhe apenas que o substituísse por um momento, para que pudesse colocar uma almofada sobre os ombros. Atlas nem sequer desconfiou. O herói, então, tranquilamente, pegou as Maçãs de Ouro e retornou a Micenas. De posse das maçãs, Euristeu ficou sem saber o que fazer com elas e as devolveu a Heraclés. Este as deu de presente a Atena, a deusa da sabedoria. A deusa repôs as Maças de Ouro no Jardim das Hespérides, porque a lei divina proibia que esses frutos permanecessem em outro lugar.¹⁵³

Com tamanha façanha, o Olimpo já não podia mais ignorar os feitos de Heraclés. Hera percebeu que não havia maneira de matar seu odiado, pois ela mesma o amamentou. Havia lhe dado o elixir da imortalidade, do seu peito. Subjugou ou matou todas as terríveis criaturas que existiam no mundo dos mortais e dos imortais, muitas delas nascidas da própria Hera (como a Hidra de Lerna), ou criadas por ela (é o caso do Leão de Neméia). As próprias maçãs de ouro foram-lhe dadas no seu conúbio e eram fortemente vigiadas pelos imortais já citados. Hera comandou a loucura que iniciou o suplício de Heraclés pensando que este não resistiria nem ao primeiro dos testes, tanto mais a doze. Mas Heraclés mostrou que é um herói. Teve seu chamado numa situação de fúria, num erro, como já citamos na descrição do monomito, mas chegou a iluminação da volta dos extremos do mundo, tanto atravessando o Estinge e o Aqueronte para capturar Cérbero, quanto tomando a taça do imortal Hélio para chegar ao titã que sustenta o céu e às Hespérides, guardiãs do presente matrimonial.

Recebe então a imortalidade. Segundo Hesíodo:

A Hebe, o filho de Alcmene de belos tornozelos valente Heraclés após cumprir gemidosas provas no Olimpo nevado tomou por esposa veneranda, filha de Zeus grande e Hera de áureas sandálias; feliz ele, feita a sua grande obra, entre imortais habita sem sofrimento e sem velhice para sempre.¹⁵⁴

2.5.3 O mito por detrás da Odisséia de Homero.

A história narrada em Odisséia é a continuação da epopéia *Iliada*, também de Homero. Odisseu é o rei de Ítaca, esposo de Πηνελόπεια (Penelópeia –Penélope) e pai de Telêmaco e luta ao lado da liga helênica liderada por Agamenon quando estes atacam

¹⁵³ BRANDÃO, 1991, p. 529.

¹⁵⁴ HESÍODO. *Theogonia*: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 159.

Tróia por causa da fuga de Helena para aquele país. Quando está regressando para sua terra natal, uma grande tempestade afunda-lhe o barco em que viaja. Perdido e solitário chega à ilha de Calipso, deusa que habitava uma gruta na ilha de Ogígia.

Enquanto isso, sua esposa o espera, mas como Odisseu não retorna, começam a circular rumores de que ele havia morrido. O palácio de Odisseu começa então a ser invadido por algumas dezenas de pretendentes, querendo desposar a bela Penélope e tomar a coroa. Importante saber, desde já, que Penélope jamais traiu seu esposo. Inventou inúmeros obstáculos para escolher um novo marido e sempre teve fé de que Odisseu estaria vivo, mesmo sem notícia alguma.

O nosso herói é mantido refém da deusa na ilha por nove anos, pois Calipso havia se apaixonado por ele. A cada dia que passa, a cada aurora que nasce, Odisseu pressente que jamais retornará a Ítaca; jamais verá sua família, seu chão e suas posses. Ele é o herói nu. Passa por várias ilhas e reinos diferentes, sempre perdendo parte de sua tripulação. Depois chega a Eéia, ilha de Circe, a feiticeira imortal que também se apaixona por ele, não querendo que prossiga num primeiro momento. Por mais que os deuses determinem a volta de Odisseu, este percebe-se pouco ajudado e constantemente lamenta que Zeus e os habitantes do Olimpo lhe abandonaram. De fato “sem o amparo de ninguém, Odisseu inventa soluções para todas as dificuldades. Os deuses, que decretaram seu regresso à pátria, ofereceram recursos imprecisos para realizá-lo. Odisseu é vitorioso por ser quem é.”¹⁵⁵ Nosso herói age como se estivesse só¹⁵⁶.

Mas por que sofre tanto? Novamente a viagem do herói é deflagrada por um erro. Ulisses vazou o único olho do ciclope Polifemo, o que causou a ira do pai, Poseidon, o deus dos mares. Este motivo é suficiente para que o deus tente impedir seu regresso à Ítaca, além de desejar matá-lo.

O encontro com Circe, a feiticeira das belas tranças, é o clímax do desespero do nosso herói. Ela enfeitiça sua tripulação, transformando-os em porcos. Euríloco, o sobrevivente da catástrofe corre para Odisseu, que estava com outra parte da tripulação vasculhando outra área da ilha. Na mata, o herói recebe a visita de Hermes, que lhe ensina o que fazer para não sucumbir aos feitiços de Circe. No seguir da longa narrativa, Circe, ameaçada, restitui-lhes a forma humana e ainda lhe indica o que falta para que Odisseu retorne à Ítaca: precisa aconselhar-se com o adivinho Tirésias, já morto, no Hades.

¹⁵⁵ SCHÜLER, Donald. Por que ler a Odisséia? In: HOMERO. **Odisséia**: vol. 2 – Regresso. Porto Alegre: LP&M, 2007, p. 9.

¹⁵⁶ Na realidade não terrena, a deusa Atena cuida do regresso do herói pessoalmente.

* * *

Pensamos (e cantamos num lamento):

Pobre coitado! Acorde contundente,

frio,

E desesperador

Tanto sofreu – quase morreu

Tantas desgraças – fracassa?

Ainda não, longe está o fim, tenha certeza

Só será herói quando a primeira morte dobrar

Sofrer é o seu destino, pois

Desnudo busca a sua verdade

aquela verdadeira

[mesmo passando por Letes]

não teme,

segue

proclamador de glórias e tristezas

não se vê

herói vencedor de demandas

não se percebe

mas sublima-se

não esquece o busca,

mas busca o novo ser.

* * *

Odisseu ergue o mastro e desamarra a vela. Enquanto descansa, “o sopro de Βορϵας (Boréas) fará o trabalho”¹⁵⁷ Bóreas é um dos três ventos, filho de Aurora e Astreu¹⁵⁸. É o vento forte que paira sobre o mar. Sendo vento marítimo, é o vento do inconsciente, aquele que nos leva para o centro do Hades, o centro da psique, no vislumbre do hermafrodita. Guia-nos sem erro, basta que nos deixemos levar. O herói já foi separado da sua realidade concreta, já passou por muitas circunstâncias desastrosas, mas ainda está vivo. Impressionante! Com tantas imagens fantásticas, não é de se duvidar que a *Odisséia* seja uma grande história que desvela um grande mito, ou melhor, uma possibilidade de ser considerado monomito. “A *Odisséia* nos libera o rico mundo dos sonhos, assustadores e reais, embora contrários à experiência cotidiana. Também por esse caminho a *Odisséia* nos ensina a desbravar o mundo interior.”¹⁵⁹

A *Odisséia* é a “aventura maravilhosa ou terrível dos homens do mar”¹⁶⁰. Chegamos ao terrível. Depois de um dia inteiro de viagem sob o comando do deus-vento, a tripulação chorosa chega ao destino: a cidade dos cimérios, envolta em névoa. É o pedaço de terra que “Hélio, de raios luminosos, não logra contemplá-la quando percorre o caminho que sobe ao céu estrelado nem quando, ao declinar, baixa os olhos, lá do alto para a terra”¹⁶¹. É o útero escuro, onde moram a possibilidade, os meios e a energia para o retorno. É o lugar onde o si-mesmo mora. Tão logo o herói obtenha o que procura (no caso, o mapa do caminho de volta), deverá sair, renascido, sob pena de ficar lá por o todo-sempre. A audiência com Tirésias, o profeta cego, acontece e Odisseu recebe as informações que lhe permitirão retornar em segurança para casa. Primeiramente, explica a Odisseu porque Poseidon tanto o persegue. Poseidon sente κοτος (kótos – cólera) por causa do filho ferido. Depois adverte sobre uma viagem difícil até uma região em que habitam os rebanhos de Hélio, pastagens repletas de bois, ovelhas e cabras. Se a tripulação sacrificar as reses, desastroso será o fim destes. Odisseu ainda fala com outras sombras, mediante o sangue sacrificado que ainda resta na cova que preparou a fim de falar com Tirésias. Sua mãe é a primeira, depois, Alcmena, mãe de Heraclés, Jocasta, a mãe incestuosa, Leda, a mãe de Castor e Pólux, dois heróis, Ifimédia, que tivera de Poseidon dois filhos, que foram dizimados pela intenção de

¹⁵⁷ HOMERO. *Odisséia*: vol. 2 – Regresso. Porto Alegre: LP&M, 2007, p. 175.

¹⁵⁸ O casal Ηως (Eós – Aurora) e Αστραίω (Astraío – Astreu) teve os filhos-ventos Ζεφίρο (Zéfiro), Βορϵης (Boréas – Bóreas) e Νοτος (Nótos). (Cf. HESÍODO. *Theogonia*: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 126-7)

¹⁵⁹ SCHÜLER, Donald. Por que ler a *Odisséia*? In: HOMERO. *Odisséia*: vol. 2 – Regresso. Porto Alegre: LP&M, 2007, p. 8.

¹⁶⁰ DUFOUR, Médéric. Introdução. In: HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 6.

¹⁶¹ HOMERO. *Odisséia*: vol. 2 – Regresso. Porto Alegre: LP&M, 2007, p. 179.

exterminar os deuses do Olimpo. Depois ainda viu Agamenon, Aquiles, Pátroclo, Ájax, Heraclés entre tantos outros heróis e desconhecidos.

Mas a hora de voltar chega. Saindo do Hades, volta até a ilha de Circe. Lá ainda passou uma noite e dela ouviu outras falas premeditórias, afim de que se salvasse e chegasse à Ítaca. Mais monstros: primeiro as sereias, que enlouquecem os corações dos homens e os jogam à morte no mar; depois duas bestas, que são vizinhas em um estreito entre duas grandes montanhas rochosas. De um lado, Σκυλλη (Skýlle – Cila), a terrível ladradora de doze pés disformes e seis pescoços muito longos, com cada um terminando com uma boca enorme dotados de três fileiras de dentes pontiagudos. Do outro lado, Χάρυβδις (Chárybdin – Caribde), a que engole a água do mar e tudo o que vier nela. Circe também o avisou do rebanho de Hélio.

Odisseu passa pelas sereias, amarrado; Cila fica com seis de sua tripulação e Caribde não engole sua embarcação. Ao chegar próximo de uma ilha, observou os rebanhos de Hélio, a alegria dos mortais. Apesar de não querer parar na ilha e seguir viagem, sua tripulação, liderada por Euríloco (o que tinha visto Circe transformar os companheiros em porcos), fê-lo desembarcar na ilha. Odisseu consente, mas adverte: “Amigos, reforço a ordem. Sirvam-se do que temos no navio. Não toquem nos bois para evitar calamidades. Estes bois e estas ovelhas pertencem a Hélio. Enxerga tudo, escuta tudo. E é severo.”¹⁶² Passaram-se dias e o suprimento do navio acabou. Como ventos não sopravam a favor dos navegantes, enquanto Odisseu dormia, os homens, castigados pela fome e temerosos de morrer por ela, decidiram sacrificar um dos bois de Hélio. Nos espetos, a carne crua ou assada continuava a mugir e a se debater. Depois de seis dias deste fato, o mar acalmou-se e soprou vento propício a viagem. Longe da terra, Zeus manda uma pesada nuvem escura, que com raios e ventos, destroi a nau. O mar o leva novamente para o desfiladeiro onde habitam de um lado Cila, do outro, Caribde. Zeus poupou a vida, vendando os olhos de Cila. Odisseu se segura num tronco de figueira e escapa de ser deglutido com a nau por Caribde. Quando o que sobrou da embarcação retorna para o desfiladeiro, na visão do herói, ele se joga e, agarrado a um tanto de madeira, chega à terra dos feáceos, onde narra os acontecimentos ao rei Alcino e à corte.

De lá, parte em nova embarcação até sua terra, Ítaca. Adormece e quando acorda, já está em terra firme, sua terra. Mas não a reconhece, já que está coberta por uma espessa névoa, providência de Atena. A deusa lhe aparece sob a forma de um menino e lhe pergunta sobre quem é, de onde veio e por que veio. Odisseu lhe inventa uma

¹⁶² HOMERO. **Odisseia**: vol. 2 – Regresso. Porto Alegre: LP&M, 2007, p. 231.

mirabolante história, mas a deusa revela sua forma verdadeira e diz que não precisa temer, pois está em Ítaca. Diz que Ulisses não pode ser reconhecido por ninguém, pois assim o matarão – todos aqueles que pretendem o seu lugar ao lado de Penélope. A deusa também o transfigura num mendigo e, pouco a pouco, reaparece aos seus: primeiro, o guardador de porcos, Eumeu, depois a seu filho, Telêmaco e por fim a sua esposa, Penélope. Num plano traçado por Atena, Odisseu mata todos aqueles que tentaram usurpar seu trono e sua família, retomando seu lugar de rei, de esposo e de pai.

Feçam-se as cortinas da história. Adentremos nos bastidores. Desculpe a longa narração.

A viagem de Odisseu¹⁶³ é cheio de símbolos, como convém a um mito. Sublinharei os que mais saltaram aos meus olhos. Evidentemente, cada um, lendo a totalidade do texto, seus vinte e quatro capítulos, observará diferentes nuances e outros símbolos. Perceberá outras características que me passam despercebidas ou ocultadas na lente que uso para filtrar as figuras do discurso. Principio falando do início do mito: a desgraça de ter sido engolido pela fúria de Poseidon no regresso de Tróia. O mergulho no mar. O chamado à viagem não foi apenas chamado. Odisseu foi obrigado a embarcar nela, ao mergulhar na água. Aqui mora a segunda figura: a água – o meio onde repousam as deidades, no Inconsciente Coletivo, mar da alma. Por toda a viagem, auxílio velado dos deuses: no cuidado diário de Atena para com Odisseu, na sua intercessão perante os deuses no Olimpo, pedindo pelo retorno dele, no encontro providencial do herói com Hermes, que o salvou dos feitiços de Circe, nas dicas preciosas de Circe para chegar ao Hades, desviar da atenção das sereias e conseguir escapar ileso da fúria dos monstros marinhos, Cila e Caribde; de não partilhar do banquete do rebanho de Hélio. Odisseu escapou da morte, tanto no Hades, quanto depois da visita, pois escutou a voz dos deuses. Escutou a voz do seu inconsciente e concluiu a viagem com êxito.

Visitou terras distantes e desconhecidas, que também são palcos do inconsciente. A sensação de estar longe de casa é premissa para prosseguir na viagem. Não está na água, mas não está em casa. Na narrativa, este fato aparece para lhe oferecer novos contornos ao ego. Em cada partida, Odisseu recebeu inúmeros presentes, ouro, prata, roupas, carne, pão e vinho. Estes presentes mostram-se como novas possibilidades ao ego, para que ele não desapareça na diluição aquífera. Lembremo-nos: a υδop θεiων (hýdor theion – água divina) dissolve o ego, ao mesmo tempo em que

¹⁶³ Ainda preciso dizer que Odisseu não é herói por ser filho de um deus ou de uma deusa; é mortal. Tornou-se herói devido a sua jornada espetacular.

determina novas formas para ele. A cada presente, novas características, novas possibilidades; a cada naufrágio, a dissolução das certezas e o medo de não regressar.

Olhemos agora às deusas Circe e Calipso. Ambas apaixonaram-se pelo herói. Nos encontros amorosos temos o aspecto sublinhado por Campbell – o *hieros gamos* – o casamento místico. Na história de Odisseu, o fato de ter se deitado com as deusas desencadeia, primeiramente, o segredo dos corações delas, segredos estes que permitem ao herói uma viagem com possibilidade de sucesso. Graças a estas relações, o herói afeta os corações vulneráveis das deusas, que, impelidas pelo seu sentimento, protegem o herói das desgraças pelas quais ele passaria, através de avisos premonitórios. Hesíodo, na Theogonia, aponta filhos nascidos de Circe e Calipso, frutos da relação com Odisseu; Circe gerou Ágrio, Latino e Telégono; Calipso gerou Nausítoo e Nausínoo,

‘Odisseu ergue o mastro e desamarra a vela’. Retomemos agora este momento da narrativa. Odisseu mais uma vez se coloca à disposição do acaso, do numinoso que faz progredir a viagem. De outra forma, ele não chegaria ao Hades e sua viagem estaria fadada ao completo fracasso. Parece-me que este ato de ‘deixar-se levar’ é condição única de prosseguir na viagem. Por detrás deste comportamento podemos ler o herói exausto e sem motivação. Mas me parece também que neste ‘largar as rédeas’ do destino mora a possibilidade do agir inconsciente. E de fato, Bóreas, como um arquétipo, como um deus, inspira o pensamento de ser direcionado pelo numinoso. Fica claro que o ego nada mais faz, senão subjugar-se à vontade e aos caprichos do *divino-incontrolável-que-mora-no-inconsciente*. O inconsciente tem aqui um exemplo de ação clara, ação sem erro, precisa e rápida.

A Odisséia nos mostra um belo exemplo de retorno na estrutura do monomito. Primeiro surge Odisseu ainda em sono profundo. Ele não percebe que chegou. Depois, Atena envolve em brumas a terra amada de Ítaca, para que Odisseu não a reconheça. Ele volta sem saber que voltou e aqui preciso explicar um pouco mais este fato. Se, ao regressar, o herói visse a terra ao longe e a reconhecesse, um grande ímpeto tomaria seu coração, devido às saudades que sente no peito, no coração. O regresso ‘aos poucos’ é uma garantia dos deuses para o sucesso de todo o empreendimento que foi feito pelo herói. É a garantia de que o herói, tomado por novos ideais, não colocará tudo a perder pela pressa e pela ânsia de reconquistar seu lugar no seu mundo. Aos poucos, o herói recupera a memória de tudo o que vê e percebe que precisa de um *plano*, um artifício, para que seja reconhecido e aceito, sem alardes, sem confusão. A reintegração do herói ao seu local de origem precisa ser feita com paciência, afim de que todos os

conhecimentos que o herói acumulou em sua longa viagem possam ser administrados e incorporados a sua existência de forma cautelosa, contínua e definitiva. Não adianta a imposição dos novos ideais, das novas vestimentas do ego; estes devem ser incorporados aos poucos, para que os parceiros do viajante que regressa possam assimilar as diferenças conquistadas, modificando suas próprias vontades, seus próprios valores e finalmente suas próprias ações.

O regresso cauteloso faz o herói detectar os parceiros que ainda lhe são fieis, aqueles que lhe aceitarão, apesar da aparência modificada, do ego revestido com outros acessórios. No caso de Odisseu, temos o zelador dos porcos, seu filho, sua esposa e alguns dos seus servos. Muitos dos habitantes da sua casa, os pretendentes ao seu lugar, tiveram um sobressalto ao percebê-lo de volta. Os cuidados com a exposição da própria figura e o adiamento desta aparição tornam-se armas para a derrota dos parceiros-falsos, dos usurpadores de função. Reunir os aliados para a batalha final, esta é a estratégia que Atena aponta para Odisseu.

* * *

Reconhece?

Não!

Onde estou?

Como estou?

[Reviso-me e, pasme,

ainda sou eu,

mas diferente]

Nas sutilezas da minha terra

Na penumbra da minha volta

Vejo-me um estranho

Forte

Perdi-me

Encontrei-me

A-lethos

Verdadeiro, sem olvido.

* * *

3 O AGIR PEDAGÓGICO IDEAL NO SISTEMA VIVO AULA: CONSTRUÇÃO DE UM PARADIGMA PEDAGÓGICO PESSOAL BASEADO NA AUTOBIOGRAFIA

Sério. Muito sério. E parece que basta; pelo menos *pra* mim. Não escreverei aqui nada que não tenha nascido do meu vô, da minha viagem. Certifiquei-me de minha loucura e agora preciso conferir-lhe o mínimo de contorno e clareza [por mais que a loucura esbanje clareza ofuscante – assim como são os deuses]. Certo de que voltei com alguma visão, dita ‘objetiva’, de minha viagem, procurarei desenvolver alguns tópicos que me parecem pertinentes de serem tabulados como referências, à guisa de um primeiro fechamento. Beberei de outros autores, e não são muitos, que parecem escrever e pensar como seres que passaram pela experiência de renascer do umbral do mundo para si e para o mundo.

Frustrado, mas pressionado pelo rigor acadêmico, preciso dizer; construir epistemologicamente um paradigma de minha ação, por mais que isto não seja urgente para ninguém. É urgente só para obter o grau de mestre. Urgente, urgentíssimo mesmo, é agir. Formação de conhecimento no cotidiano. [Acho que tenho lido muito Rubem Alves – sempre as frases que mal nascem, já morrem. O rigor acadêmico prefere menos charadas, mas sou tão afeito a elas que não me permito renegá-las ao tártaro. Desculpas. Mais tarde, assim espero, entenderás. A linguagem poética é assim. E me entendo muito mais como um cantor do que como jornalista.]

(...)

Resolvidas em mim as dores do parto, preciso retomar, de maneira mais forte o conceito de Aula como sistema vivo [evidente, que de maneira tangencial, não absoluta]. E com caixa alta. Já disse que todo sistema, se for vivo, está vivo por permanecer em autopoiese. Se deixar de estar em autopoiese é porque já *não é* mais. Todo sistema vivo tem uma organização, que lhe assegura o pertencimento a uma classe de organismos. Os seres humanos tem a mesma organização, independente da sua origem econômica, racial

ou religiosa. Todos têm uma mesma rede neural que regula as funções que asseguram a vida. Nestas funções mora a autopoiese. Também têm, os indivíduos, estruturas, que são os que determinam a alteridade. Cada ser processa de maneira única tudo o que constroi. Cada construção, um conhecimento. Cada conhecimento, uma ação. E assim a vida se perpetua. No conhecimento há a autopoiese. Se ela não há mais, morre tudo: ação, pensamento, construção. Na estrutura mora o ego, as identidades construídas desde o nascimento: o lar, as amizades e suas espécies de relações. Mora também tudo aquilo que foi recalcado pelo indivíduo, seu conteúdo de complexos recalcados no inconsciente pessoal. Na organização, mora o inconsciente coletivo, os sentidos da humanidade e seus respectivos aprendizados psíquicos; seus deuses e seus monstros, suas sereias e seus heróis-exemplos. Para a estrutura não falir, há de ter o renascimento, que traduzo agora [espero não tão tardiamente] como autopoiese. Assim a autopoiese determina a renovação da estrutura e da organização, o que significa dizer que, se um ser está em autopoiese, está vivendo e renascendo constantemente. Está tendo seu mergulho diário nas águas do coletivo e trazendo os tesouros para seu sistema ego-persona-sombra. Trazendo aglutinação para seu novo ego, *ainda antigo – recém coagulado*. Também está diluindo, com a *acqua vivificans*, os complexos do IP, que podem ser somados ao ego, resolvendo as questões energéticas da psique.

O parceiro pedagógico que renasce treme de medo de não ser mais reconhecido como participante da realidade da Aula; primeiro porque não reconhece a Aula como sendo sua também [As brumas de Atena ainda lhe cegam os olhos para a terra]; depois porque não tem certeza que seu *plano de inserção* na realidade ainda estagnada irá funcionar. Mas o arauto lhe mostra os passos a seguir, baseando-se na paciência da conquista e nas ações parcimoniosas. O mapa a ser desenhado conta com o papel divino, com o lápis da intuição que habita nos sonhos e com a borracha que apaga o medo. Desenhar o mapa da ressignificação. Resignificar-se é entender-se de outra maneira, aceitar a metamorfose que a visita ao Hades proporcionou. É, literalmente, significar-se novamente. Revestir-se de outras roupas, de outros adereços, outros colares, outras botas. Novo cabelo, nova barba, nova aparência. Resignificar-se é olhar no espelho da água inconsciente e gostar, aceitando o que vê.

O que é a Aula? Vamos, diga você! Depois de tudo que já escrevi, aposto que tens alguns palpites. Pare e pense. Pare e voe sobre o desconhecido que tentei desvelar nesta dissertação. A aula não é o plano de aula, nem a estrutura de 40m² da sala. Muito menos o conteúdo, muito menos o sentar à classe, falar e ouvir. Muito menos a

avaliação. A Aula não é a nota ou conceito atribuído. A Aula não são as discussões, os debates. A Aula não é muita coisa. Mas se me atrevesse a responder, cortaria

as asas do pensamento. O pensamento é como a águia que só alça voo nos espaços vazios do desconhecido. Pensar é voar sobre o que não se sabe. Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas.¹⁶⁴

Então convido: antes de prosseguir, pense e responda, com as asas que tens; feche este monte de letras e procure nos teus sonhos a resposta mais absurda: O que é a Aula que este escrevente-maluco, este sonhador-viajante-de-outros-mundos propõe?

(...)

[Presumindo que não fechaste as laudas, guiarei um sonho]

Era uma vez... uma região, muito a oeste da que estás. [Abre os olhos do teu coração e vê. Não adianta ver com os olhos da face. Insisto, com os olhos do coração!] Estás na terra do oeste-poente. Estás navegando, montado(a) em uma água-viva, verde. Verde-limão, com traços verde-bandeira-do-Brasil. Estás preso(a) a ela por um fio de ouro, que sai do ventre, te amarra os pés e para o ventre volta. Estás sentado? Não! Estás em pé. O equilíbrio não te pesa, pois há algo que te puxa para cima – não há lei da gravidade. Se não estivesse amarrado, voaria alto, ao Olimpo [mas isso não te é permitido – lembra-te, o olhar do deus cega o teu]. A altura é enorme. Num átimo de tempo, chega a um bosque, onde tudo é cinza. Várias tonalidades de cinza. A árvore central, vermelha e as maçãs, de ouro. Ali vivem esquilos, que tem a boca maior que seu próprio corpo. Sim, isto é possível. Eles mordem as maçãs douradas e, a cada mordida, mudam de cor. Olhas e percebe que estás mudando de cor também – o que aconteceu? Também estás comendo os frutos. Surpresa? Não, sonho.

Mas pra que tanta divagação ilusória? Por que no sonho mora a construção da realidade própria, intransferível e sempre diferente a cada visita onírica. No sobrevoar a terra-do-nunca mora a possibilidade da criação, inclusive das respostas! Erradas ou não, são as respostas.

Mas voltemos à resposta que esperas: O que é a Aula? A Aula é a autopoiese de si, perpétua, sem controle, pautada sobre a insigne do desconhecido volátil que a pontua. A Aula é o eterno vai-vem das emoções de seus parceiros que modulam cores ora vibrantes, ora opacas, no desenhar das possibilidades de ser e de ser-com. A relação também é autopoética e renova-se no fluir das emoções que determinam os pensamentos, os sonhos. A Aula, para ser de fato, precisa ser minimamente caótica, para

¹⁶⁴ ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2005. p. 78

que os parceiros criem vigor nas suas suposições e nos seus erros, para que aprendam a riscar seus mapas conforme suas necessidades de ser, conforme suas *anankói*.

O que é aula? O professor (oh, palavra inédita!) desvendou o mundo que conhecida, mostrou o seu mapa (o mapa do passado, do construído pelas gerações científicas modernas). Mostrou ao aluno (oh, palavra inédita!) a trilha que percorreu a humanidade e lhe deu a herança morta dos conhecimentos, para que não haja esquecimento, nem sofrimento desnecessário, nem arrependimento pelos erros cometidos. Isso tudo que enumerei é aula. A Aula surge depois disso. Ela surge no parceiro renascido que percebe as asas em si e as procura no dorso de sua companhia. “O Mestre sabe que todos os homens são seres alados por nascimento, e que só se esquecem da vocação pelas alturas quando enfeitados pelo conhecimento das coisas já sabidas.”¹⁶⁵ Mas volta-se para a frente, no alto da montanha que divisa o reino do passado (atrás deles) e do futuro (a frente). Lá adiante, não há pedras seguras para pisar, nem suprimimento em local demarcado. A viagem é inédita, impossível aos olhos da razão, sedutora aos olhos do sonho. “É preciso navegar. Deixando atrás as terras e os portos dos nossos pais e avós, nossos navios tem de buscar a terra dos nossos filhos e netos, ainda não vista, desconhecida. (Nietzsche)”¹⁶⁶

O agir pedagógico ideal é loucura para quem não traz em si as marcas da viagem que imortaliza. O que chamo de agir pedagógico ideal depende de parceiros que, tornando-se herói de si e para os outros, constroem outros pensamentos, mais delirantes para a razão cega, todavia mais pertinentes no caótico meio. Constroem outros afetos que mobilizam outras disposições, outras condutas. Percebem que sem essas condutas, sua autopoiese cessa, o ser morre e a Aula torna-se aula.

Pontuarei outras características da aula agora. A aula é cheia de logos punitivo e delimitador. Explico-me: na origem do ser, no momento do nascimento primeiro, há uma abundância de possibilidades. A mãe o olha e percebe que nos seus braços há a possibilidade de reviver. Neste momento, todos os seus sonhos, suas frustrações, seus medos e angústias, bem como todo o carinho e atenção voltam-se ao recém-nascido. Então ela diz: vai ter saúde! Ela deseja tudo o que for bom para aquele ser. É o amor no desejo materno. Pouco a pouco a criança se desenvolve, até aparecer um indício de dom, o prenúncio da vocação laboriosa. E os pais dizem: Ela será engenheira! Ele será jogador de futebol! Na palavra, no feitiço do logos, nasceu a educação. “Educação é isto: o

¹⁶⁵ ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2005, p. 84.

¹⁶⁶ ALVES, 2005, p. 85.

processo pelo qual os nossos corpos vão ficando iguais às palavras que nos ensinam. Eu não sou eu: eu sou as palavras que os outros plantaram em mim.”¹⁶⁷ As múltiplas possibilidades de ser vão sendo descartadas, e nós, ficamos vivendo nas palavras que nos disseram. Tornamo-nos palavras ditas, não palavras brotadas de nós mesmos. Na escola, tornam-se seres considerados inúteis para a sociedade, que os deseja formatados (formados), úteis à produção, úteis ao PIB. “Tudo tem de ser transformado em lucro.”¹⁶⁸ Os alunos, assim como seus professores precisam transformar-se em produtores com excelência, com controle de qualidade. A excelência dos procedimentos técnicos exclui os delírios, as fantasias e as incertezas; afinal de contas, para um produto ser digno de confiança no mercado, ele deve ter essa excelência. Professores, acadêmicos e universitários adquirem um pensamento que “se tornará excelente ao preço de perder a sua liberdade.”¹⁶⁹ A excelência do projeto depende da castração das asas e do processo de acostumar-se ao solo, sempre seguro. É desejar que a borboleta, de asas coloridas, abundante de movimento e possibilidades, livre do solo torne-se novamente a lagarta, sésil, presa a segurança da folha que a sustenta e nutre. À borboleta sobra ousadia – perigo à autoridade imputada do professor; à lagarta, sobra submissão ao vegetal que a nutre, “não tem coragem de se desprender das seguras folhas onde rastejam.”¹⁷⁰

Atenhamo-nos agora a desejável transmutação da aula em Aula. Ao professor, o que professa, declara, detentor da autoridade e do saber acumulado, é imbuída a missão de sedimentar no a-luno o conhecimento transmitido de gerações passadas. Ele deve fazê-lo a fim de evitar o erro, este que, alguns creem, gera sofrimento e perda de produtividade. Para tanto, utiliza-se das técnicas mais econômicas, as que garantem sucesso na resolução, numa otimização do tempo, que não é muito.

[No ensino técnico, em que atuo o ato de providenciar o conhecimento técnico musical, incluindo a decodificação da partitura e o domínio da motricidade no instrumento é fundamental à realização da performance, mas não constitui a totalidade dela. O aparato técnico a que me referi é o que deve preceder a parte pessoal, esta sim, exclusiva do intérprete que tange as cordas, que percute as teclas ou que canta. E é, depois do conhecimento teórico-motor, o que individualiza o som, o torna especial e inconfundível. Depois que tudo o que foi ensinado está ligado intrinsecamente à natureza biológica, é então hora de esquecê-lo, para fazer surgir a arte. Na aula de

¹⁶⁷ ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2005, p. 35.

¹⁶⁸ ALVES, 2005, p. 42.

¹⁶⁹ ALVES, 2005, p. 51.

¹⁷⁰ ALVES, 2005, p. 70.

música o professor ensina ao aluno a pauta, a digitação correta, os tempos e os acordes. Na Aula de música, não se ensina nada; busca-se a visão daquela vasta porção de terra que ainda não foi pisada. Ela permanece virgem, e chama, sedutora: Venha, não tenha medo dos perigos que trago cravados em mim. Arrisque! Voe!. A nova porção de terra representa o retorno a pátria, e as possibilidades de futuro que ela traz.]

“Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza.”¹⁷¹ Conhecer e pensar o parceiro pedagógico e a realidade circundante. Deixar de univocar sobre tudo e todos e abrir não do conceito pré-concebido dos seres e das situações é deixar-se levar pelas asas do inconsciente, pelo Bóreas que nos faz flutuar no terreno do possível. Morin nos estabelece um processo a ser considerado na questão recentemente formulada para o fenômeno epistemológico pós-moderno, transdisciplinar. Toda ação precisa ser considerada como um ponto na existência comum que trará um infundável “jogo de interações e retroações no meio em que é efetuada, que podem desviá-la de seus fins e até levar a um resultado contrário ao esperado.”¹⁷² Além disto, toda ação começada num ponto pretérito tem consequências últimas imprevisíveis¹⁷³. Nesta perspectiva, qualquer programa que determine ações e suas reações caem por terra; por mais que o professor, na aula, pontue seus objetivos e sua metodologia, o efeito nas realidades individuais serão minimamente o que supunha o docente. O programa é fixo, séssil como a lagarta que tem sua área de ação e de existência demarcada. A ele opõe-se a *estratégia*, que também visa a um objetivo, mas inclui as informações colhidas no trajeto rumo ao objetivo, incorporando-as ao novo desenho de mapa, bem como todos os acasos que possam ser encontrados no trajeto¹⁷⁴. E agora a surpresa, a coroação da dúvida. Neste desafio de colocar-se como sujeito ao descontrolo pessoal, dos parceiros e do meio, surge a mítica-onírica *aposta*. “A aposta é a integração da incerteza à fé ou à esperança.”¹⁷⁵ É a parcela do transcendente na ação. É aquele sentimento, cheio de possibilidades e de suspeitar o melhor. Apostando, lança-se num caminho, desejando a conquista, o bem-maior. Apostando, reitera-se a possibilidade de considerar o insuspeito como ajuda, o desconhecido como aliado, depositando nele o poder de uma deidade.

¹⁷¹ MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 59.

¹⁷² MORIN, 2007, p. 61.

¹⁷³ Cf. MORIN, 2007, p. 61-2.

¹⁷⁴ Cf. MORIN, 2007, p. 62.

¹⁷⁵ MORIN, 2007, p. 62.

Sem medo, os parceiros podem criar seus mapas, contar a própria história a si mesmo e a sua descendência. Partilhar, fundando suas verdades, que serão, logo mais, terreno conhecido, desbravado. A borboleta não teme; ela confia no vento, na chuva, na existência de uma flor logo adiante, onde ainda há penumbra. A borboleta só segue, e na sua bagagem, espera o momento do seu fim – e o recomeço (talvez não consciente).

3.1 Poema ao leitor – [*Ser e as Moiras*]

* * *

E a primeira delas começa a fiar
um fio duplo
Surgiu a vida, parêlha com a morte
O fio de uma
o fio da outra
ela é Klothos – a fiandeira
a mais nova,
ela detém a plenitude da criação
da existência perpétua-por-enquanto
do que responde em mim como vida
e do que me espera logo a frente
dos caminhos que trilharei
dos desafios pelos quais passarei

Fiado um bom tanto
Eis a segunda
Olha o trabalho de sua irmã
E quantifica
“Deu tanto”
É Lákesis – a medidora
Fita métrica
revê tudo
filma com seu ato todos os meus
todos os acertos
todos os erros
todas as filigranas do meu ser

e do meu agir

E a primeira retorna
Na ânsia do tecer
E produz mais
E os fios do meu destino
Tão só
com o outro
meus parceiros
E o tecido
Textura inigualável
Compõe-se
E a figura surge
Expressão surge
Comum-nicação

Mas (...)
Depois de tanto tecer
Depois de tanto medir
De tanto desenhar
Figuras oníricas,
De tantas tapeçarias

ÁTROPOS
A inflexível
Detentora da lâmina aguçada
Interrompe a ciência das mais novas
Corta
E meus fios se esvaem
A figura desenhada perde a textura
Fios puxados, extirpados
Ex-tinta

* * *

Sou todas. Somos e temos todas as três filhas da Noite no péto. Nas duas primeiras, a prudência do feitio, da atividade criadora, que só fia, não lhe importa o resto... quer produzir. Na segunda, a avaliação, o observar e o conferir, revisitando o que foi gerado. Na ação das duas mais novas Moiras, o incessante feitio-avaliação. Crescendo em textura, crescendo em imagens, os fios das vidas dos parceiros compõem um mosaico único, de textura única, de uso destinado a tudo que lhe prouver.

Mas sou também a terceira, somos todos! Átropos – a inflexível, que decide o corte, a poda, o fim do processo, o fim do desenho, o fim do calor da manta sempre ainda feita. A mais velha, aquela de estatura mais baixa, a que cessa. Na aula, sou eu, docente, que, temendo o posto ocupado, censura, temendo, como Cronos e Ouranós, o fim da primazia de um reinado que nos enchia os olhos. Na Aula, é o projeto desgastado pela falta de vida que brota dos parceiros, insatisfeitos com a obra e com seu resultado, mais uma vez adiados. Na Aula, a terceira moira é a face no espelho, no dizer que desta vez não deu. Na aula, a terceira moira aniquila. Na Aula, ela introduz a possibilidade das suas irmãs começarem a fiar mais uma vez.

As moiras representam também o medo da morte. “O comprimento do fio que elas atribuem a cada mortal é decidido exclusivamente a elas: nem mesmo Zeus pode influir-lhes na decisão.”¹⁷⁶ Zeus, portador da Razão, a nossa razão que dorme no inconsciente divino não decide nada, nem, da vida (o fiar) nem da morte (o cortar). Mais uma vez somos jogados no acaso das dúvidas: para que temer a morte, se ela virá, querendo ou não? Concentremo-nos no tecer e no medir, que é o que produz.

3.2 Novos conceitos – Reflexões sobre o currículo

No meu cego ver, o currículo é necessariamente o vínculo entre três domínios de condutas: a escolha da ementa, da metodologia e da avaliação. Necessários entes na conjuntura atual? Não sei, e neste não saber procurarei relativizá-los, encher-lhes de sonhos, até que sejam figuras oníricas, quase inconscientes. Os delírios, como me apraz chamar também estes entes objetivos. Seguem, então, breves descrições.

Delírio da Ementa

Ementa é o conteúdo. O conteúdo contém. Portanto, iniciou a vida da Aula. O que conteúdo tem? Massa, densidade, textura, conteúdo. E isso tudo está nas vidas dos

¹⁷⁶ KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 37.

parceiros pedagógicos. Se a Aula é viva a partir da possibilidade da vida *no* conteúdo, o Conteúdo é o que propicia esta vida. “O corpo não suporta carregar o peso de um conhecimento morto que ele não consegue integrar com a vida.”¹⁷⁷ Daqui uma penumbra: donde tiramos conteúdo? Da vida de quem nutre a Aula. E a vida é complexa: *conteudar* é perceber esta teia e determinar-lhes movimentos de interações entre as informações que nos mobilizem a viver melhor. (Aliás, me parece um bom objetivo para a cultura). Quem são os *conteuadores*? Ora, tudo e todos que estiverem na Aula.

Quem dita o conteúdo é a vida, que fala de quem vive. O conteúdo é o alimento da curiosidade daquilo que queremos saber da vida. E o sentido que na vida percebemos é imperfeito, dada a nossa natureza primeira incompleta, porque o exercício do *cuidado de si* (termo foucaultiano), que pode servir de sinônimo ao exercício perpétuo da individuação, termina e se culmina somente com a urgência do exercício da morte – o *melethe thanatou* – na “ventura da morte”¹⁷⁸. Na ação de Átropos, no cessar do tear.

É a explicação do tempo, o característico do fenômeno. Vemos que conteúdos se acumulam, sobrepõem-se como os tempos que se sucedem. Transformam-se e fazem surgir mais vida. E onde nasce o conteúdo? Onde o descoberto virou curiosidade científica sobre a imanência do que é cognoscível, a terra que surge a frente, e materializou-se à humanidade em formas de ciência num contexto de atração e aderência ao contexto. Decidir sobre conteúdos, fácil: que se decida pelo mais relevante. Mas, um problema. Relevância: quem decide? Minha proposta é que cada um gerencie sua própria curiosidade, pretendendo constituir sua rede de informações primárias, secundárias e as outras tantas que forem surgindo, conforme as necessidades. As necessidades serão as juízas do conhecimento. Ainda bem que as necessidades são imperfeitas e individuais. Assim não há poda. Tudo isso é expresso dentro de normas de linguagem, que devem ser contempladas também na sala de aula. Mas mais do que conhecer objetos e elementos constituintes da linguagem viva, a Aula deve proporcionar o movimento do conteúdo. Aprender com atividade, é ‘meletar’ – praticar, exercitar, dentro de si e depois no externo; E aqui o contorno do conteúdo começa a esmorecer e a ceder lugar para a ação, para o caminhar, para o trilho de raciocínio no projeto de vida do ser. Para o *odós* (*odós* – caminho). Esboçou-se o início da metodologia. O conteúdo tem porque é carregado, rumo a sabe-se lá o que, mas com direções, com movimentos,

¹⁷⁷ ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2005, p. 24.

¹⁷⁸ PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Lisboa: Guimarães Editores, 1988, p. 91.

como práticas de si, na busca do **exercício da existência** – a arte da vida – τηχνη του βιου (téchne tou biou).

Delírio da Metodologia

Etimologicamente, metodologia é a soma de três radicais gregos: meta + odos + logia. Meto (μετα), que sempre será o *com*, o *junto a*, o *entre*, é inconcebível sem seu par gêmeo, idêntico, tal qual, sem diferença, e que se movem numa perspectiva de crescimento mútuo. Essa é a minha utopia. Portanto, η οδος – he odós – quer ser o caminho paralelo, da onde surge seu par inseparável, [constituímos “os caminhos”], aquele sempre novo, geralmente variado de outro predecessor, e que constitui o movimento permanente, ao qual toda ação comunicativa deveria subjugar-se. Ao menos às vezes, (quando a razão mesma permite) dar-se a estas ‘novas ligações’ é um dos horizontes possíveis para procurar realizar o intento da construção dos sentidos das vivências e do seu respectivo relato, e olhar com atenção para este fato já nos faz sentir a necessidade de mudanças na nossa ação, muito mais no nosso procedimento avaliativo, porque nele mora secretamente (leia sussurrando agora) o *definitivo mutante*, o ponto da nova partida em busca de sentidos cheios de coisa boa, de coisa que dá prazer. Mas também o ‘bichinho mau’ o que aniquila de mansinho, procurando corroer aos poucos, através do medo de perder o lugar, de sair do seu lugar, de ser talvez, deus-lhe-livre (ou deus-nos-livre), destronado(s)! Mas quero apostar na primeira opção e considerar a transitoriedade das coisas e a possibilidade sempre existente da auto-superação que emerge com a individuação.

Mas deixando a avaliação para depois, cabe voltar ao outro, onde identificamos nosso parceiro de caminho ou dos múltiplos caminhos, no tempo que nos une. São os prolongamentos da curiosidade e dos conteúdos que a vida constantemente nos dá. Na textura composta pelo acontecimento e pelo saber, delineia-se a metodologia, que também se cria na mutação do tempo e na transitoriedade da existência. “Uma corrente de sentimento que atravessaria o espectro tingindo-se, de cada vez, com uma das nuances, experimentaria mudanças graduais, cada uma anunciando a seguinte e resumindo nela as que a precederam.”¹⁷⁹. Nesta citação, leio a característica prima na minha concepção de metodologia. E baseado também no que disse sobre estratégia anteriormente. Sentimentos, que atravessam o conteúdo nesta textura onde se emaranham acontecimentos e saberes, promovem mudanças. Mudanças vêm dos mais

¹⁷⁹ BERGSON, Henri. **Introdução à Metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, [s.d.], p. 16.

diferentes elementos na Aula, e são elas que desenham a nuance da metodologia. Sentimentos desenham, provisoriamente, vultos de significados, que pertencem a intenções estéticas, de recepção de conteúdo, por parte dos parceiros. As identidades dos parceiros pedagógicos se imprimem no evento e nos fazem uma pergunta, ainda: quem está no centro? Professor ou aluno? Quando não se centra mais a Aula no discente ou no docente, só pra lembrar o gosto desta discussão, mas na própria *relação*, olho e contemplo o outro como digno e o considero importantíssimo. O pensamento das relações nos remete, como educadores críticos, a Paulo Freire e a alguns itens do seu pensamento na *Pedagogia da Autonomia*¹⁸⁰ que enfatiza como essencial a *dialogicidade*¹⁸¹ entre docente e discente [que prefiro chamar simplesmente de parceiros pedagógicos], contemplando as suas experiências (apreendidas através da individuação e dos usos dos sentidos) e sistematizando-as com forma própria.

A questão é que, no conhecimento de si, da concepção de si, na ida ao nosso talo da questão, nasce o botão da possibilidade da relação de si consigo mesmo e com o outro. É nesse encontro entre Platão e Freire que busco entender o caráter dialógico da educação, a curiosidade epistemológica aliada à rigorosidade metódica e o respeito pela diferença¹⁸². Nasceu, a meu ver, o estágio ético da parceria pedagógica. Nesta nova atitude mora a possibilidade interpessoal, onde o diferente é fruto da experiência do outro, da maneira como o outro obteve a *sua* aisthese (αισθηση) e da maneira como construiu a sua idéia/conceito (εννοια, κριση); da maneira como renasceu. Desta base de pensamento podem nascer as mais variadas formas de atividades na sala de aula que deveriam incentivar as expressões individuais e de coletividade, bem como faça nascer, da fronteira entre os conceitos diversos, o diálogo.

E para que nasça o diálogo, há de nascer a linguagem.

[I N T E R L Ú D I O]

A linguagem nasce para morrer na idéia perceptiva do outro. Essa é a premissa de início deste outro discurso sobre a linguagem e da sua possibilidade na construção da Aula. Aliás, ela não só constrói, ela hierarquiza a aprendizagem. E aqui há nosso primeiro problema. Se ela hierarquiza, ela determina a *ordem* dos fatores. Ela não determina a *validade* dos fatores. E isso é o importante não-dito: determinar a ordem não

¹⁸⁰ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹⁸¹ FREIRE, 1996, p. 67

¹⁸² FREIRE, 1996, p. 67

significa determinar o valor da ordem. E este é um problema ético que resolvemos no exercício do cuidado de si e no exercício da conscientização. Estando consciente de si, e permanecendo salvo (na perspectiva já apresentada) o ser pode cuidar dos demais problemas da sua existência.

Mas já que se brinca nesta dissertação, quero brincar. O pequeno, mas importantíssimo parêntese ao pensamento sobre a linguagem científica não poderia ficar fora dessa colcha de retalhos estranhamente cosidos. E utilizando algumas reflexões sobre o *Discurso sobre o Método*¹⁸³, quero pontuar alguns aspectos da própria forma deste trabalho e da sua organização ‘fluidificadamente’ construída. Lembro: o pensamento é muito mais sobreposição do que ordenação linear da razão. Libertar a Razão cartesiana de si mesmo e jogá-la a Razão Fluida utilizando seu próprio manifesto – quase o desenho de um círculo que culmina no catártico – é querer a morte do método e a sua restauração no tanatológico. Reafirmo (nas entrelinhas): entendo *morte* como *renovação*.

A generalização¹⁸⁴, que se propõe Descartes, valoriza o enlace das ciências (no caso dele, a lógica, a aritmética e a geometria). Todavia, o conceito de *verdade* e de *razão* em Descartes parecem reafirmar uma postura dirigida pelo poder da Igreja no seu contexto. No excerto em que ele fala dos “dois tipos de espírito”¹⁸⁵, determina uma valoração, dizendo que o uso da razão tão-somente é suficiente para a apreensão da verdade. Há uma vinculação de razão e verdade, excluindo-se, portanto, todas as demais constituintes do ser: sua alma e seu espírito (isso considerando a possibilidade tricotômica do ser). Do uso do corpo, pouco se fala – imagino que haja uma pretenciosa fuga do corpo, já que ele ainda suscitava apenas (na época de Descartes !?!) ‘pecado’.

Ainda outros pensamentos cartesianos que apenas cito: bom senso, utilizar-se de toda a circunspeção¹⁸⁶, considerar as “diferenças que existiram em todas as épocas”¹⁸⁷

¹⁸³ DESCARTES, René. **Discurso sobre o Método**. São Paulo: Hemus, [s.d.].

¹⁸⁴ “Essas longas cadeias de razões simples e fáceis, das quais usam os geômetras servir-se para atingir as suas mais difíceis demonstrações deu-me azo a imaginar que todas as coisas que podem ser submetidas ao conhecimento dos homens seguem-se do mesmo modo.” (DESCARTES, p. 40-1) Este é, ao meu ver, o principal equívoco cartesiano: considerar a consciência como procedimento padrão é antítese do pensamento fluido de Bergson, onde a consciência e memória são tão individuais. O desenvolvimento das ciências da aprendizagem, em especial a psicologia da cognição (a partir de Piaget) atenta para regras gerais da compreensão do mundo e das suas coisas, mas também aponta, conforme Vigotsky, ao coletivo. Assim, cada ser tem uma consciência própria que lhe configura uma visão específica e conhecimentos específicos, que seguem uma ordem, que não é fixa.

¹⁸⁵ DESCARTES, p. 35.

¹⁸⁶ DESCARTES, p. 37.

¹⁸⁷ DESCARTES, p. 36.

leva-nos a um pensamento muito mais fluido e ‘penumbroso’, que é o que estou desenvolvendo.

Delírio da Avaliação

Dar aval a alguém, dizer que o ser é apto ou não-apto. Tolher ou promover. No grego, apotimó (avaliar), tem no seu radical τιμη (time – valor, preço, custo) essa idéia de atribuir valor, merecimento. Seu parceiro, τιμω (timó) significa honrar, respeitar, homenagear, render homenagem, venerar. E agora, a antítese assustadora: timoría (τιμωρία) castigo, punição pena. Ainda o que executa: timorós (τιμωρος), justiceiro, vingador. Avaliar é conviver com esse paradoxo. Meu delírio sobre a avaliação nasce na sombra do *inacabamento* inerente a qualquer ser, e da idéia do contínuo melhoramento de si. Dar uma ‘garantia pessoal’, no nosso caso, de que possui conhecimento.

E aqui nossos medos explodem.

Último item: quem avalia? Se todos ‘contendaram’ e ‘metodologizaram’, obviamente (pela razão cartesiana da conclusão e da generalização) **todos avaliam**. Talvez daqui nasçam frutos que dignifiquem as profissões docente e discente, dando novos horizontes e interpretações a atividade pedagógica. O que se avalia? Seja lá o que for estipulado, deve conter-se na Aula. Em suma, a Aula é que precisa ser avaliada. A Aula precisa ter aval de que é algo merecedor de importância. Também importa que cada um pesquise em si (pelo exercício diário da busca do si-mesmo) suas limitações e seus anseios rumo a sua consciência-memória e a sua querida conscientização-utopia. E aqui mora também a percepção das coisas, a estesia. Conhecer-se é saber perceber-se. Avaliar-se é perceber o que lhe falta, o que não está concluído. A avaliação retoma a imperfeição e lhe acolhe, motivando a perpétua ‘navegação da vida’.

[CONCLUSÃO]

A Conclusão é a parte final do texto, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos ou hipóteses. Não é um resumo do trabalho nem são apresentadas ideias novas. Esta parte apresenta a(s) respostas à(s) perguntas colocadas no início e pode indicar desdobramentos do tema para futuras pesquisas sobre o assunto. Um dado importante a ser observado é a linguagem utilizada para elaborar o texto. A linguagem científica requer clareza, objetividade e precisão na articulação das ideias.¹⁸⁸

Um esboço sobre Eco-mitologia

Poderei parecer totalmente indisciplinado. E coloco-me neste lugar. Estou distante da partida. Estou no regresso. A minha indisciplina afeta alguns de um modo, outros e outros tantos. A rebeldia sempre deixa uma marca. É uma pergunta: mas por que ele é assim? Declaro: Eu sou assim, pois me renasci todas as manhãs, desde uma, que não me lembro mais. Como é meu renascimento? Como ele foi? Atrevo-me a dizer que pouco importará a ti, leitor(a), saber como ele foi ou é. Neste tipo de experiência, a discurso não traduz as sensações que a experiência produziu ou produz. Importa sim que esta pergunta não deve ser feita a mim, mas a ti mesmo: Como foi o meu renascimento? O que isto me ensinou? Se alguma coisa pode ser dita, acho que redescobrir o parceiro pedagógico, identificando-me nesta categoria, é o escopo de meu renascimento. O renascimento muda a íris: o que antes se via nítido, agora se vê difuso; o que se via difuso, vê-se nitidamente. É o mergulho na *acqua vivificans*: ela dilui as certezas e aglutina as impressões. É como estar numa realidade paralela, onírica. Nos sonhos, viajamos constantemente. Lá, estamos sujeito às **potências** – as que fazem – as que ‘**potem**’ (sinônimo de **podem**). Lá somos meros loucos (referência à carta zero do tarô – o louco), que só sabem navegar na *viagem* (não confunda com entorpecimento). Somos

¹⁸⁸ KILPP, Nelson (coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos**. São Leopoldo: EST, 2006, p. 26-7.

os que analisam seus sonhos. Minha rebeldia é minha loucura. E minha loucura é o meu aprender. Li: “Não sois máquinas! Homens é que sois!” (Frase machista). Paráfrase a parte: **Não sois o que pensai que sois**. E digo com pesar. Porque esta declaração deve ser dita pessoalmente: eu pra mim mesmo. Richard, tu não és aquilo que pensas ser. Duvido sempre. Peço de joelhos, cochichando: duvide sempre. Eu sou isso: um vai-vem onde a velocidade é maior que a da luz. E menor que a existência. E há a percepção do alto, do terceiro incluído da transdisciplinaridade. Do alto, a velocidade é mínima. Lá de cima, se vê tudo diferente. Não se veem cidades construídas milimetricamente, a altura dos prédios e dos ladrilhos. Vê-se uma forma luminosa, com um contorno estranho, às vezes circular, às vezes retangular, às vezes uma mistura de tudo, que o avião do alto olimpo nevado vê por apenas dez segundos. Olho pro lado e pergunto: Que cidade é esta? É a Grande Paris. Não se vê a população correndo pela violência do modo de morrer. Veem-se os clarões de vida deixados pelas bombas. Isto se vê na televisão. Isto se vê nos sonhos. Não nos esqueçamos. **Tudo, inclusive o pensar, foi inventado pelos deuses**. Todas as situações já se passaram arquetipicamente. O problema é o arquétipo: ele é assim – cada um o vê diferente, cada um o concebe ineditamente. Cada um realiza um início, uma genealogia da sua própria origem.

Cuidar de si, cuidando dos outros e do ecossistema. Como? Achando nos deuses arquetípicos as respostas para as respectivas sobrevivências. Só no momento em que a humanidade perceber que precisa cuidar de si para poder, só então, cuidar do meio ambiente e de suas múltiplas relações é que haverá uma nova realidade. Os problemas que nos afetam – guerras, fome, miséria, poluição, efeito estufa, regimes totalitários, violência, crime, corrupção, analfabetismo, doenças, e tantos outros – são frutos de um mesmo fruto podre; no meu ver, a competição que nega o amor. São conseqüências das ações que estão fora do domínio do amor. A cobiça e o desejo de mandar, univocando, calando a alteridade.

Se algo há de conclusivo neste discorrer, não sei. Em mim de conclusivo há a utopia do ainda-não-vencido. Portanto não acharás nenhuma outra conclusão conclusiva. Acharás uma outra, *não-conclusiva*; minha conclusão é cheia de pontos de interrogação e de reticentes pensamentos. Acho que isto é esperado nesta sociedade que plantamos e que estamos colhendo. Lerás meu pensamento sobre as relações da existência neste momento. É o que está na minha cabeça agora. É minha episteme. Ou as que consigo definir em prosa ou verso. **Assim, todo o trabalho que leste é o que me cabe narrar, é o que aconteceu comigo**. Perguntas haverão, e muitas, pois é o que

também há na minha cabeça. O que é a sabedoria senão o esquecimento da lei? Lacunas notáveis, buracos epistemológicos. É o que me falta completar na vida que me resta, antes da última viagem. Minha conclusão aponta um mapa passado, mas ainda contundente no presente. O do futuro? Está sem cores, sem relevo, sem cheiros e sem qualquer outra nuance perceptiva. Como um livro de pintar: preto e branco. Pinte-o como puder, como lhe agradar.

* * *

Por quês

Por que tantos não querem arriscar,
como eu, num dia?
E na vida paralisada
Monótona
Do repetir a velha receita,
por que parecem esconder-se
como eu, num dia?
Por que tantos têm medo?
como eu, num dia?
Por que tantos têm medo de deixar-se governar?
como eu, num dia?
Por que temer a morte?
como eu, num dia?

Será que é tão bom assim, estar a sessilidade, na inércia?

Não sei, não me lembro.

* * *

A dúvida é o meio no qual nasce a sabedoria. A sabedoria é parecida com a fé. E me preservo assim. Na autopoiesia, no eterno acerto utópico em que fomos jogados. Dúvida gera pensamento, que gera conhecimento, que gera sabedoria. Excluo o conhecimento técnico. Este deve ser esquecido na mente e aprendido no corpo. É a ferramenta apenas, em alguns casos. Cuidar assim de si mesmo causa uma atitude reversa; renascido, o ser sente diferente. Hoje provei disto novamente. Temos que nos corrigir, nos rever, de fora preferencialmente.

[Aula/aula de percepção]

Após estabelecer um link entre fraseologia musical e percepção de si,

falei da diferença entre a lagarta e a borboleta.
Falei do claustro-casulo-ventre também.
No auge da hierofania, o corte de um parceiro.
Átropos agiu. Virou aula. Átropos fez.
A primeira ação tornou-se a última.
Se o parceiro não correr ao útero, fará novamente.
Átropos agiu e rasgou a tapeçaria.
Partirei para outra, é o que farei.

É isto que é autopoiese de si para os outros. O arauto insiste. A vida brota incessantemente da terra-gaia-mãe, de sobrenomes amados e odiosos. Terra-gaia-mãe a que gera e a que mata. Nos deuses, a natureza, o οἶκος (oikós, casa). Deles, um jogo entre mortais e imortais, que espera ser, na imposição das existências, superado pela figura do herói. No que constroi com os deuses, não só reage. O herói mobiliza o deus, que não precisa, mas deseja preocupar-se. Veja o exemplo de Atena e Odisseu. Valeu a pena?

Minha conclusão apresentou perguntas. Mas o restante da dissertação (é o que isto pretende ser) procurou mostrar quando elas foram nascendo e onde. E junto com elas as respostas, em forma de conteúdo. A forma sutil surgiu no interno, na psique. Se tiveres acolhido meu sonho, agradeço a atenção e peço que releia o trabalho nesta perspectiva. Se não, desculpe-me o devaneio e o tempo despedido. Procurei falar de coração, não de Razão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- BERGSON, Henri. **Introdução à Metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, [s.d.].
- BÍBLIA SAGRADA. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 19--.
- DESCARTES, René. **Discurso sobre o Método**. São Paulo: Hemus, [s.d.].
- DUFOUR, Médéric. Introdução. In: HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Porto: Edições 70, 1963.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- HALL, Calvin, LINDZEY, Gardner, CAMPBELL, John. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HESÍODO. **Theogonia: a origem dos deuses**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. **Odisséia**. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.

- JUNG, Carl Gustav. **Aion**: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **Estudos sobre Psicologia analítica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KERÉNYI, Karl. **Os deuses gregos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- KILPP, Nelson (coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos**. São Leopoldo: EST, 2006.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da realização**: dos medos do eu ao mergulho no ser. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- _____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. 4. reimpress. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- PIERI, Paolo Franscesco. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SCHÜLER, Donaldo. Por que ler a Odisséia? In: HOMERO. **Odisséia**: vol. 2 – Regresso. Porto Alegre: LP&M, 2007
- SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SOARES, José Luis. **Biologia**: Volume único. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- TORRANO, Jaa. O Mundo como função de Musas. In: HESÍODO. **Theogonia**: a Origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ANEXO A – A CARTA DO HERMAFRODITA